

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/INGLÊS E LITERATURA CORRESPONDENTE

DOING BEING A JUDGE: AN INTERACTIONAL ANALYSIS OF CRIMINAL
EXAMINING HEARINGS IN PORTO ALEGRE, BRAZIL

Por

MÁRCIA DE OLIVEIRA DEL CORONA

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina em cumprimento
parcial dos requisitos para obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS

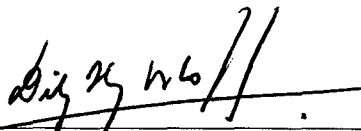
FLORIANÓPOLIS

Março 2000

Esta dissertação de Márcia de Oliveira Del Corona, intitulada Doing Being a Judge: An Interactional Analysis of Criminal Examining Hearings in Porto Alegre, Brazil, foi julgada adequada e aprovada em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente, da Universidade Federal de Santa Catarina, para fins de obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS

Área de concentração: Inglês e Literatura Correspondente
Opção: Língua Inglesa e Lingüística Aplicada



Dilvo Ristoff
Coordenador

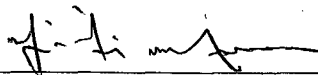
BANCA EXAMINADORA:



Pedro Moraes Garcez
Orientador e Presidente



Viviane Heberle
Examinadora



José Luiz Meurer
Examinador

Florianópolis, 09 de março de 2000.

I dedicate this thesis to Nei Carlos Jacobsen,
for his love and support.

ACKNOWLEDGEMENTS

I would like to thank the people who have helped me in one way or another in the accomplishment of this work. Above all, I would like to thank the judges who granted me permission to collect the data for this research. Their understanding was crucial for the development of this work. Special thanks goes to my family for both the encouragement and the financial support during the year I lived in Florianópolis. I also want to thank Clara Dornelles and Audrei Gesser for their friendship. Finally, I would like to thank Pedro M. Garcez for all the theoretical guidelines and for embarking me on this fascinating journey in interactional analysis.

March 9, 2000.

ABSTRACT

DOING BEING A JUDGE: AN INTERACTIONAL ANALYSIS OF
CRIMINAL EXAMINING HEARINGS IN PORTO
ALEGRE, BRAZIL

MÁRCIA DE OLIVEIRA DEL CORONA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
2000

Supervising Professor: Pedro M. Garcez

Institutional interaction taking place in criminal examining hearings conducted by Brazilian courts was audio-recorded during four afternoons. This data was analyzed from an ethnographic and interactional sociolinguistic perspective. A description of data collection and of the courtroom setting is provided. The overall structural organization of the event is described, as well as participants' roles. The event is found to be structured in different activities coordinated by the representative of the institution: the judge. During these activities, the judge decides what content is admissible and in what order information is to be introduced. The pre-determined pattern of questions and answers gives judges the right to ask questions and constrains deponents to provide answers. Interactions showing judges asking challenging questions while trying to keep a public appearance of neutrality are described. When asking further questions, judges acknowledged receipt of deponents' answers by making use of continuers or by echoing deponents' words, when deponents provided minimal responses to the judges' questions. When deponents provided complex responses, judges acknowledged receipt of deponents' information by formulating the summary of deponents' previous talk. Questions concerning morality are also found to be formulated by judges, despite their demonstrable concern with neutrality. Annoyance with deponents' disconformity with

courtroom procedures is also formulated by judges. Moments when deponents do not behave in accordance with the courtroom procedures they are unfamiliar with do not pass unnoticed by judges. It is observed that one of the main tasks of the Judiciary is not only to see that justice is done, but that justice is “seen to be done”. The publicity of courtroom events transform the activity of the Judiciary into a ceremony of justice.

RESUMO

DESEMPENHANDO A FUNÇÃO DE JUÍZ: UMA ANÁLISE
INTERACIONAL DE AUDIÊNCIAS CRIMINAIS DE
INSTRUÇÃO EM PORTO ALEGRE, BRAZIL

MÁRCIA DE OLIVEIRA DEL CORONA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
2000

Professor Orientador: Pedro M. Garcez

Durante quatro tardes foram gravadas em fita cassete a interação institucional que ocorre em audiências de instrução em tribunais brasileiros. Os dados coletados foram analisados através de uma perspectiva etnográfica e sociolinguística interacional. Foi apresentada uma descrição da coleta de dados e do layout da sala de audiências. A estrutura organizacional do evento foi descrita, assim como os papéis desempenhados pelos participantes. O evento foi identificado como sendo estruturado em atividades distintas coordenadas pelo representante da instituição: o juiz. No decorrer destas atividades o juiz decide quais tópicos podem ser discutidos e em que ordem podem ser abordados. O padrão pré-determinado de perguntas e respostas favorece o direito do juiz de fazer perguntas e constringe os depoentes a fornecer respostas. Interações que mostram juízes formulando perguntas desafiadoras e, ao mesmo, tempo tentando manter uma aparência pública de neutralidade, foram descritas. Enquanto procedem o questionamento, os juízes demonstraram estarem atentos e aparentemente neutros as respostas dos depoentes mediante turnos curtos com uso de continuadores ou ao repetir a resposta dos depoentes, quando estes forneceram respostas curtas. Quando os depoentes responderam as perguntas dos juízes de forma mais complexa, os juízes demonstraram sua atenção às respostas dos mesmos ao formular um resumo da fala

anterior dos depoentes. Questões de formulação de moralidade, por parte dos juízes, também foram encontradas, apesar da preocupação destes em demonstrar neutralidade. Também é formulada pelos juízes a insatisfação dos mesmos devido a desconformidades dos depoentes no que diz respeito aos procedimentos dos tribunais. Juízes não deixam passar despercebidos momentos em que os depoentes não comportam-se de acordo com os procedimentos dos tribunais, apesar dos depoentes não estarem familiarizados com os mesmos. É observado que uma das principais tarefas do Judiciário não é apenas certificar-se de que a justiça é feita, mas certificar-se de que as pessoas estão vendo a justiça ser feita. A publicidade das atividades dos tribunais transformam as atividades do Judiciário em uma “cerimônia de justiça”.

TABLE OF CONTENTS

Acknowledgements.....	iv
Abstract	v
Resumo	vii
Table of Contents	ix
Chapter 1 Introduction: Institutional Interaction in Examining Hearings	1
1.1. Interest in the subject	2
1.2. Statement of the problem	4
1.3. Objectives of this study	8
1.4. Organization of this work	10
Chapter 2 Description of Data and Processing.....	12
2.1. Data collection	12
2.2. The setting	15
2.3. The methodology	18
Chapter 3 Overall Structural Organization of the Event.....	21
3.1. Starting doing business	21
3.1.1. Confirming the legal identity of deponents.....	22
3.1.2. Checking deponents' liability to perjury.....	25
3.1.3. The reading of the charges.....	27
3.2. Fact finding	29
3.2.1. Finding out how the crime occurred.....	29
3.2.2. Potential witnesses	34
3.2.3. Degree of relationship between the suspect or victim and the deponent and defendant's background	36
3.2.4. Defendant's previous police records	39
3.3. Turning the floor over	42
3.4. Closing	45
Chapter 4 Sustaining a Public Appearance of Neutrality.....	48
4.1. Overview	48
4.1.1. Avoiding affiliation/disaffiliation	49
4.1.1.1. Acknowledging receipt of information	49
4.1.2. Displaying disaffiliation	59
4.2. Displaying disconformity with courtroom procedures	65
Chapter 5 Concluding Remarks and Implications	72
5.1. Summary	72
5.2. Concluding Remarks	74

5.3. Implications of this research to language and Applied Linguistics	75
Appendix	77
References	109

CHAPTER 1

INTRODUCTION: INSTITUTIONAL INTERACTION IN EXAMINING HEARINGS

Empirical evidence that the structure of institutional talk-in-interaction differs from the structure of everyday conversation is controversial. According to Garcez (in press), the interest in describing the specificities of interaction in institutional settings has not originated in the development of studies about institutional settings, but in studies of talk-in-interaction which have started to see institutional conversation as a modified version of every day conversation. There are enough specificities in institutional forms of talk, noticed by participants and analysts, which justify this investigation.

Institutional interaction takes place especially because the institutional identity of participants becomes relevant for the work participants are engaged in. The physical setting where this interaction takes place can be irrelevant. For instance, a judge and an attorney may co-construct their institutional identities in an incidental meeting at a party. At the same time, these two institutional representatives may talk about the weekend during the interval of a hearing.

Drew and Heritage (1992) define institutional interaction as follows:

1 Institutional interaction involves an orientation by at least one of the participants to some core goal, task or identity (or set of them) conventionally associated with the institution in question. In short, institutional talk is normally informed by goal orientations of a relatively restricted conventional form.

2 Institutional interaction may often involve special and particular constraints on what both of the participants will treat as allowable contributions to the business at hand.

3 Institutional talk may be associated with inferential frameworks and procedures that are particular to specific institutional contexts. (p. 22)

Institutional interaction has a main orientation to the performance of the task at hand. The interaction is organized in such a way as to accomplish the institution's final goal. Any contribution not recognized as contributing to the task at hand may be seen as inappropriate. Researchers in talk-in-interaction have called this goal which orients participants' actions an "institutional mandate". Because of the institutional mandate, it is always important to produce results out of an institutional encounter. The institutional mandate in courtroom interaction is to process cases. Maynard (1984) found, in his study of plea bargaining, that "organized aspects of the discourse are often occupied with meeting the participants' institutional mandate to process cases" (p. 12). That is, participants share the understanding that this institutional mandate is what sustains the interaction the way it is sustained, and for the time it is sustained.

This work aims at contributing to studies in Applied Linguistics by showing that institutional interaction displays some particular organization that is modified from every day conversation.

1.1. Interest in the subject

This study describes the interaction which takes place in criminal examining hearings, a key activity conducted by Brazilian criminal courts. Examining hearings are held in order to interrogate deponents who might help elucidate the facts involved in a criminal offense.

As will be shown here, participants of such an event act in the institutional roles of witness, judge, prosecutor, defense attorney, victim and defendant. Participants enacting these roles organize their conduct in reference to general features of the task they are engaged in, as institutional interaction usually involves constraints which are demonstrably goal-oriented or functional in character. An example of such a constraint

on the part of the professional in courtroom interaction concerns withholding expressions of surprise, sympathy or affiliation in reply to the lay participants' claims and describings. These withholdings could be interpreted as disaffiliative in a context of everyday conversation (Pomerantz, 1984), but they are not oriented to as such in such institutional interactions (Drew & Heritage, 1992).

This work follows Gumperz's interactional sociolinguistic approach. According to Gumperz (1982), in the performance of particular speech events, action is seen as "governed by social norms specifying such things as who takes part, what the role relationships are, what kind of content is admissible, in what order information is to be introduced and what speech etiquette applies" (p. 155). These social norms strongly influence the interaction which takes place in courtrooms, and a description of this interaction helps our understanding of social and communicative competence, institutional forms of talk and cross-cultural communication.

By providing a description of interactional conduct in a key institutional courtroom event in Brazil, this study also makes a contribution to the international literature on institutional discourse and on courtroom interaction more specifically. While interactional sociolinguists and conversation analysts call for analysis of social interaction describing interactional data in non-English-speaking settings, especially in key contexts such as legal ones (see Wagner, 1996), to my knowledge, no descriptions of naturally-occurring courtroom interaction in Brazil are to be found at present.

This study comes to fill that gap in the hope of contributing to the international literature by describing one such interactional event in Brazil. In this sense, this study provides baseline description of how Brazilian courtroom interaction takes place, which should be useful to the English for Specific Purposes professionals who might be involved in the teaching and learning of English among legal professionals in Brazil.

Following current developments in the expansion of a new global economy, the need for professionals of all areas to act internationally makes knowledge of English a basic requirement. Lawyers are no exception to this trend and they seek instruction in English with a focus on legal issues.

While current methodologies stimulate the use of authentic materials in class and both academic descriptions and teaching materials are available that feature courtroom interaction in English-speaking settings, Brazilian ESP educators lack baseline descriptions of naturally occurring language in Brazilian courtrooms, and have to resort to common sense or anecdotal evidence as the basis for their efforts to contrast and comprehend English-medium legal interaction. Contrasting the vast existing literature in English which focuses on courtroom interaction, on the one hand, to the little research in this field conducted in Brazil, on the other, this work aims at helping English teachers become familiar with issues which are of real concern to their students.

1.2. Statement of the problem

In Brazil the legal proceedings which follow a criminal offense from the accusation until the moment the defendant is judged are the following: First, the police are notified and investigate the facts. When the investigation is concluded, a report is sent to the State Prosecutor's Office, where it is analyzed by a public prosecutor who may: a) return the report to the police for further investigation; b) close the case due to lack of evidence; or c) accept the case and forward it to a criminal judge. The judge, based on the facts and the prosecutor's report, assesses the case and decides either to take it or close it. Once the case is accepted by the judge, who represents the judicial system, the Judiciary officially takes on the responsibility of judging the appointed defendant.

The defendant is called in the judge's presence for interrogation and s/he may: a) make use of her/his constitutional right to remain silent, leaving all defense arguments in the hands of the defense attorney, who must submit the defense in writing a few days after this hearing; or b) choose to answer the judge's question, making use of this rare opportunity to defend her/himself by providing her/his own version of the facts. Under Brazilian law, the defendant is not liable for lying in self-defense. Only the witnesses are liable for perjury if they provide false testimony.

After the defense is submitted in writing, another hearing takes place when the judge interrogates the witnesses called by the prosecution, who testify against the defendant, and the witnesses called by the defense, who testify in favor of the defendant. "Witnesses are regarded as being members of one or the other side's team" (Drew, 1992, p. 473). Witnesses are first questioned by the judge, then by the prosecutor and defense attorney, in this order.

In possession of all the information provided by prosecution, defense and witnesses, the judge makes sure the technical procedures followed throughout the case were in compliance with legal requirements. If procedures were not properly followed, the judge nullifies the case. If procedures were correct, the judge schedules the final trial. In case the evidence presented is not enough, the judge requires further evidence.

During the trial, the defendant is given another opportunity to present her/his own defense before the jury. The defendant can accept it or reject it. The prosecutor, then, has two hours to present the accusation thesis to the jury, and the defense attorney also has two hours to present the defense thesis, known as the antithesis. Another twenty minutes are allowed for rebuttal and counterrebuttal, when prosecution and defense, in this order, can reinforce their arguments. After that, the jury, judge, prosecutor and defense attorney gather in a private room also known as the 'secret room', where the

jury secretly votes. Based on the jurors' decision, the defendant will be either convicted or acquitted.

The arguments contained in the thesis and antithesis aim at influencing the jury's decision. The arguments presented by both prosecution and defense typically make consistent reference to the testimonies collected during the examining hearing which are crucial to the jury in building their opinion. The interaction which takes place in such examining hearings is a difficult one. It is full of tense moments, as a consequence of the issue in question, and the asymmetrical positions held by participants. On one side, the judge and the public prosecutor act as fact-finders and guardians of the legal procedures. On the other side, the suspect mitigates his situation and the defense lawyer tries to attend to the interest of his/her client, the defendant. The information collected during this moment is crucial for the records.

Considering the relevance and delicacy of such testimonies, a description of the interaction which takes place during the defendants', the victims' and the witnesses' questioning is important. Such a description provides baselines to investigate if some principles, which are expected to be found in criminal examining hearings are being sustained all the time throughout the interrogatory. An example of such a principle is the neutrality of the judge. One of my main interests is to see if and how neutrality is sustained.

The kind of interaction analyzed here is institutional since it is task-related and involves participants who represent a formal organization of some kind, in this case, the Judiciary. This description will show how people conduct their affairs in this institutional context and how such conduct is shaped or constrained by the participants' orientations either as representatives or clients of the institution.

The theoretical stance I take here sees the use of language as key in this interaction, as it is the means through which the participants seek to achieve the main goal of the activity they are engaged in. For the judge, the goal is to obtain as much information as possible to help find out the facts as they happened in order to process the case at hand. As for the witnesses, what is expected of them is that they provide relevant and sufficient information; their goals being at times unclear and at times at odds with the goals of those participants invested in their roles of institutional representatives. This exchange is accomplished through a pre-allocated turn-taking system of questions and answers. The judge normally has the unilateral right to ask questions and introduce topics, thus holding the position of the 'asker', and the witnesses occupy a one-down position of 'informants'. Questions are not posed to informants as requests which can be declined, and there is a huge probability that intrusion into the informants' private life will take place. Therefore, witnesses are at a disadvantage regarding dialogic organization.

The analysis that follows will focus on how participants, who hold such asymmetrical positions, manage to sustain interaction while dealing with delicate issues such as credibility, blame, responsibility and morality. By looking at the sequential placement of participants' utterances, I seek to arrive at an understanding of how these participants interpret and produce interaction, as a turn at talk shows the speaker's understanding of the previous turn.

I understand that people in interaction become environments for each other. Therefore, context cannot be taken for granted as determined in advance. It cannot be thought of as given in the physical setting. "Contexts are constituted by what people are doing, where and when they are doing it" (Erickson & Shultz, 1981, p. 148). Contexts and participants' identities are locally produced and transformable at any moment. The

conduct of an interaction is constructed through turn by responsive turn, so as to constitute, progressively and collaboratively, the occasion of the talk, in this case, with some distinctively institutional character (Drew & Heritage, 1992).

I will describe and analyze the interaction which takes place in criminal examining hearings considering an interactional sociolinguistic analytic perspective (Gumperz, 1982; Ribeiro & Garcez, 1998).

1.3. Objectives of this study

Drew and Heritage (1992) outline five major dimensions of interactional conduct that they believe constitute foci of research into institutional talk: (a) lexical choice; (b) turn design; (c) sequence organization; (d) social epistemology and social relations; and (e) overall structural organization. This study will focus on two of these dimensions: social epistemology and social relations and overall structural organization.

For Drew and Heritage, a social epistemology and social relations analysis aims at raising “themes and issues that are often generally distributed across broad ranges of conduct in institutional settings and manifest themselves in and through the features of institutional interaction” (p. 45).

Also, according to these authors, contrary to informal conversations, many types of institutional encounters are organized into a standard order of activities. The activities performed in many kinds of institutional interactions are usually implemented through a standard shape which is task-related. The order these activities take place may be a consequence of locally managed routines. The production of the overall organization, the importance given to each activity and how interactants move throughout the different activities are managed by participants in each given interaction.

However, the extended recurrence of such organizations shows that participants may be jointly oriented towards an overall structural organization.

Professionals develop standard practices for handling the tasks they routinely have to deal with in their institutional encounters. Professionals' control over the interaction is seen through a pattern of sequence of events through which clients are led.

The main theme and issue of this study is an analysis of the asymmetrical positions held by participants in criminal examining hearings. One of the asymmetries found in such an interaction is made evident in the overall structural organization of the event. The institution, in this case as represented by the judge, treats individuals (witnesses and defendants) as routine cases. According to Drew and Heritage (1992) "professionals tend to develop, for better or worse, standard practices for managing the tasks of their routine encounters" (p. 44). On the other hand, lay individuals' perspective of such event might be one of 'once-in-a-life-time participation' which becomes clear in their unfamiliarity with procedures allowable in the activity they are engaged in. I will show how such asymmetry gives rise to uncomfortable moments and how they are dealt with.

Asymmetry is also found in the pre-allocated question-answer pattern which predominantly takes place in questioning hearings. The judge's control over the situation as a representative of the institution, with the right of asking questions and shaping topics, together with the answerer's lack of access to the 'hidden agenda' of the judge's questioning, represent a clear example of asymmetry of participation in institutional encounters (Drew & Heritage, 1992). Such an established pattern of interaction helps professionals gain control over the introduction, length and shift of topics. Professionals are in an advantageous position. I will describe how participants deal with this asymmetry to sustain interaction.

According to Drew and Heritage (1992), “professional participants in institutional interactions design their talk so as to maintain a cautiousness, or even a position of neutrality with respect to their co-participants” (p. 47). One of my purposes is to find out what strategies judges use when asking challenging questions while also striving to appear to be neutral.

In order for these goals to be achieved, I set out to answer the following questions:

- 1) How is the “examining hearing event” structured?
- 2) What activities, if any, show that judges treat individuals (deponents) as routine cases?
- 3) What strategies do judges use in order to change topics and formulate next questions?
- 4) Do judges manage to sustain a public appearance of neutrality during the interaction?

1.4. Organization of this work

In order to answer the research questions above, I organized this work as follows:

Chapter 2 provides a description of the situation of data collection, where the encounters took place, how I got permission to record the encounters and the procedures used for the recording. Next, I give a brief description of the setting where examining hearings occur. Last, I discuss the methodology used in the conduct of this research, which was based on a microethnographic and interactional sociolinguistic perspective, as well as the steps taken in order to proceed with the analysis of the data.

Chapter 3 offers an overview of the structural organization of the event. First, I show how the event opens and how the formalities that follow are accomplished. Second, I present the main questions asked by judges while questioning deponents, in

order to find out the details of the crime, as it may have occurred. Many questions are brought up during this activity, however, I have chosen to present only those questions which were present in most events recorded. Finally, I describe how the event is closed.

Chapter 4 analyzes examining hearings considering a social epistemology and social relations perspective. The first part shows how judges try to deal with the problem of asking challenging questions without showing affiliation/disaffiliation with deponents. The second part discuss what evidence shows that judges tend to treat individuals as routine cases.

Chapter 5 concludes this work. First, I make a summary of the analysis performed. Then, I raise some suggestions for further research in the subject. Finally, I point out the importance of this study to the field of Applied Linguistics, especially to foreign language teaching.

CHAPTER 2

DESCRIPTION OF DATA COLLECTION AND PROCESSING

This chapter is divided into three sections. In the first section, I provide a description of data collection and I explain how I was allowed to record the events. In the second section, I offer a description of the courtroom setting where examining hearings take place. I describe the physical setting in which participants organize their action together. In the third section, I present the methodology used in the conduct of this work, and I also show the steps taken to perform the analysis of the data.

2.1. Data collection

In order to carry out this study, I attended questioning hearings in two criminal courts (conducted by different judges), in my hometown of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. The reason I chose to collect data in more than one court was to obtain a diversity of styles, as I believed comparisons were relevant in the conduct of this research.

Before approaching the judges in charge of each court, I asked for a statement from the Graduate Program in English at the Federal University of Santa Catarina, certifying that I was currently enrolled in the program. The document did not provide any further information.

There was no need to show the judges any proof of my identity or objectives. I only explained it to them verbally that my purpose in attending and recording the questioning hearings was to collect data for a master's thesis in applied linguistics, and I was granted access to the hearings immediately. One of the judges warned me that the Identities of the participants should not be revealed. For this reason, instead of using the

participants' real names in this work, I refer to them by pseudonyms, which is the standard practice in this type of research.

It is crucial that the content of all the testimonies provided in a hearing be kept in the court's official records in written form, as they become part of the law suit. For that, these two courts use different strategies. The court in charge of the 4th legal jurisdiction (4^a Vara¹) uses the work of a stenographer, who produces a punched paper tape as participants speak. Each tape is sealed with the signatures of the judge, prosecutor, defense attorney and deponent (not necessarily in this order), so that no further information can be added to it. After that, the tape is read by a computer which originates a written copy of the deposition.

Once I sat by a stenographer, who told me that stenographers cannot type for many hours in a row so as not to overburden the muscles of the hands and arms. They have regular intervals, when they are replaced by colleagues. Long hearings can use the work of many stenographers. In order to ensure the accuracy of the transcriptions, these professionals record the depositions while producing the punched tape. In case of a typing mistake or a misunderstanding, they can clarify their doubts by listening to the tapes. After each stenographer transcribes his/her part, all the stenographers who participated in a hearing put their parts together so as to have a full transcript of the event.

The court in charge of the 1st legal jurisdiction uses a tape recorder which is directly connected to the microphones used by the judge, prosecutor, defense attorney and deponent. Therefore, it is important that these participants speak as close as possible to the microphones to produce a clear recording. After all testimonies pertaining to a

¹ In Brazil, a judge's jurisdictional area is called "Vara". These "Varas" are numbered in an ordinal sequence and their number varies according to the workload (number of cases processed) in each town. A large city might have numerous "Varas", while a small city might have no "Vara" at all, but only one judge processing all cases.

specific case have been collected, the judge closes the recording by stating the next actions to be taken in relation to the case, such as the schedule for the next hearing, paperwork requirements from the defense lawyer, etc., so that no further information regarding the depositions may be legally added to the audio tape. The tape is then transcribed by the court staff member, who is present at the hearing to operate the tape recorder and assist the judge. An electronic typewriter is used in the transcription. The assistants are experienced and expeditious in producing the final copy of the deposition.

In three hearings in my corpus, the judge called the attention of some deponents either because they were not speaking close enough to the microphone, thus jeopardizing the quality of the recording, or because they were using gestures (such as nodding), instead of words, in reply to the judge's questions. As gestures cannot be captured in audio recordings, they are not accepted as official answers in these courtrooms.

When I attended hearings in the court in charge of the 4th jurisdiction, I had to take my own battery-powered portable tape recorder. I sat next to the participants and was able to obtain a clear recording of their speech. My presence was never questioned, as hearings are open to the public and regularly attended by law students. Besides this, "it has been argued that in institutional interaction people have more urgent business at hand than to let the presence of an observer interfere with their performance" (Maynard, 1984, cited in Komter, 1998, p. xvii).

In the 1st jurisdiction, I was allowed to take home the official tapes recorded by the court during the hearing, after they had been transcribed. I copied the tapes using a double deck tape recorder and returned them a couple of days later. The recordings were of excellent quality. As I did not need to sit next to the participants in order to operate my own tape recorder, I sat in one of the chairs in the back of the room which are

reserved to observers who do not actively take part in the event. The judge as well as the staff members were quite friendly, and I started feeling comfortable after a few meetings. Aware of the fact that I had attended three semesters of law school, they called me “doctor”, the way attorneys and judges are usually addressed in Brazilian courts.

2.2. The setting

Unless the testimony is obtained in another city, state, etc., by “commission,”² the defendant is present in all questioning hearings pertaining to his/her case.³ If the defendant is imprisoned, s/he comes in escorted by police officers, and the judge decides whether s/he should remain handcuffed, depending on how dangerous s/he may be. Police officers and defendant sit in the back row of chairs used by observers, unless the defendant is also questioned, when s/he sits in the witness stand while providing testimony, or else next to the defense attorney.

If the defendant is free, s/he sits in the waiting room (located in the hall) together with relatives, witnesses, witnesses’ relatives and other interested parties before the hearing starts. In case the victim has survived, s/he might also share the same waiting room with the defendant. A confrontation between them (in the waiting room or in the courtroom) can be always embarrassing.

In one of the hearings I attended, there was a moment of tension due to such a confrontation. The defendant had attempted to kill two men. One had actually been killed, but the other one survived and was present in the hearing. Both prosecutor and defense attorney had called many witnesses to testify since the crime had taken place in

² Letter sent to a judge of a different jurisdiction (where the deponent lives or can be found) from the jurisdiction where the law suit was filed, requesting that this judge interrogate a deponent. Only judges have the authority to interrogate deponents.

a club, and these people either saw the crime or heard the shots from a distance. The witnesses belonged to two opposing gangs and started threatening each other while sitting in the waiting room. One of the clerks notified the judge, who then had to go outside to the hall and talk to the witnesses. I do not know what the judge said, since I remained in the courtroom, but they calmed down.

The judge is responsible for ensuring that discipline is maintained during hearings. This responsibility is found in writing in the Brazilian Code of Civil Proceedings (article 445), which determines that some of the judges' duties are: a) to make sure discipline is kept; b) to request that those participants who disturb the order during the hearing leave the room; and c) to request police enforcement when the order is disturbed, if necessary. There is only one moment in my corpus when a defendant is requested to leave the room.

In case the defendant is going to testify, his/her deposition is taken first. It is followed by the testimony of the surviving victim (if there is one), when s/he tells his/her own version of the facts. After that, the witnesses listed by the prosecutor and the defense attorney are heard. A clerk calls them inside one by one. Deponents are first questioned by the judge, then, by the prosecutor, and then finally, by the defense attorney.

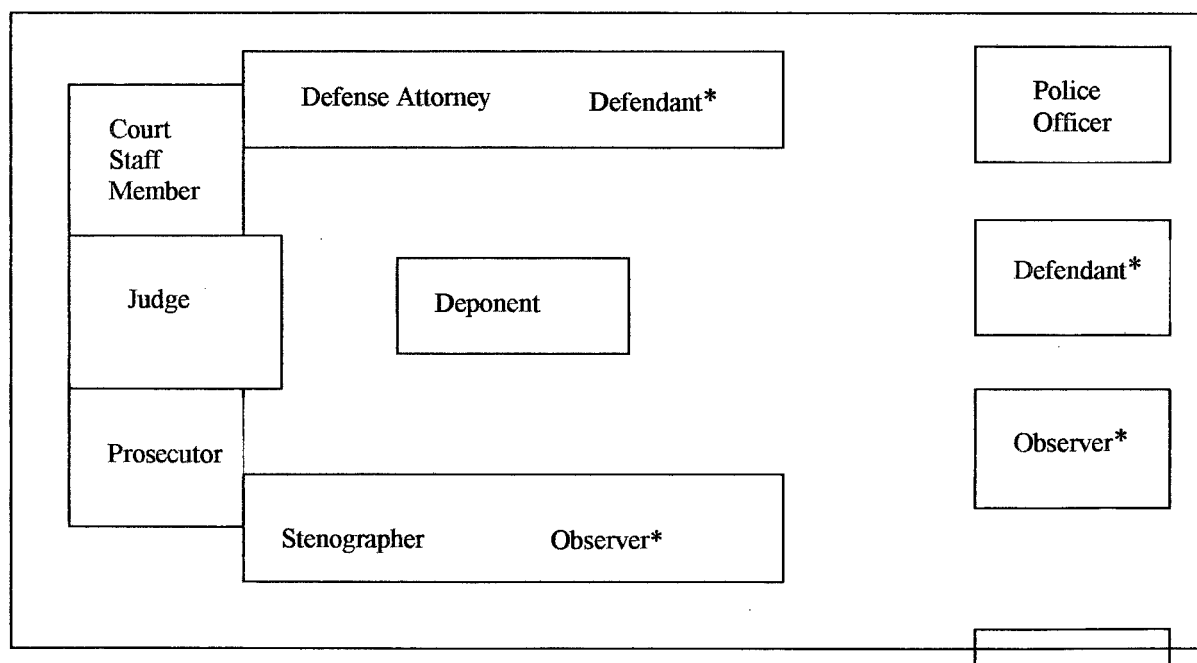
According to Carneiro (1999), there is no mandatory order that needs to be followed when calling deponents to testify. The order of depositions can be locally managed by the judge as best suits the interaction at hand. A deponent called in by the defense who might feel sick at the hearing may ask the judge to be heard before those deponents listed by the defendant. By the same token, the first deponent who is called in

³ The defendant's presence is not allowed during a deposition if s/he behaves in a threatening way towards the other participants of the event.

might arrive late, and then ask the judge to be heard sometime during the hearing, and still be granted permission to testify by the end.

In the courtroom, there is a U-shaped set of long desks (see below). The judge sits at the desk that forms the base of the “U”, in mid position. This desk is higher than the other two. The prosecutor sits to the right side of the judge at a lower desk, and the court’s assistant, on the left side. The defense attorney sits at the desk next to the assistant and might be accompanied by the defendant, if s/he is not seated in the back chairs. The opposite desk is reserved for the stenographer (if there is one) and observers, whose presence at this desk is considered convenient by the judge. The chairs in the back of the room, facing the judge, are for police officers, observers, and sometimes, the defendant.

LAY-OUT OF THE COURTROOM



* These participants are allowed in both these places.

2.3. The methodology

In the coming chapters, I conduct an interactional analysis of the activities which took place in these two criminal courts. Interactional sociolinguistics, microethnography and conversation analysis (Erickson, 1988; Gumperz, 1982; Ribeiro & Garcez, 1998; Sacks, 1992) provide the theoretical and methodological foundations for the present work. Interactional sociolinguistics is based on qualitative and interpretive research and is concerned with the study of language use in social interaction.

According to Erickson (1988),

microethnography ... proceeds by direct observation of concrete situations. It places at the center of research interest naturally occurring speech, considered as a mode of social activity that is situated in a total community or society as well as the immediate scene of local social life in which the speech itself occurred. (p. 1082)

Microethnography is interested in combining levels of social organization, describing patterns which are characteristic of institutions and communities, focusing precisely on particular communicative actions of participants of an interaction. Conversation analysis looks at the structural properties of naturally occurring conversation. An important contribution of conversation analysis to the study of interaction is the emphasis on the sequential organization and preference organization for the production and interpretation of talk. Thus, in order to arrive at an understanding of how participants interpret and produce interaction, the analyst must look at the sequential organization of utterances.

As many are the activities which take place in examining hearings and rich are the data collected, I felt the need to limit the scope of my analysis. I have, then, chosen to conduct an interactional analysis focusing on the activities conducted by the judge.

The data for this research have been collected in audio tapes, as video recording is not allowed in courtrooms, featuring each witness being questioned for about twenty

minutes. Depending on the number of witnesses per case, more than one case was processed in one afternoon (I have only attended questioning hearings in the afternoon). I attended a total of seventeen hearings, with forty-one deponents involved. Deponents were men and women of different ages, ranging from adolescents to seniors. For that, I spent four afternoons at the court house. The total recording time was around twelve hours.

During the process of analysis, I was conscious that analysis implies transformation. As Duranti (1997) describes it, “an analysis is, after all, a selective process of representation of a given phenomenon with the aim of highlighting some of its properties” (p. 114).

The analysis of these data have followed a number of steps. First, I listened to the entire recording in order to match it with fieldnotes. This matching helped to contextualize what was recorded on tape. Besides that, ethnographic field notes added descriptions that could not be captured on tape. After this preliminary listening, I played the tapes again in order to look for events of major interest such as a pattern of overall structural organization of the event, how questions were formulated by judges, how neutrality was dealt with during the inquisitorial phase, as well as other issues that were relevant to my analysis. For that, I searched for the “boundaries” of the events, “which usually contain the beginning, the middle, and the end of the events selected” (Gesser, 1999, p. 41).

Having selected the events, I transcribed them and proceeded to a closer analysis by matching the transcriptions with the tapes, observing the structures of participants’ concerted actions such as “ways of speaking, listening, getting the floor and holding it, and leading and following” (Erickson and Shultz, 1981, p. 148). The transcription conventions were adapted from Jefferson (1984). Finally, after a closer analysis had

taken place, I compared my findings to the literature and started to draw some conclusions, always taking into consideration other elements that influence the interaction, for instance, shared background assumptions, the setting, etc..

I have tried to luggage in, as much as possible, what Duranti (1997) calls 'dialogical anthropology', which "promotes native talk to the position of prominence so as to give readers a more direct access to how members represent their own actions" (p. 87), rather than an 'analogical' one, when native discourse is replaced by the observer's monologic narrative.

Following this brief description of the situation of data collection and of the courtroom setting, let us now turn to a description of the overall structural organization of the event.

CHAPTER 3

OVERALL STRUCTURAL ORGANIZATION OF THE EVENT

In this chapter I present a description of the overall structural organization of criminal examining hearings. I will give an outline of some activities sustained by the participants of the interaction, so that the task they have at hand (processing the case) can be accomplished. First, I will show how the event opens. Then, I will analyze other activities conducted by the participants, before they get into the details of the case. After that, I will proceed by showing the most recurrent types of questions asked during the questioning hearing concerning the crime itself. Many other questions are brought up during interrogation, and they vary according to the development of fact finding. However, I have selected those questions which are found in almost all testimonies recorded in these data. My main purpose is to offer an overview of how the event is structured. Finally, I will show how the event closes.

3.1. Starting doing business

Examining hearings start through a number of steps. If the defendant is imprisoned, s/he is brought into the courtroom by police officers, usually a few minutes before the hearing starts and the judge enters the room, in case this is the first hearing being held. In case it is not the first hearing of the day or shift, the defendant waits for his/her turn in a special room, escorted by the accompanying police officers. If the defendant is free, s/he usually enters the room accompanied by the defense lawyer.

The event is officially open by the representatives of the institution. After the judge, the prosecutor, the defendant and the defense lawyer have taken their seats, the court assistant starts calling the deponents, one at a time.

The act of calling participants' names in a loud voice is determined by the Code of Civil Proceedings, article 450. In case a participant does not testify as a consequence of the fact that his/her name had not been heard, the hearing can be nullified following the neglected participant's request.

The asymmetry of power between participants is already evident in these first minutes of the event. It is the representatives of the institution who decide the order the testimonies will be taken. Even though the Code of Civil Proceedings suggests an order to be followed, the judge, the prosecutor and the lawyers will decide the order on a locally managed basis. Deponents are given the right to ask to have the time of their testimonies changed, due to personal reasons. However, it will be up to the judge to accept this change, or not. Therefore, one can say that deponents will be led to give their testimonies on a day and time they are told to.

3.1.1. Confirming the legal identity of deponents

Right after the deponent enters the courtroom and sits down, his/her personal information is checked. This job is done by the stenographer, if there is one. Otherwise, it is done either by the court assistant or the judge. Checking the personal identification of the deponent consists of asking his/her personal information such as full name, occupation, nationality, marital status, age and address. The relevance of this is to confirm and verify the information presented in the dossier of the case.

(1)

Carlos is being accused of trying to kill two men, in front of a club. One died, the other survived. Many people who were at the club saw the shooting. Some are Carlos' relatives. Rosaura is Carlos' sister.

1. **Thales:** nome completo?
2. **Rosaura:** Rosaura da Silva
3. **Thales:** idade?
4. **Rosaura:** vinte e três anos
5. **Thales:** profissão?
6. **Rosaura:** desempregada
7. **Thales:** estado civil?
8. **Rosaura:** solteira
9. **Thales:** endereço?
10. **Rosaura:** rua João Mota número dezenove
11. **Thales:** o que é do Carlos?
12. **Rosaura:** irmã
13. **Thales:** irmã dele (.) aos costumes disse ser irmã do acusado (.) não presta
14. compromisso (0.2) pelos critérios da lei não é obrigado a prestar depoimento se
15. não quiser depor
16. **Rosaura:** quero

(English translation)

1. **Thales:** full name?
2. **Rosaura:** Rosaura da Silva
3. **Thales:** age?
4. **Rosaura:** twenty three years old
5. **Thales:** occupation?
6. **Rosaura:** unemployed
7. **Thales:** marital status?
8. **Rosaura:** single
9. **Thales:** address?
10. **Rosaura:** João Mota street number nineteen
11. **Thales:** what's your relationship to Carlos?
12. **Rosaura:** sister
13. **Thales:** his sister (.) as usual says to be the defendant's sister (.) not swearing
14. under oath (.) under the law you're not obliged to testify if you don't want to
15. testify
16. **Rosaura:** I do

Thales⁴ checks Rosaura's personal identification by asking routine, straightforward questions which are followed by short and specific answers (lines 1–12). Thales needs to make sure that the person in front of him is the same person whose name has just been called by the court assistant and is mentioned on the list of witnesses. This information is already known to Thales as it is contained in the dossier. Five days before the hearing, the lawyers must turn in their list of witnesses' names,

⁴ Thales is a judge.

occupations and addresses. Therefore, what Thales is doing is publicly and officially certifying that Rosaura is the person who should be sitting there, not another witness, by mistake, or an impostor. The judge can doublecheck the witness' identity if s/he finds it necessary.

In one of the hearings I attended, halfway through the event, the judge questioned the deponent about the victim's relatives. After finding out that the deponent was the victim's aunt, the judge asked for the deponent's sister's name. The deponent took a long time to answer the judge's question, and, when she finally replied, she only knew her sister's first name, since they were not sisters by the same father. The judge, then, asked to see the deponent's identification card. The deponent had lost her identification card and showed the judge her birth certificate, which she carried along. The judge checked the document and proceeded with the questioning.

The judge considered it strange that the woman did not know her own sister's name and suspected that she might be somebody else, rather than the person she claimed to be when her personal identification was checked. The judge then, makes use of her status of representative of the institution and asks the woman to show a piece of identification in order to support her statement. Here, again, we see asymmetry between the judge's and the deponent's situation. The judge can ask a deponent to identify him/herself. However, it would be disruptive to see a deponent asking a judge to show his/her identification. Also, once s/he is requested to produce an identification document, the witness must do so. Refusal to do so will have legal consequences.

According to Carneiro (1999), before 1973, witnesses were requested to arrive at court twenty minutes before the time of the hearing, so that their personal identification could be checked by the court assistant. Nowadays, as the data show, this information is checked in the beginning of the hearing, and in the judge's presence.

The questions asked in lines 1-12 accept only one answer for each question. For instance, when Thales asks for Rosaura's "full name", the only answer that satisfies this question is her full name. If she chooses to provide her first name only, or her first name followed by the initial of the middle name and the last name, such a reply would not satisfactorily answer the question. First names only, or initials, do not fully identify a person. As a consequence, Thales would need to make use of more turns of talk to ask for further information until he gets a complete answer to his question.

3.1.2. Checking deponents' liability to perjury

It is mandatory to publicly and officially establish the relationship between the deponent and the defendant or the victim (lines 11-12), so as to find out whether the deponent is subject to perjury and whether s/he is obliged or entitled to testify. That is, the establishment of ties will define "how" the deposition will be taken, and if it will be taken at all. The Code of Civil Proceedings informs about this matter. In Brazil, deponents who have a personal interest in the outcome of the case do not testify under oath. Their testimony might be taken because they might help add relevant information to the case. The fact that they might lie to protect someone or to accuse the opponent is constantly considered.

After finding out the deponent's relationship with the parties involved in the case, the act of informing the deponent of his rights and obligations needs to be made public and must appear in the records (lines 13-15). In excerpt 1, as the witness is the defendant's sister, she is not obliged to give her testimony, unless she wants to do so. Even though she chooses to speak (line 16), she does not need to swear under oath due to her family ties with the defendant. According to the Criminal Code, article 342, those deponents who are subject to perjury can be sentenced to jail or to a fine, if they are

caught lying or omitting information. However, they can get away with punishment, if they decide to tell the truth before the case is sentenced.

When one of the judges (identified as Helena) checked the relationship between a witness (identified as Rogério), and a defendant (identified as Dagoberto), Rogério claimed not to have any relationship with Dagoberto. Later, Helena found out, through the next witness, Luiz, that Rogério was Dagoberto's son-in-law. Rogério was not legally married to Dagoberto's daughter, Sandra, but they lived together for some time and had a baby. By the end of the hearing, Helena told the defense lawyer that he had to turn in Rogério's retraction in writing within thirty days.

Suspects have the privilege of not having to swear under oath that they will tell the truth. They have freedom of deposition, access to their records and the right to remain silence. The law requires that judges inform suspects before the examinations of their right to remain silence.

(2)

Jerônimo is being accused of shooting his ex-wife and her boyfriend because the boyfriend did not want him to continue visiting his ex-wife's child.

1. **Thales:** o senhor está sendo processado por tentativa de homicídio por ter
2. desferido tiros em Joice Trinqureira e Roberto Sivaldo segundo
3. acusação dia vinte de janeiro de mil novecentos e noventa e sete na
- 4. rua Leblon (0.2) o senhor não é obrigado a responder as perguntas por
- 5. mim feitas (.) o senhor esteve neste local neste dia?
6. **Jerônimo:** sim

(English translation)

1. **Thales:** you're being charged with attempted murder for having shot Joice Trinqureira
2. and Roberto Sivaldo according to the charges on January twentieth nineteen
- 3. ninety seven on Leblon street (.) you're not obliged to answer the questions
- 4. asked by me (.) were you at this place on this day?
5. **Jerônimo:** yes

Thales informs Jerônimo of his right to remain silent (lines 3-4), but does not ask him a straightforward question as to whether he wants to make use of his right. Instead,

he proceeds with the questioning by asking if Jerônimo was present at the time and place of the crime (line 4). The act of not waiting for a reply from Jerônimo is an example of one of the moments when judges treat deponents as routine cases. Thales informs Jerônimo of his right to remain silent because the law so requires, but he does not leave any room for Jerônimo to answer if he wishes to speak or not. Instead, Thales proceeds with his institutional task of establishing the facts for the record, which is the most important activity for him at the moment, as the representative of the institution. Jerônimo does not interrupt Thales, or refers back to his right to silence. He proceeds by answering Thales' question (line 5). His answering the question shows that he is willing to speak, at least so far.

When Komter (1998) describes courtroom interaction in the Netherlands, she says that those defendants who want to make use of their right to remain silent make it clear in the beginning of the examination that they wish to do so. The same happens in Brazil. Komter also claims that it is known that defendants who refuse to speak are the minority, and they may convey the idea that they have something to hide, thus weakening their credibility. Therefore, those defendants who choose not to speak have to deal with the negative impression that their refusal to speak might produce.

3.1.3. The reading of the charges

After checking the deponent's personal information and his/her status concerning perjury, the charges are read. The reading of the charges provides baseline information concerning the crime which the defendant is being accused of. In other words, it tells the reason "why" those people are gathered in that place at that time. Participants of the interaction are aware of the reasons for the event. However, the judge is required to read the charges aloud, so that this information is made public.

(3)

- 1. **Thales:** o senhor está sendo processado por tentativa de homicídio por ter
- 2. desferido tiros em Joice Trinquiera e Roberto Sivaldo segundo
- 3. acusação dia vinte de janeiro de mil novecentos e noventa e sete na
- 4. rua Leblon (0.2) o senhor não é obrigado a responder as perguntas por
- 5. mim feitas (0.2) o senhor esteve neste local neste dia?
- 6. **Jerônimo:** sim

(English translation)

- 1. **Thales:** you're being charged with attempted murder for having shot Joice Trinquiera
- 2. and Roberto Sivaldo according to the charges on January twentieth nineteen
- 3. ninety seven on Leblon street (.) you're not obliged to answer the questions
- 4. asked by me (0.2) were you at this place on this day?
- 5. **Jerônimo:** yes

The reading of the charges consists of the judge reading aloud the names of suspect(s) and victim(s) and a brief summary of the offense which informs the place, day, time and basic circumstances under which the criminal act took place. The information concerning the charges is taken from the dossier and it consists of the indictment. The arguments of the accusation is known to all key participants. They are only new to observants who are not informed of the facts, such as a law student who might be attending the hearing. Therefore, one can say that the information provided by deponents, so far, is no news, and needs to match what is already known.

After checking the deponent's personal information, informing him/her of his/her rights and obligations concerning perjury, and reading the charges, the judge proceeds with the event by moving on to a new activity. This new activity no longer makes public only what is already known. So far, all the information requested by the judge was known to key participants. As this new activity aims at finding out the details of the crime, I have called this activity "fact-finding". During the activity, even though part of the information to be provided by deponents is already known from the dossier, part of it is news. Deponents are called in to testify so that they can add new information to what is already known. The information collected at this moment will help serve as the

basis for the final trial. Let us now analyze the interaction which takes place during “fact-finding”.

3.2. Fact finding

Fact finding starts immediately after the deponent has been identified, the need for an oath has been established and the charges have been read. It is the longest of the activities performed, and it is basically constituted of questions regarding details of the crime, and answers. The judge, prosecutor and defense attorney play the role of “questioners” and deponents act as “informants”. However, even though the prosecutor and defense attorney have the right to ask questions, the judge needs to tell them when to do so. Therefore, the judge has full control of turn-taking management. S/he is the one who selects who speaks next and the selected participant has the obligation to speak.

I have chosen to analyze only those questions that appear in almost all hearings in my corpus. The format of the questions varies from interaction to interaction. However, the scope of the questions is the same. In almost all interactions I have found questions concerning the following subjects: a) what happened when the crime occurred; b) potential witnesses; c) degree of relationship between defendant, victim and witness; d) defendant’s previous police record; and e) defendant’s background (such as education, previous jobs).

3.2.1. Finding out how the crime occurred

Institutional encounters are goal-related, as they focus on the task to be accomplished. In the excerpt below, the task is to find out the facts as they happened

when the crime took place. Right after Helena checks Teresinha's liability to perjury, she asks Teresinha what she saw regarding the crime.

(4)

The defendant tried to kill his ex-wife because she did not want to go back to him.

1. **Helena:** não presta compromisso (.) cientificada da imputação (0.6)
- 2. **Helena:** dona Teresinha a senhora presenciou esses fatos? o que aconteceu?
- 3. **Teresinha:** ele queria conciliação e ela disse que não dava mais certo juntos (.)
- 4. ela até disse que ia se machucar com uma coisa dessas de unha para dar parte
- 5. dele que tinha feito

(English translation)

1. **Helena:** not subject to perjury (.) aware of the imputation (0.6)
- 2. **Helena:** Mrs. Teresinha did you witness these facts? what happened?
- 3. **Teresinha:** he wanted conciliation and she said that it wouldn't work out for them together
- 4. anymore (.) she even said that she was going to hurt herself with one of those
- 5. nail things to file a report (at the police) that he had done it

Helena⁵ displays her identity as representative of the institution as she informs Teresinha of her rights and obligations, and as she holds the position of asker. Helena begins this new “fact-finding” activity by asking a straightforward question about what happened when the crime took place (line 2). At a first glance, it looks like Teresinha is just providing a narrative of the facts. However, a closer analysis shows that, in her narration, Teresinha aligns herself with the defendant. She refers to the defendant, at the moment of the crime, as a victim of the situation, when she says that he wanted reconciliation, but she (his ex-wife, the victim) did not (lines 3-4). Therefore, as he was willing to reconcile, the defendant's intentions towards the victim were good. In fact, Teresinha refers to the victim as someone who had bad intentions, when she says that the victim wanted to hurt herself and incriminate the defendant for her doings (lines 4-

⁵ Helena is a judge.

5). Teresinha's alignment with the defendant suggests that she belongs to the defendant's "team".

In contrast to Teresinha's deposition is Arlete's testimony on the same case, in which she answers Helena's same question.

(5)

1. **Helena:** cientificada da imputação (0.2) dona Arlete como é que aconteceram os fatos?
2. **Arlete:** foi assim (0.2) eu não tava mais morando em Viamão tava morando na casa
3. duma amiga minha e fui lá em casa buscar um papel porque tinha que receber do
4. meu serviço dia nove de novembro (0.2) daí:: cheguei em casa e tomei um banho
5. com mais duas amigas (.) quando cheguei em casa tô descendo e ele tá no pátio
6. da irmã dele (0.3) enxerguei ele e continuei meu caminho (.) peguei os papéis e
7. fui (.) tô na parada ele veio e me pegou pelo braço e disse pra mim ver os meus
8. filhos (.) só que eu não ia lá de medo dele (0.2) ele sempre me ameaçando
9. (0.2) daí:: ele me pegou pela mão às onze e trinta da manhã (.) só que ele não
10. deixou eu ver meus filhos (.) só de passagem (.) nem um beijo ele deixou eu
11. dar (.) simplesmente me prendeu dentro da casa dele e eu fiquei das onze e
12. trinta até as quatorze e trinta quando a mãe dele chegou (.) quando ela chegou
13. eu fiz um griteiro (0.2) ela me tirou da casa dele e me levou pra casa dela (.) me
14. acalmou e ele disse pra mim levar meus filhos (0.3) não tinha pra onde ir (.) não
15. tinha casa (.) arrumei as crianças e ia levar igual (0.3) eu ia receber e nem que
16. fosse num hotel eu ia ficar com meus filhos (.) não tinha onde ficar (0.2) ele
17. desceu da casa dele (.) preparou a arma e deixou tudo prontinho (0.2) lá pelas
18. qua::tro tô saindo da casa (.) pedi pra dona Teresinha me levar até a parada (0.2)
19. tenho quase certeza que o Jair vai atrás de mim (.) ela disse:: eu te levo (0.3) daí
20. tava descendo a escada ele chamou (.) Arle::te (.) eu olhei pegou e perguntou pra
21. mim (.) volta pra mim? não vou voltar (.) já conversamos (.) e ele me deu
22. uma coronhada na cabeça (.) dois tiros na perna um com meu filho no colo (.)
23. e ele tentou co::m o revólver (.) quando deu a coronhada meu filho caiu do colo
24. (.) correu pra casa (.) ele me deu dois tiros na perna (.) um nas costas (.) dois no
25. braço e um no seio

(English translation)

1. **Helena:** aware of the imputation (0.2) Mrs. Arlete how did the facts take place?
2. **Arlete:** it was like this (0.2) I was no longer living in Viamão I was living in the house
3. of a friend of mine and I went home to get a piece of paper because I had to
4. get paid from my work on the ninth of November (0.2) the::n I arrived home
5. and took a shower with two friends of mine (.) when I arrived home I'm going
6. down and he's in his sister's yard (0.3) I saw him and continued my way (.) I got
7. the papers and left (.) I'm at the bus stop he came and grabbed my arm and
8. told me to go see my children (.) I wasn't doing that only because I was afraid
9. of him (0.2) he was always threatening me (0.2) th::en he grabbed my hand at
10. eleven thirty in the morning (.) only he didn't let me see my children (.) only at a
11. glance (.) not even a kiss did he let me give them (.) he simply locked me inside
12. his house and I stayed there from eleven thirty to two thirty when his mother
13. arrived (.) when she arrived I started screaming (0.2) she took me out of his
14. house and took me to hers (.) she calmed me down and he told me to take my
15. children (0.3) I had nowhere to go (.) I had no home (.) I prepared the children
16. and I would take them anyway (0.3) I was going to get paid and I
17. would stay with them even if I had to stay in a hotel (.) I had nowhere to stay
18. (0.2) he came down from his house (.) loaded the gun and left everything

19. ready (0.2) at around four I'm leaving home (.) I asked Mrs. Teresinha to take
 20. me to the bus stop (0.2) I'm almost sure Jair will go after me (.) she said I'll
 21. take you (0.3) then I was going down the stairs he called (.) Arlete (.) I looked
 22. and he asked me (.) come back to me? I won't come back (.) we've already
 23. talked (.) and he hit my head with the butt of the gun (.) two shots in the leg one
 24. while I was holding my son (.) and he tried with the gun (.) when he hit me
 25. with the butt my son fell from my arms (.) he ran home (.) he shot me twice in
 26. the leg (.) once in the back (.) twice in the arm and once in the breast

Arlete provides a more complete narration of the events than Teresinha does, as a reply to Helena's first question concerning the crime itself. In her narration, she gives details about what happened before the crime and when the crime took place. She gives the reasons which led her to the defendant's neighborhood on the day of the attempted murder (lines 2-7), and she describes the shooting in detail.

In excerpt 4, Teresinha referred to the defendant as a person with good intentions, and Arlete as the wrongdoer. Now, Arlete does the opposite. She puts herself in the position of the victim and blames the defendant, exclusively, for what happened. She describes the defendant as a violent person when she says she feared him because he was always threatening her (lines 8-9). Also, he lied to her, when he said that he wanted her to go home with him to see the children as an excuse to make her go with him (line 7-8, 10-11). Arlete advances an image of herself as a loving mother, when she says she was going to take her children with her even if she needed to stay in a hotel with them (lines 15-17).

Arlete builds her identity as "the victim" of the situation throughout her whole turn at talk, and she builds her identity as "the victim" of the shooting in lines (23-26). A comparison between Teresinha's (excerpt 4) and Arlete's deposition on the same case shows that these two participants have clearly different interests to attend to. As the defendant's mother, Teresinha aligns with him. As the purported victim, Arlete belongs to the opposite team.

The duration of fact-finding depends on the amount of information obtained from the deponent. The following excerpt shows the only example of an examining hearing in the corpus which did not last much, due to the fact that the deponent had little information to add to fact-finding.

(6)

Tâmara's boyfriend borrowed her car and got involved in a car accident.

1. **Thales:** aqui está Tamara (.) mas é Tâmara?
2. **Tâmara:** não vai acento no computador
3. **Thales:** a senhora estava no veículo dirigido pelo seu Norberto?
- 4. **Tâmara:** não (.) só emprestei pra ele (.) sou proprietária
- 5. **Thales:** então sobre o fato nada sabe?
- 6. **Tâmara:** não (.) só emprestei o carro (.) é meu namorado (0.2) ele precisou (.) deixou o dele pra arrumar (.) pediu pra emprestar e emprestei (.) nada sei (0.3) só no
- 7. outro dia que eu fiquei sabendo que tinha se dado o acidente (.) tinha batido
- 8. no meu carro (.) fiquei sem carro
- 9. palavra com o Ministério Público
- 10. **Thales:** sem perguntas
- 11. **Norton:** defesa?
- 12. **Thales:** a que horas emprestou o veículo pra ele?
- 13. **Neusa:** eram umas quatro horas no dia antes
- 14. **Tâmara:** nada mais
- 15. **Neusa:** assina por favor aqui
- 16. **Thales:**

(English translation)

1. **Thales:** here is Tamara (.) but is it Tâmara?
2. **Tâmara:** no graphic accent in the computer
3. **Thales:** were you in the vehicle driven by Mr. Norberto?
- 4. **Tâmara:** no (.) I just lent it to him (.) I'm the owner
- 5. **Thales:** so you know nothing about the facts?
- 6. **Tâmara:** no (.) I just lent him the car (.) he's my boyfriend (0.2) he needed it (.)
- 7. his had to be fixed (.) he asked me to lend it and I lent it (.) I know
- 8. nothing (0.3) only on the following day did I find out the accident
- 9. had happened (.) my car had been hit (.) I had no car
- 10. **Thales:** the Department of Justice has the floor
- 11. **Norton:** no questions
- 12. **Thales:** defense?
- 13. **Neusa:** what time did you lend him the vehicle?
- 14. **Tâmara:** it was around four o'clock the day before
- 15. **Neusa:** nothing else
- 16. **Thales:** sign here please

As Tâmara says she knows nothing about the facts (lines 6-8), there is no need to proceed with the questioning. She has no further information to add. What she claims to

know is what she tells in lines 4, 6-9. Thales turns the floor to Norton (line 10), as required, but Norton does not take his turn as offered by Thales (line 11), and Neusa makes use of her turn by asking a single question (line 13). There is no reason to keep questioning Tâmara, as she has no contribution to make. Thales, then, officially states the questioning is over (line 15) and asks Tâmara to sign her deposition (line 16), where no further information should be added.

The analysis of such a short interaction shows that, once the institutional mandate of processing the case has been accomplished, participants close the event, and there is no more reason to sustain the interaction. Thales tried to find out how the crime took place and gave the prosecutor and the defesa attorney a chance to do the same.

3.2.2. Potential witnesses

While questioning victims, defendants and witnesses, the judge usually asks if the deponent knows if any other person saw the crime. The reason for this is to obtain the deposition of other people who eyewitnessed the facts and who might help add relevant information in order to elucidate the case.

(7)

- | | | |
|---|-------------------|--|
| | 1. Helena: | viu o acusado no local? |
| | 2. Mário: | não |
| → | 3. Helena: | conversou com alguém que tenha visto os fatos? |
| | 4. Mário: | só comentários |
| → | 5. Helena: | o senhor não viu nem <u>conversou</u> ? |
| | 6. Mário: | não |

(English translation)

- | | | |
|---|-------------------|---|
| | 1. Helena: | did you see the defendant at the site? |
| | 2. Mário: | no |
| → | 3. Helena: | did you talk to someone who has seen the facts? |
| | 4. Mário: | only comments |
| → | 5. Helena: | you have neither seen nor talked about it? |
| | 6. Mário: | no |

(8)

1. **Helena:** soube quem tinha sido o autor?
2. **Cleci:** cheguei e as pessoas da vila disseram (.) tua sobrinha morreu
3. perguntei como (.) disseram que ele tinha dado uns tiro nela
- 4. **Helena:** quem?
5. **Cleci:** seu Juraci (.) era assim que tavam falando na vila só
- 6. **Helena:** QUEM disse isso?
- 7. **Cleci:** o pessoal da vila
- 8. **Helena:** quem disse?
- 9. **Cleci:** todo mundo
- 10. **Helena:** nome de quem?
- (1.4)
- 11. **Cleci:** ali da volta

(English translation)

1. **Helena:** did you get to know who had been the author?
2. **Cleci:** I arrived and the people from the neighborhood said (.) your niece died
3. I asked how (.) they said that he had shot her
- 4. **Helena:** who?
5. **Cleci:** Mr. Juraci (.) that's the only thing they were saying in the neighborhood
- 6. **Helena:** WHO said that?
- 7. **Cleci:** people from the neighborhood
- 8. **Helena:** who said it?
- 9. **Cleci:** everybody
- 10. **Helena:** who?
- (1.4)
- 11. **Cleci:** people around there

In Excerpts 7 (lines 3 and 5), Helena asks Mário if he saw or spoke with someone who saw the crime so as to obtain names of people who can be called in to testify. In Excerpt 8, again, in the search for eyewitnesses, Helena tries to find out if Cleci heard somebody saying the name of the defendant as the author of the crime (line 1). That would mean an accusation, and this person would be officially called in to provide his/her deposition. Helena insists on the same question four times (lines 4, 6, 8 and 10). However, Cleci does not provide any specific name and answers the question with a broad answer “people around there” (line 11). Cleci, as many other deponents in my corpus avoids naming other people who could provide information regarding the crime. People whose names are given will probably be called in to tell what they know. However, if these people are called against their will, and they find out who gave their names to the judge, they might want to retaliate. Therefore, deponents prefer to give

vague answers involving people as a group, rather than individually. Information withholding makes it more difficult for the justice system to discover what really happened. Those who saw what happened might have personal reasons to hide what they know, and those who know who saw the facts also have personal motives to prefer to keep this information to themselves. People have different personal interests to attend to.

3.2.3. Degree of relationship among the suspect or victim and the deponent, and defendant's background

A question which is present in almost all questionings is how the victim/defendant/deponent know each other, for how long and where they met. It is important to know this information in order to establish some concepts. For example, depending on the circumstances of participants' relationship, they might have reasons to harm or defend each other.

Also, depending on how long they have known each other, they are able to give more or less information about the life history of the person in question. It is the previous relationship which is going to determine how accountable the deponent may be for the information provided concerning the defendant's background. If the deponent does not know the defendant for long, s/he cannot tell much about the defendant's past and personality. On the other hand, if the deponent has known the defendant for a long time, the deponent might be able to inform the judge about the defendant's previous experiences such as past jobs, education, family matters, etc. The information provided can serve to confirm what is in the dossier or to add new information.

(9)

A man was shot by a neighbor (but survived) while playing soccer in front of his own house. The judge is interrogating another neighbor whose child was also playing soccer and was shot by accident.

1. **Regina:** todos gritavam foi o Joca (.) o Joca disparou (.) tudo que tava por ali (0.2) eu não sei quem é que tava por ali
- 2.
3. **Helena:** e o seu Ari (vítima) (.) a senhora conhecia há mais tempo? há quanto tempo?
4. **Regina:** faz uns seis anos (0.2) conheci ele gurizinho (.) depois a gente saiu de perto (.)
5. depois ele foi morar perto da minha casa de novo
6. **Helena:** como é o comportamento dele ali na vila?
7. **Regina:** é bom
8. **Helena:** é uma pessoa ajustada? bom vizinho?
9. **Regina:** é bom vizinho
10. **Helena:** a senhora sabe se ele tem envolvimento com tóxicos?
11. **Regina:** i:::sso eu não sei
12. **Helena:** houve algum comentário que ele tivesse?
13. **Regina:** que eu saiba não
14. **Helena:** e da parte do seu Joca? (réu)
15. **Regina:** ele trabalhava comigo (.) conhecia ele há pouco tempo
16. **Helena:** trabalhava com a senhora onde?
17. **Regina:** no João XXIII
18. **Helena:** no colégio?
19. **Regina:** não (.) no cemitério
20. **Helena:** a senhora trabalhava no cemitério João XXIII e ele também?
21. **Regina:** arrumei serviço pra ele lá
22. **Helena:** a senhora arrumou?
23. **Regina:** sim
24. **Helena:** ele parecia ser uma pessoa equilibrada? nunca teve problemas?
25. **Regina:** no serviço sim (.) agora ele tinha lá as broncas dele de fora que de vez em quando ele saía (.) não sei o que era
- 26.

(English translation)

1. **Regina:** everyone shouted it was Joca (.) Joca shot the gun (.) everyone who was there (0.2) I don't know who was there
- 2.
3. **Helena:** and how about Mr. Ari (victim) (.) did you know him for long? how long?
4. **Regina:** it's been six years (0.2) I met him when he was a kid (.) after that we moved away (.) later he came to live near my house again
- 5.
6. **Helena:** what's his behavior like in the neighborhood?
7. **Regina:** it's good
8. **Helena:** is he an adjusted person? good neighbor?
9. **Regina:** good neighbor
10. **Helena:** do you know if he has any involvement with drugs?
11. **Regina:** th:::at I don't know
12. **Helena:** was there any rumor that he had?
13. **Regina:** not that I know of
14. **Helena:** and how about Mr. Joca ? (defendant)
15. **Regina:** he worked with me (.) I met him recently
16. **Helena:** where did he work with you?
17. **Regina:** at João XXIII
18. **Helena:** the school?
19. **Regina:** no (.) the cemetery
20. **Helena:** you worked at João XXIII Cemetery and he did too?
21. **Regina:** I got a job for him there
22. **Helena:** you did?
23. **Regina:** yes
24. **Helena:** did he look like a well-balanced person? never had problems?
25. **Regina:** in the job yes (.) now he had his problems out of the job because sometimes he had to leave (.) I don't know what it was
- 26.

In line 3, Helena asks for how long Regina has known the victim. The fact that Regina has known him since he was a kid (lines 4-5), gives her the authority to talk about the victim's past, personality and behavior. As Regina knows the defendant well, Helena asks her what the victim's behavior in the neighborhood is like (line 6). In fact, what Helena tries to find out concerning the deponent's behavior is if his attitudes match those expected by society or if he breaks society's norms, using drugs, for instance. Helena's interest can be seen in the sequence of questions that follow. As Regina provides a general answer "it's good" (line 7), Helena narrows the question down a bit more by asking if the victim is a good neighbor (line 8). In line 9, as Regina does not offer more detailed information concerning the victim's behavior, Helena asks a more specific question concerning the use of drugs (line 10). As Regina says she does not know anything about it (line 11), Helena asks if she did not hear any rumors (line 12). This is a strategy used by the judge due to the fact that people are usually afraid of giving information about other people on attitudes that are condemned by society, such as the use of drugs. Therefore, if the deponent says she heard a comment, instead of affirming something, she puts these words in somebody else's mouth, exempting herself from the burden of the accusation.

In line 14, Helena tries to find out about Regina's relationship with the defendant by merely asking "how about Mr. Joca?". In fact, the way Helena asks the question does not make it clear whether she was asking the same last question about the defendant (involvement with drugs), or if she was restarting the questioning from the beginning (how well/how long have you known Joca?). Regina interprets it as if Helena is starting from the beginning and says that she has met Joca recently and that they worked together (lines 15). Based on the fact that they worked together, the following questions

concern the defendant's work. (lines 16-26). Especially in line 24, Helena asks specifically about the defendant's behavior at work.

In the courtroom, the suspect's biographical background and life circumstances are usually brought forward. "Motives and background circumstances may be treated as narrative explanations of events or circumstances that are external to the immediate interaction in the courtroom" (Komter, 1998, p. 60). In case the suspect's biographical background does not match those expected by society, moral condemnation may stand in the way of understanding. On the other hand, if the suspect was a victim of life circumstances, the suspect may find grounds for mitigating his/her excuses or justifications. "Excuses and justifications are brought up by suspects when a moral orientation is relevant" (Komter, 1998, p. 50).

3.2.4. Defendant's previous police record

Finding out about the defendant's previous police record is important in order to know if this is the first time the defendant commits a crime or if s/he has committed other criminal offenses in the past. This information is important for two reasons.

First, if the defendant has a past criminal history, all the paperwork concerning this/these past act(s) must be attached to the paperwork of the case in question at the moment. The attachment is important to allow the judge to learn more about the defendant's life and to look for connections in all cases. Also, the defendant's past crimes influence the final sentence. For instance, if the defendant committed the same crime more than once, punishment will be harsher, as the defendant is, in fact, adding sentences.

Second, there are implicit moral values involved. A person who has committed other crimes in the past is looked at in a more severe way. Someone who committed a

crime just once, might have committed it for several reasons, even by accident or self-defense. However, someone who is being judged more than once for criminal acts is seen as a person who, if acquitted, might go back to the streets and resume a criminal life.

The excerpt below shows the relevance given to a defendant's previous police record during questioning:

(10)

Mário is being accused of accomplice murder. The person who pulled the trigger has already confessed the crime and denies Mário's participation.

1. **Helena:** o senhor alguma vez já foi preso ou processado por algum outro fato?
2. **Mário:** eu tô processado (.) tô respondendo a um=
3. **Helena:** =em Porto Alegre?
4. **Mário:** em Porto Alegre
5. **Helena:** na cidade de Porto Alegre (.) responde a um processo mais? dois processos
6. mais? três processos mais?
7. **Mário:** não (.) tô respondendo a um processo no artigo cento e vinte e um (.) um
8. homicídio
9. **Helena:** um homicídio (0.3) nesta vara aqui?
10. **Mário:** nesta vara aqui
11. **Helena:** o senhor já constituiu advogado se:::u=
12. **Mário:** =sim
13. **Helena:** quem é que vai exercer sua defesa?
14. **Mário:** o doutor Roberto
15. **Helena:** Roberto?
- (3.2)
- (Helena procura o nome do advogado nos autos)
16. **Mário:** eu tenho o cartão dele ali
- (3.6)
- (Mário levanta-se para procurar o cartão de visita do advogado e Helena vira-se na direção do auxiliar judiciário)
17. **Helena:** só desliga aí um pouquinho e me localiza o processo dele

(English translation)

1. **Helena:** have you ever been charged for any other deed?
2. **Mário:** I'm charged (.) I'm being charged in one=
3. **Helena:** =in Porto Alegre?
4. **Mário:** in Porto Alegre
5. **Helena:** in the city of Porto Alegre (.) being charged in one more suit? two more suits?
6. three more suits?
7. **Mário:** no (.) I'm being charged in one more suit under article one hundred and
8. twenty-one (.) a homicide
9. **Helena:** a homicide (.) in this jurisdiction here?
10. **Mário:** in this jurisdiction
11. **Helena:** have you hired a lawyer Mr:::=
12. **Mário:** =yes

13. **Helena:** who's going to be your defense?
 14. **Mário:** doctor Roberto
 15. **Helena:** Roberto?
 (3.2)
 (Helena looks for attorney's name in the dossier)
 16. **Mário:** I have his business card there
 (3.6)
 (Mário goes look for the attorney's business card and Helena turns to court assistant)
 → 17. **Helena:** turn this off for a while and locate his file

Helena does not wait until the end of the hearing and asks the assistant to get the file records for Mário's previous law suit right away (line 17). Helena wants to attach the previous law suit to the current one in order to analyze the previous information before a final judgement is made on this one. Evidence on the suspect's biographical background might affect the analysis of the suspect's current state of affairs.

Mário shows familiarity with the law when he mentions the number of the article of the criminal code under which he is being charged: one hundred and twenty one, homicide (lines 7-8). As for Helena, the representative of the institution, she seems to be so used to interacting with deponents who have more than one pending law suit at the same time, that she asks Mário if he has one, two or three law suits pending (lines 5-6). In lines 9 and 10, Helena checks with Mário if his law suit is filed under her jurisdiction, because if it were not, she would make a request to the appropriate place to have the files sent to her.

When a suspect is questioned, the judge always checks if the suspect has already hired a lawyer (lines 11-15). In case the defendant cannot afford a lawyer, the State provides the service of a Public Defense Attorney as this is a right that is guaranteed by the Brazilian Constitution.

These are the basic questions found in all hearings in my corpus, while judges question deponents during fact finding. Let us now see how judges turn the floor over to the prosecutor and defense attorney.

3.3. Turning the floor over

Three are the people allowed to ask questions in a criminal hearing (judge, prosecutor and defense lawyer). The prosecutor and the defense attorney cannot ask questions at random during the hearing. The judge has to officially turn the floor over to these participants. When the judge closes his/her questioning, those who are present and are familiar with how the activity is structured know that the next activity to take place is the allowance of time for the prosecutor and defense attorney to question the deponent. After that, the hearing ends.

The judge usually thanks the deponent for his/her deposition. After that, s/he turns the floor over to the Public Prosecutor, who is usually addressed as “promotor” (prosecutor), “doutor” (doctor) or “Ministério Público” (Department of Justice), the institution which s/he represents. Last, the judge, turns the floor over to the defense lawyer.

(11)

1. **Teresinha:** a senhora sabe esse negócio com a Arlete (0.3) desde nenê quem sempre se envolveu com ele fui eu (.) nem a Arlete tinha paciência (.) eu sou vó e mãe dos
2. meus netos
- 3.
- 4. **Helena:** muito obrigada (.) Ministério Público
- 5. **Norton:** nada
- 6. **Helena:** defesa?
- 7. **Neusa:** nada
- 8. **Helena:** nada mais (.) obrigada dona Teresinha (.) assine aqui

(English translation)

1. **Teresinha:** you know this thing with Arlete (0.3) since he was a baby I was the one who
2. always got involved with him (.) not even Arlete had the patience (.) I'm the
3. grandmother and the mother of my grandchildren
- 4. **Helena:** thank you very much (.) Department of Justice
- 5. **Norton:** nothing
- 6. **Helena:** defense?
- 7. **Neusa:** nothing
- 8. **Helena:** nothing else (.) thank you Mrs. Teresinha (.) sign here

There is no follow-up from Helena on Teresinha's answer. Helena signals that she will ask no more questions by thanking Teresinha for her participation (line 4). Teresinha is thanked by Helena in two different moments: when Helena finishes her own questioning, and in the closing of the hearing, before Teresinha leaves the courtroom, when Helena also asks Teresinha to sign her deposition (line 8). Those familiar with the structure of the hearing know that the judge's first thanks means the judge's questioning is over and the hearing is approaching its end.

Hymes, 1971 (cited in Aston, 1995) suggests that thanking may function more as a formal marker of discourse structure than as an indication of genuine gratitude. The action of "thanking" is used by participants to terminate a conversation. It fulfills the need to shut down the current topic and to allow for the reintroduction of further topics. This can be seen in the transcript when Helena thanks Teresinha for the first time (line 4). When thanking Teresinha, Helena is giving up the floor, for the time being, and is turning it over to the Public Prosecutor.

Such an abrupt closing may sound somewhat disruptive in various kinds of interactions, ranging from friendly gatherings to other examples of institutional encounters such as doctors' appointments. Participants usually signal that the end of the interaction is approaching by giving cues which indicate that their participation in the conversation is about to finish (Sacks, 1992). Some instances of such cues are: "Is there anything else I can do for you?", in case of doctors' appointments, "It's getting late, I've gotta go", in conversations among friends, "That's all for today", in business meetings, and so on.

However, in criminal hearings, such an abrupt closing happens on a routinely basis and does not seem to cause any discomfort to those participants already familiar with the routine, such as the prosecutor and defense attorney. As for deponents, even if

they feel uncomfortable, they have no opportunity to express it verbally, as they are only allowed to answer the judge's questions. Besides that, deponents have no other chance to talk once the judge has closed his/her questioning, unless the prosecutor and/or defense attorney have questions to ask.

Another expression commonly used by judges, prosecutors and defense attorneys to close their activity is "nothing else". In fact, "nothing else" was more recurrent than "thank you" in the data I was able to collect.

(12)

1. **Helena:** nada mais (.) Ministério Público
2. **Norton:** sem perguntas
- 3. **Helena:** defesa?
- 4. **Neusa:** (balança a cabeça negativamente)
- 5. **Helena:** nada?
- 6. **Neusa:** nada mais
- 7. **Helena:** nada mais
(2.7)
8. **Helena:** a seguir pela doutora juíza foi dito que declarava encerrada a instrução e
9. determinava fossem intimadas as partes do prazo do artigo quatrocentos
10. e seis após a transcrição deste depoimento (.) nada mais

(English translation)

1. **Helena:** nothing else (.) Department of Justice
2. **Norton:** no question
- 3. **Helena:** defense?
- 4. **Neusa:** (shakes head)
- 5. **Helena:** nothing?
- 6. **Neusa:** nothing else
- 7. **Helena:** nothing else
(2.7)
8. **Helena:** in the course it has been said by the judge that she declared the instruction closed
9. and determined the parts should be notified of the time according to article four
10. hundred and six after this deposition has been transcribed (.) nothing else

When Helena closes her questioning by saying "nothing else" (excerpt 12, line 1), she makes it clear that she is closing her interrogation and has no more questions to ask. However, when she closes her interrogation by saying "thank you" (excerpt 11, line 4), it is necessary to look at Helena's next turn to find out that she is, in fact, closing her

questioning. The fact that she turns the floor to the public prosecutor indicates that she will ask no more questions.

In lines 5 and 6, we can see that, despite the fact that Neusa does not wish to ask questions, she needs to state that she does not want to do so. The act of shaking her head (line 4) does not appear in the tape recording, therefore, that is not considered an official answer to a question. Helena invites Neusa to provide a verbal answer to her question by asking if she does not have any further questions (line 5). This shows that, even though attorneys are used to the routines of the courtroom, they sometimes do not use the procedures which are expected from them. The judge, as the coordinator of the interaction, invites participants to follow the expected procedures. Judges initiate repair, no matter who is breaking the rules, whether it is the defendant or witnesses, whose credibility is in question, or the attorneys, professionals of the field.

3.4. Closing

After the judge, the prosecutor and the defense attorney state they no longer want to use the floor for questions, the judge closes the hearing by stating the next procedures to be taken regarding the case.

(13)

1. **Helena:** nada mais (.) Ministério Público
2. **Norton:** sem perguntas
3. **Helena:** defesa?
4. **Neusa:** (balança a cabeça negativamente)
5. **Helena:** nada?
6. **Neusa:** nada mais
7. **Helena:** nada mais
(2.7)
- 8. **Helena:** a seguir pela doutora juíza foi dito que declarava encerrada a instrução e
- 9. determinava fossem intimadas as partes do prazo do artigo quatrocentos
- 10. e seis após a transcrição deste depoimento (.) nada mais

(English translation)

1. **Helena:** nothing else (.) Department of Justice
2. **Norton:** no question
3. **Helena:** defense?
4. **Neusa:** (shakes head)
5. **Helena:** nothing?
6. **Neusa:** nothing else
7. **Helena:** nothing else
(2.7)
- 8. **Helena:** in the course it has been said by the judge that she declared the instruction closed
- 9. and determined the parts should be notified of the time according to article four
- 10. hundred and six after this deposition has been transcribed (.) nothing else

In line 8, Helena officially announces that the hearing is closed. In lines 9-10 she determines what needs to be done in order to proceed with the processing of the case. For Helena's instructions to be broken, the interested party needs to negotiate the change, directly with her. Nobody else has the authority to make amendments.

In case the court uses a tape recorder, the information contained in lines 8-10 is the last information recorded on the tape, thus officially closing the recording. In case the court uses a stenographer, this is the last information contained on the tape produced, and it is only followed by the signatures of the participants. After Helena provides the instructions, she closes her turn, the recording and the whole event by stating, again, "nothing else".

This chapter shows that, in institutional interaction that takes place in examining hearings, judges are in full control of turn-taking allocation. As such, they decide what content is admissible and in what order information is to be introduced. The pre-determined pattern of questions and answers gives judges the right to ask questions and constrains deponents to provide answers (only for cases when the right to remain silent is guaranteed by law). Participants orient to an overall structural organization where deponents are led through different activities by the representative of the institution, due to deponents' unfamiliarity with or submission to the procedures.

The production of this organization, the importance and time devoted to each activity, as well as the move from one activity to the other are controlled by the professionals representing the institution. The judges develop standard practices for managing their task-related routine encounters, as they participate in many such interactions in the course of a day. On the other hand, for lay participants (suspects, victims and witnesses), taking part in an examining hearing might be a unique experience in a lifetime and, as a consequence, they find themselves led through the different activities of the interaction.

Having provided an overview of how examining hearings are structured, let us turn to the next chapter where we will see how judges try to sustain a public appearance of neutrality throughout examining hearings, while dealing with delicate issues, such as morality.

CHAPTER 4

SUSTAINING A PUBLIC APPEARANCE OF NEUTRALITY

This chapter will start by giving an overview of possible research issues to be considered when carrying out an analysis of social epistemology and social relations in institutional interaction. Key issues in the analysis of examining hearings are the cautiousness displayed by the institutional participants in the design of their talk, and the fact that institutional representatives tend to treat individuals as routine cases, while, for individuals, being in contact with the institution might be a unique experience. First, I will show how judges try to manage to sustain neutrality while questioning deponents. After that, I will present some evidence which shows judges treating individuals as routine cases.

4.1. Overview

According to Drew and Heritage (1992), the study of social epistemology and social relations brings up issues that are found in a wide range of conduct in institutional settings and are manifested through lexical choice, turn design, sequence organization and the overall structural organization of the event. These issues are not manifested in any specific sequence of action. They may emerge in any or all sequences. Some issues are suggested by these authors, considering a social epistemology and social relations view. One of the issues is that professional participants in institutional interactions design their talk so as to maintain a cautiousness, or even a position of neutrality with respect to their co-participants. Another issue is the fact that professional participants

treat individuals as routine cases, while for the client, that may be a unique and personal case. Let us see how professionals in examining hearings deal with these issues.

4.1.1. Avoiding affiliation/disaffiliation

When asking questions, judges have to deal with two issues: a) they ask questions to deponents who are bound to have an interest in the outcome of the trial, no matter whether the deponent is the victim, the defendant or a witness; and b) they have to ask challenging questions without showing any affiliation or disaffiliation with deponents.

The process of asking and answering questions is central to courtroom interaction. However, “how” to ask questions is problematic for judges, since throughout the interrogation they need to keep and show a neutralistic position. The Brazilian Code of Civil Proceedings, article 125, states that judges must guarantee equal treatment to participants in a law suit. Prosecutors and defense attorneys do not face the same problem, since it is known that they represent opposite teams. Prosecutors side with victims and defense attorneys side with defendants.

In order to deal with the issues mentioned above, let us look at how judges manage to, at the same time, ask questions to deponents and avoid displaying alignment with any of the parties involved.

4.1.1.1. Acknowledging receipt of information

In his work on displaying neutrality in court proceedings, Atkinson (1992) states that marking receipt is a highly effective way of avoiding displays both of affiliation and disaffiliation with the prior speaker. In other words, it works as a technique for displaying neutrality in the face of potentially controversial material. Atkinson also says that acknowledging receipt of information before asking challenging questions helps

decrease the deponents' level of anxiety when exposed to such a context, and helps judges avoid showing affiliation with any of the parties involved in a hearing.

In the examining hearings I have analyzed, judges acknowledge receipt of deponents' information by: a) making use of continuers; b) repeating deponent's words before moving to a new question; and c) formulating the gist, or summary of what the deponent has just said.

(14)

Ernesto eyewitnessed a murder while returning from a soccer game.

1. **Ernesto:** não deu pra escutar nada porque eles tavam lutando né? aí de:: repente eu só vi
2. quando um caiu no chão (.) e aí já correu mais gente (.) no caso os que tavam
3. mais próximos
- 4. **Helena:** ãrrã
(0.9)
5. **Ernesto:** aí foi onde um entrou no carro né? aí surgiu uma mulher (0.2) também não sei de
6. que lado ela veio
- 7. **Helena:** ãrrã
(1.2)
8. **Ernesto:** e entrou no carro e o carro foi no ca::so embora
- 9. **Helena:** ãrrã
(1.7)
10. **Helena:** e o tiro?

(English translation)

1. **Ernesto:** I couldn't hear anything because they were fighting, right? then suddenly I only
2. saw when one fell on the floor (.) and then more people ran (.) I mean the ones
3. who were closer
- 4. **Helena:** uh huh
(0.9)
5. **Ernesto:** then that's when one got into the car, right? then a woman showed up (0.2) I
6. don't know where she came from either
- 7. **Helena:** uh huh
(1.2)
8. **Ernesto:** and got into the car and the car I me::an left
- 9. **Helena:** uh huh
(1.7)
10. **Helena:** and the shot?

Helena acknowledges receipt of Ernesto's information by using the continuer "uh huh" (lines 4, 7 and 9), allowing time for Ernesto to provide all the information he wants regarding the previous question. The fact that Helena leaves a gap before asking a

new question gives Ernesto one more chance to continue further with what he was saying. For Atkinson, this practice gives freedom to deponents to provide the amount of information they need without any sign of stress, and, at the same time, it helps making deponents more comfortable, since they can tell that the information they are offering is being received. This practice also favors judges, as it allows them to show acknowledgement of receipt without showing any affiliation/disaffiliation with deponents.

Atkinson's finding is that the judge's practice of acknowledging receipt before going to the next question helps reduce or mitigate the kind of uncertainty that is involved in such a situation, where the only acknowledgement an answer receives is an unprefaced next question. When judges do not use this practice, it is more difficult for deponents to come to any conclusion about what judges made of a just completed utterance until the next question is asked.

There is another practice used by judges. Instead of using continuers, the judge repeats the deponent's words. Besides acknowledging receipt of information, by echoing the deponent's words, the judge accomplishes his/her institutional mandate of processing the case by establishing accurate records.

(15)

1. **Helena:** o senhor alguma vez já prestou depoimento?
2. **Ernesto:** sim
3. **Helena:** outras vezes?
(depoente balança a cabeça afirmativamente)
4. **Helena:** muitas vezes?
5. **Ernesto:** duas vezes
- 6. **Helena:** duas vezes (0.2) recentemente?
7. **Ernesto:** foi no ano passado
- 8. **Helena:** no ano passado (0.2) seu Ernesto (.) então o senhor conhecia porque::já
conhecia o seu Dagoberto porque conhecia a filha dele?
- 9.

(English translation)

1. **Helena:** have you ever testified?
2. **Ernesto:** yes
3. **Helena:** other times?
(deponent nods affirmatively)
4. **Helena:** many times?
5. **Ernesto:** twice
- 6. **Helena:** twice (0.2) recently?
7. **Ernesto:** last year
- 8. **Helena:** last year (.) Mr. Ernesto (.) so you knew because::: you already knew Mr. Dagoberto because you knew his daughter?
- 9.

In my corpus, I found that the judge's repetition of the deponent's words usually happens when the deponent answers the judge's questions with a minimal response token (lines 6 and 8). The echoing of the deponent's words is then followed by a next question. Therefore, the judge acknowledges receipt of information and moves to a next question without displaying affiliation/disaffiliation with the deponent.

However, when the answers received are more elaborate, judges acknowledge receipt of information, without affiliating with deponents, by formulating the gist or summary of what the deponent is saying in his/her last answer, or in his/her last sequence of answers. This practice not only shows acknowledgement, it also provides a summary of "where we are". The judge formulates the sense of prior talk. This formulation is designed as a demonstration of understanding to which the appropriate response is confirmation or disconfirmation by the deponent. Once it is confirmed, it locates and establishes an area of common ground. Once it is disconfirmed, it becomes necessary to review what has been said before in order to identify what has been misunderstood. It is important to clarify misunderstandings so as to have an accurate record of the information provided, which will be crucial for the final hearing, when the defendant will be sentenced.

The way judges formulate deponents' prior talk is similar to the sense of formulations discussed by Walker (1995) in her paper on formulations in

union/management negotiations. She shows, from a detailed analysis of the data she collected, that there are moments in the talk when a bid is made to crystallize the issue into a basis upon which an agreement may subsequently be built. This bid is made by “formulating” the sense of prior talk: that is, by one team saying-in-so-many-words-what-we/you-are-saying. Walker states that “in institutional talk, formulations may acquire a particular implicativeness because they are used as a device for accomplishing interactive work which is made relevant by the institutional setting” (p. 103). She also says that inherent in the design and analysis of formulations are the specialized inferential and participation frameworks which often characterize institutional talk. As a consequence, the use of formulations, as well as the interactive work they are employed to accomplish may be associated with particular roles. As an example, Walker mentions formulations in news interviews, which are routinely used by the interviewer to prompt the interviewee to elaborate on the prior talk in some specific way.

In examining hearings, the specialized work performed by formulations is the establishment of the facts, so that these facts can serve as the basis for the defendant’s upcoming trial. Mostly, every time the common ground for a specific question, or sequence of questions, is established, it sets the starting point for a new question or sequence of questions to come. Therefore, one can say that formulations usually constitute a shift from the exchange of information to a recapitulation of “where we are”, before a new question is raised.

When a question emerges, it elicits exchange of information, which allows asker to discover and explore answerer’s different positions. At each turn at talk, the deponent’s presentation of additional counter-material extends the discussion. When judges choose to recycle prior talk, they are, in fact, changing the nature of the activity, that is, a formulation postpones the raising of further matters to initiate a review of

“where we are”. The excerpt below shows a moment when the judge formulates a summary of what the deponent said in order to review the facts as they happened.

(16)

Ari was shot by a neighbor while playing soccer in front of his house.

1. **Ari:** eu vinha todo dia do serviço (0.2) chegava lá pelas seis horas (0.2) os guris
2. vinham e a gente jogava bola na rua (.) a gente sempre jogava desde que eu me
3. mudei pro barracão (0.2) aquele dia nós jogando normal (.) chuta daqui e de lá
4. (0.2) aí:: seu Joca tava na frente (0.2) que a gente nunca trocou palavra (.)
5. conversamos (0.2) a senhora vê que eu nem sabia o nome dele direito (0.2)
6. nesse dia ele tava olhando e veio pro meu lado e disse que
7. era o último dia que tu joga bola aqui na frente e veio com a arma
8. na mão (.) aí disse ca::lma e o irmão dele veio por trás pra me
9. agarrar
10. **Helena:** como é o nome do irmão dele?
11. **Ari:** não sei
12. **Helena:** nem apelido?
13. **Ari:** não (.) esqueci (0.2) tentou me agarrar (.) dei com o braço pra tentar me
14. defender (0.2) aí ele deu o tiro (0.2) o primeiro me acertou no lado
15. esquerdo (0.2) aí:: me atirei no chão e ele descarregou em cima de mim
16. **Helena:** vamos ver o que o senhor está nos relatando (0.3) quando o senhor nos
17. descreve esses fatos diz que ele chegou pro senhor e disse que era a última
18. vez que jogava bola ali na frente da casa dele (.) que o senhor teria levado o
19. braço na direção dele e ele teria empunhado a arma (0.2) tirado da
20. cintura
21. **Ari:** é o irmão dele tentou me agarrar por trás e eu dei no irmão dele
22. **Helena:** ah! pra ele não lhe segurar!
23. **Ari:** isso

(English translation)

1. **Ari:** I used to come everyday from work (0.2) I arrived at around six o'clock (0.2)
2. the boys came and we played ball on the street (.) we've always played since
3. I've moved to the shanty (0.2) on that day we played normally (.) kick from
4. here and there (0.2) th::en Mr. Joca was in front of the house (0.2) we never
5. exchanged a word (.) talked (0.2) you see that I didn't even know his name
6. right (0.2) on this day he was looking and came toward me and said it
7. was the last day you play ball here in front of the house and came with a gun in
8. hand (.) then I said ca::lm down and his brother came from behind to seize me
9. **Helena:** what's his brother's name?
10. **Ari:** I don't know
11. **Helena:** no nickname?
12. **Ari:** no (.) I forgot (0.2) he tried to seize me (.) I hit him with my arm to try to defend
13. myself (0.2) then he shot (0.2) the first one hit my left side (0.2) th::en I threw
14. myself on the floor and he unloaded the gun on me
15. **Helena:** let's see what you're telling us (0.2) when you describe these facts to us you say
16. that he came to you and said that it was the last time you played ball there in
17. front of his house (.) that you had moved your arm in his direction and he had
18. held the gun (0.2) taken from his waist
19. **Ari:** yes his brother tried to seize me from behind and I hit his brother
20. **Helena:** oh! not to let him seize you!
21. **Ari:** that's it

Ari says that, since he started living where he lives now, it is routine for him and the kids to play ball in front of the area where they live (lines 1-3). In lines 3 and 4, by using the expression “kicking from here and there” he shows that, at the moment of the crime, he was not doing anything different from playing ball, as he used to every day. Ari claims to have never spoken to the defendant before the accident, and he reinforces this idea by saying that he did not even know the defendant’s name. Having no relationship with the suspect, there would be no reason for the crime, except for the fact that the suspect told Ari he did not want him to play in front of his house anymore (lines 3-7).

Right after Helena asks for the name of the suspect’s brother (lines 9-12), who tried to seize Ari from behind, Ari proceeds with his report by claiming to have to make use of his arm to defend himself (lines 12-13). After that, he reports the shots (lines 13-14).

As Ari provides a lot of information at once, Helena recapitulates the facts and checks if she had not missed anything, to make sure the right information would be recorded, before she proceeds with further questions. For that, Helena makes a summary of the facts described by Ari. She announces that what she is going to do is to review the facts when she starts her turn by saying “let’s see what you’re telling us” (line 15). Walker (1995) calls this preface of a formulation a “metacomment” (p. 137), which explicitly identifies the projected action. In this case, the projected action is to review Ari’s prior talk. After that, Helena gives Ari the authorship for what she is going to report when she says “when you describe us these facts you say that” (lines 15-16). Helena, then, formulates the gist of Ari’s report by repeating the facts that she considered relevant for the case: the defendant’s indignation towards the ball game,

Ari's physical reaction against the defendant, and the fact that the defendant was holding a gun (lines 16-18).

However, one piece of information recapitulated by Helena was wrong. Ari did not react against the defendant, but against the defendant's brother, who was trying to immobilize him. Ari volunteers an immediate correction of the facts (line 19). Helena displays a change-of-information-status token "oh" (line 20). She infers that Ari reacted because the defendant's brother wanted to seize him. Ari had already mentioned that the defendant's brother wanted to seize him in line 8, but Helena had not connected the facts properly.

This shows the relevance of the fact that Helena stopped to recapitulate the events at the moment she did. Otherwise, she would have gone further with the questioning while having in mind the wrong idea that Ari had hit the defendant. This fact is important in order to avoid hiding the suspect's guilt behind an excuse of self-defense. Shy (1997), states that "witnesses cannot volunteer new topics or start new questions/answers sequences. Once cut off, they must be quiet. Once misunderstood, they must live with the misunderstanding" (p. 144). If Helena had not recollected the facts, the misunderstanding would not had been cleared. This analysis shows that, when judges formulate deponent's prior talk, they aim at obtaining accurate information for the records, in order to process the case at hand. They do that without displaying a public appearance of affiliation/disaffiliation with deponents.

The excerpt below shows a moment when the judge formulates the summary of the deponent's prior talk because she finds discrepancies in the testimony, and, therefore, wants to disambiguate the facts. When contradictions are found in the same testimony, it is necessary to establish which of the versions will be recorded as the deponent's final one.

(17)

Luiz witnessed a murder while returning from a soccer game.

1. **Helena:** e aí o que que vocês viram?
2. **Luiz:** o carro estava estacionado na hora que nós tava subindo (0.2) tava estacionado o carro e os dois tavam conversando
- 3.
4. **Helena:** os dois tavam conversando (.) e aí?
5. **Luiz:** é e aí os dois começaram a discutir (0.3) nós continuamos seguindo (.) caminhando
- 6.
7. **Helena:** mas o Rogério viu o SOGRO dele discutindo e não parou?
8. **Luiz:** não
9. **Helena:** ele não se dava com o sogro?
10. **Luiz:** não sei
11. **Helena:** o senhor não sabe (.) mas o senhor sabia que era sogro dele?
12. **Luiz:** sabia
13. **Helena:** ãrrã (0.2) eles tavam conversando?
14. **Luiz:** isso (.) de repente eles começaram a discutir né? aí o::: pegaram a arma (0.2) um deles ta::va::: tava com a arma e aí começaram a lutar com a arma na mão=
15. **Helena:** =NÃO (0.2) só vamos ver o seguinte (0.3) o senhor estava caminhando que e disse que não parou
16. **Luiz:** isso
17. **Helena:** o senhor estava acompanhando o seu Rogério (0.2) seu Rogério não parou o senhor também não parou
18. **Luiz:** certo
19. **Helena:** então eu:::isso tudo me faz pensar seu Luiz que o senhor estava caminhando (.) seguiu caminhando (.) então ficou de COSTAS pra eles?
20. **Luiz:** sim
21. **Helena:** o senhor não VIU então?
22. **Luiz:** só escutei o tiro

(English translation)

1. **Helena:** and then what did you see?
2. **Luiz:** the car was parked at the time we were going up (0.2) the car was parked and the two were talking
- 3.
4. **Helena:** the two were talking (.) and then?
5. **Luiz:** yeah and then the two started arguing (0.3) we kept on going (.) walking
6. **Helena:** but Rogerio saw his FATHER-IN-LAW arguing and didn't stop?
7. **Luiz:** no
8. **Helena:** didn't he get along with his father-in-law?
9. **Luiz:** I don't know
10. **Helena:** you don't know (.) but you knew he was his father-in-law?
11. **Luiz:** I did
12. **Helena:** uh huh (0.2) they were talking?
13. **Luiz:** that's it (.) suddenly they started arguing right? then they:::reached for the gun (0.2) one of them h:::had the gun and then they started fighting with the gun in hand=
14. **Helena:** =NO (0.2) let's just see the following (0.3) you were walking and said you didn't stop
15. **Luiz:** that's it
16. **Helena:** you were accompanying Mr. Rogério (0.2) Mr. Rogério didn't stop you didn't stop either
17. **Luiz:** right
18. **Helena:** so I::: this all makes me think Mr. Luiz that you were walking (.) kept walking (.) so you had your BACK turned to them?
19. **Luiz:** yes
20. **Helena:** you didn't SEE it then?
21. **Luiz:** I just heard the shot

In line 1 Helena tries to find out what Luiz had eyewitnessed. Eyewitnesses have first-hand knowledge of the facts. First, Luiz says that the defendant and the victim were first talking and then started arguing, but he and his friends did not stop to look. They continued walking (lines 2, 3 and 5). However, later, in lines 13–15, Luiz says that the two men started fighting and that one of them was holding a gun. Helena reacts to what Luiz is saying by proffering a loud “NO” (line 16). The fact that Helena opens her turn with a “NO”, pre-announces that what she’s going to say is in disagreement with what Luiz said. Helena’s interrupting Luiz and saying “NO” in a loud voice, showing disagreement with what was being said, shows disaffiliation with Luiz. However, judges are expected to be neutral. Helena, then, formulates a summary of Luiz’s prior talk in order to establish “where we are” (lines 16-17 and 19-20). She pre-announces she is going to do that by using the metacomment “let’s just see the following” (line 16). Helena recovers a neutralistic position when she does that. By retelling what Luiz said, she makes him accountable for the facts.

In lines 19-20, Helena formulates, again, a summary of “where we are”. However, this time she gives a hint as to why she is formulating the facts. It is helping her build the facts the way they happened. When she says “this all makes me think” (line 22), she justifies her formulation and at the same time she invites the deponent to follow her line of thinking. And, in the way the facts were presented, Helena concludes that Luiz had his back turned to the scene of the crime. If he had his back turned to the scene of the crime, he could not have seen the two men fighting, or the gun. Therefore, Luiz can only testify for what he heard: the shot. Not seeing the crime itself, he is not accountable for the events on how the shot took place. He is just accountable for the fact that there was a shot and for the events that preceded the shot: the conversation and the argument.

This analysis shows a moment when a judge inadvertently shows affiliation/disaffiliation with a deponent, but works on fixing it, in order to show a neutralistic position (what is expected of her). Formulating the summary of what the deponent said in prior talk helps judges deal with a situation of affiliating/disaffiliating with the deponent without appearing to be doing so.

In the data I analyzed, I found that it is sometimes difficult for judges to sustain neutrality when deponents' statement contradict the judges' moral values. Let us see how judges deal with this issue.

4.1.2. Displaying disaffiliation

Criminal law can be seen as a moral arena in which the boundaries between good and bad are established and upheld. Komter (1998) says that it has been proposed that law and morality mutually influence each other because the elites who make the laws are part of the dominant moral culture and because the criminal law process confirms and sometimes leads morality. She also argues that the criminal justice system itself cannot create moral authority. It can only confirm the existing moral order. Boutellier (1993, cited in Komter, 1998, p. 96), states that "contemporary discourse favors the idea that the criminal justice system is a moral rather than a technocratic institution and that offenders are moral beings who can be held accountable for the wrongness of their actions".

Judges, as the representatives of the institution known as the Judiciary, are part of this dominant moral culture which confirms morality. However, if judges formulate morality in examining hearings, their attitude is not in compliance with the attitude of neutrality which is expected from them as public actors. Yet, judges cannot avoid showing disaffiliation when certain issues are brought up during the hearing which

diverge from the moral principles established by their society and which are confirmed by them, as persons and as representatives of the institution.

Excerpt 18 shows a moment when the judge calls for the deponent's moral principles as well as for the moral principles which underlie the activities of the Judiciary.

(18)

Cleci arrived at the crime scene a few minutes after her niece had been killed.

1. **Helena:** era sua sobrinha (.) não procurou saber?
2. **Cleci:** quando falaram perguntei porquê (.) aí falaram que ela levou um tiro
- 3. **Helena:** vou lhe explicar uma coisa (.) amanhã se a senhora estiver andando com seu
- 4. nenê na rua (.) levar um tiro e lhe matar (.) todas as pessoas que virem isto vão
- 5. poder chamar a responsabilidade da pessoa que matou a senhora e vão ficar com
- 6. a obrigação de vir aqui prestar depoimento para que isso seja solucionado (.) para
- 7. que seus filhos tenham uma indenização cível (.) para que tenham educação e
- 8. possam crescer com o mínimo de dignidade (0.3) é::: por isso que nós nos
- 9. importamos com os resultados dos processos (.) que a senhora está aqui hoje (.)
- 10. para que possa contribuir com a verdade

(English translation)

1. **Helena:** she was your niece (.) didn't you try to find out?
2. **Cleci:** when they talked about it I asked why (.) then they said that she was shot
- 3. **Helena:** I will explain something to you (.) tomorrow if you are walking with your baby
- 4. on the street (.) get shot and killed (.) all the people who see this will be able to
- 5. call to responsibility the person who killed you and will have the obligation
- 6. to come here to give deposition so that this can be solved (.) for your children
- 7. to have civil compensation (.) for them to have an education and be able to grow
- 8. with some dignity (0.3) that's why we worry about the results
- 9. of the suits (.) that's why you are here today (.) so that you can contribute to
- 10. the truth

Cleci arrived at the crime scene a few minutes after it had taken place, and did not try to find out the reason why the defendant had killed her niece (lines 1-2). Helena seems to condemn Cleci's attitude by trying to put her in the victim's shoes. Cleci is holding a baby and the victim also had a baby, whose present state of affairs is unknown to those in the courtroom. Nobody knows who is raising the victim's baby. Helena suggests that what happened to the victim can also happen to Cleci and Cleci's baby. And it can happen at any moment, even tomorrow (line 3).

Helena states that if Cleci is killed while walking on the streets while holding her baby, the people who saw the crime will be able to accuse the person responsible for the murder. It is these witnesses' duty to go to court and testify, in order to solve the case. The consequence of it is for the baby to receive financial help in order to receive education and to grow with at least some necessary conditions (lines 3-8). By saying this, Helena is in fact, calling Cleci's moral awareness to the fact that she should not wish for others what she does not wish for herself. In other words, if she does not want to see her baby growing without the minimal necessary conditions, she should not let the same happen to her niece's baby. The only way to avoid this is to have grounds to accuse the defendant and close the case, in order to establish a pension for the baby. Therefore, Cleci needs to provide as much information as possible to help process the case.

When Helena says that the baby can be helped if the case is solved, she is referring to the Judiciary's duty of restoring social order. By finding out the truth, the Judiciary will do what is expected of it. It will punish those whose attitudes are condemned by society and will help those who have been harmed. This is what society expects from the Judiciary system.

In lines 9-10, when Helena says "that's why you're here today, so that you can contribute to the truth", she is putting on Cleci's shoulder the responsibility for helping the Judiciary restore social order. What Helena is doing is working on Cleci's moral values. If for Cleci it is not important for a child to grow with the minimal necessary conditions, it is not so relevant for her to help find the truth. However, if Cleci cares about it, she had better contribute for the case to be solved.

Excerpt 18 shows that judges do not always manage to sustain a neutralistic position in examining hearings. There are moments when the fact that they represent an institution, whose main goal is the restoration of social order, speaks louder.

The excerpt below also shows the judge displaying disaffiliation with the deponent when she questions the deponent's attitude at the moment when he saw the crime.

(19)

Rogério witnessed a murder while returning from a soccer game.

1. **Helena:** o senhor já viu cenas semelhantes a esta com muita frequência? uma
2. pessoa com uma arma empunhada para a outra apontando na
3. direção da outra? o senhor já viu com muita frequência?
4. **Rogério:** não muito
5. **Helena:** outras vezes o senhor já viu? alguma outra vez?
6. **Rogério:** não
7. **Helena:** foi a primeira vez que o senhor viu isso?
8. **Rogério:** sim senhora
9. **Helena:** eu lhe pergunto isso pelo seguinte (.) seu Rogério (0.2) eu vou lhe dizer
10. com toda a certeza vou lhe fazer um questionamento a partir do seguinte
11. sentido (0.2) dentro da linha normal dos acontecimentos (.) quando uma
12. pessoa vê uma briga e uma pessoa armada (.) ela não passa
13. normalmente e segue caminhando (0.2) ela ou se esconde com medo
14. de um tiro ou pára pra olhar (0.2) e o senhor me disse que viu uma
15. pessoa empunhando a arma e discutindo com a outra e
16. seguiu caminhando normalmente=
17. **Rogério:** =CLARO! (.) mas PARÁ POR QUÊ?
18. **Helena:** PARÁ POR QUÊ? (0.2) tá bem

(English translation)

1. **Helena:** have you seen scenes similar to this one very frequently? a person
2. holding a gun aiming at another? have you seen it very
3. frequently?
4. **Rogério:** not much
5. **Helena:** have you seen it any other times? any one other time?
6. **Rogério:** no
7. **Helena:** it was the first time you saw this?
8. **Rogério:** yes madam
9. **Helena:** I ask you that because of the following (.) Mr. Rogério (0.2) I'll
10. tell you:: I'll ask you a question uh::: in the following
11. sense (0.2) in all according to the normal way things happen (.) when a person
12. sees a fight and a person with a gun (.) the person does not walk by normally
13. and continue walking (0.2) the person either hides fearing a shot or stops to
14. look (0.2) and you told me that you saw a person holding a gun and arguing
15. with the other and continued walking normally=
16. **Rogério:** =OF COURSE! (.) but WHY SHOULD I STOP?
17. (1.6)

17. **Helena:** WHY SHOULD YOU STOP? (0.2) ok

Helena is clearly disagreeing with Rogério's rationale at the moment of the crime, when he had previously said that he had seen a person pointing a gun to somebody else and continued walking normally. Helena displays disaffiliation with Rogério. However, even though Helena is clearly disaffiliating with Rogério, she formulates her talk in a way to try to show a neutralistic position, instead.

Helena starts by asking if Rogério has frequently seen someone pointing a gun to somebody else in the past (lines 1-3). In case a person has frequently seen a scene like this, this person would be already used to it, so the next time this person is exposed to a similar situation, s/he may not show signs of surprise. In case a person has never seen such a scene, it is expected from her/him to show some reaction. According to Helena, the "normal" reaction a person would show would be either to hide or to stop to look (lines 11-14). In case a person has been exposed to this scene a couple of times only, the person's attitude might range. Based of these facts, it is important that Helena find out, first, how frequent Rogério has witnessed such a scene, before she proceeds.

After Helena has obtained the information that it was the first time Rogério had been exposed to such a scene, she proceeds with her rationale. However, she carefully chooses her words in order to introduce her judgement. She begins by formulating her thought in three different ways. First, she says "I ask you that because of the following" (line 9). When she says that, she is announcing that she is going to justify why she asked the deponent how often he had seen a scene similar to the one of the crime in the past. However, she seems to have changed her mind when she corrects herself and begins to formulate her thought by saying "I'll tell you (*in all honesty*)" (lines 9-10). This time, she starts self-repair before finishing the sentence. She only proffers part of the statement "I'll tell you". As this is a formulaic expression in Portuguese, it is easy to

guess that she was going to use one of the two preferred words to finish it: “francamente” or “sinceramente” (in all honesty). But, by introducing her thought with such a statement, Helena seems to have already made her judgement on Rogério’s attitude and what she is going to do now is to report her findings. By doing that, she would be displaying disaffiliation, instead of appearing neutral. So, Helena opts for formulating her thought by saying “I’ll ask you a question in the following sense” (lines 10-11). By saying that she is going to question Rogério, Helena does two things: a) she avoids showing her own judgement; b) she invites Rogério to judge his own attitudes.

Helena proceeds by exposing to Rogério the facts he is supposed to judge. However, in the beginning, before exposing the facts, she justifies why Rogério needs to assess the facts: because they contradict those expected by society. She formulates that by saying “in all according to the normal way things happen” (line 11). When she says that, she does not keep to herself the responsibility for assessing Rogério’s attitudes. Instead, she transfers this responsibility to society, in general. Helena invites Rogério to assess his attitudes comparing them to how the rest of society behaves. When a “normal person from society” sees someone pointing a gun to somebody else, this person either hides or stops to watch. Society does not expect one of its members to react the way the defendant did (walking normally).

As Rogério did not react accordingly at the moment of the crime, what is expected from him now is to show regret for his attitudes. However, instead of showing regret, Rogério defends himself by replying to Helena’s comment with a question: “OF COURSE, but WHY SHOULD I STOP?” (line 16). For Rogério, his reaction was natural and he, then, invites Helena to give him a reason to have stopped. Apparently, for Rogério, the fact that society would have reacted differently is not enough reason. I have noticed in the analysis of my data that it is normal practice that people do not want

to interfere when they witness crimes. Actually, they try hard not to get involved at all. Therefore, Rogério's attitude might sound inappropriate in a context where the main objective is to restore social order. However, it might not sound disruptive in his context of life. Also, it has been stated by Komter (1998), that it appears that when questions of morality are raised in hearings, deponents tend to defend themselves rather than show regret.

The analysis of Excerpt 19 shows an example of work done by a judge in order to avoid showing affiliation/disaffiliation when formulating morality, trying not to appear to be doing so.

Even though judges need to keep a neutralistic position throughout the interaction, one cannot forget that they belong to that part of society which confirms the existent moral principles, which have been established by society, itself. Although they can sometimes handle the dilemma of appearing neutral, despite the fact that what is being said goes against their beliefs, they do not always succeed.

4.2. Displaying disconformity with courtroom procedures

Examining hearings are organized into a standard order of activities. This order is locally managed. However, the extended recurrence of such organization shows that participants are jointly oriented towards an overall structural organization.

Representatives of such institutions tend to develop practices for handling the task they routinely deal with in their institutional encounters. However, for lay participants, in this case, clients of the institution, their perspective of such activity might be one of "once in a life time", which is displayed by their unfamiliarity with procedures.

The following excerpt shows a moment when the deponent does not behave according to what is expected from him while giving testimony, and such non-compliance with procedures is clearly formulated by the judge.

(20)

1. **Helena:** o senhor alguma vez já prestou depoimento?
 2. **Ernesto:** sim
 3. **Helena:** outras vezes?
 4. **Ernesto:** sim
 5. **Helena:** muitas vezes?
 6. **Ernesto:** duas vezes
 7. **Helena:** duas vezes (.) recentemente?
 8. **Ernesto:** foi no ano passado
- .
- .
26. **Helena:** quando eu lhe perguntei seu Ernesto se o senhor já tinha prestado declarações em juízo (.) eu lhe perguntei por um motivo (.) e agora em vista da::: de como as coisas seguiram eu vou lhe perguntar e vou novamente:: e vou lhe dizer o porquê da minha pergunta (0.2) o senhor parece muito nervoso (.) o senh:::or demora para responder as minhas perguntas
 31. **Ernesto:** a::: tá::: sobre isso é porque eu tenho problemas de ner:::vos isso aí não::: (0.9)
 32. **Helena:** arrã (.) não é porque é a primeira vez?=
33. **Ernesto:** =não=
34. **Helena:** =e não é porque seja nada em especial com relação a esse processo?
35. **Ernesto:** não (.) não
36. **Helena:** é uma característica sua mesmo [seu Ernesto?
37. **Ernesto:** [certo (.) até eu faço tratamento pra isso (.) tomo
38. remédio pros nervos
 39. **Helena:** arrã
 40. **Ernesto:** isso não tem nada
 41. **Helena:** bom então o senhor fique tranquilo nesse momento (.) isso aqui é::: nós estamos numa audiência onde todos nós estamos querendo saber como esses fatos aconteceram (0.2) estamos procurando encontrar a verdade
 44. **Ernesto:** sim
 45. **Helena:** o senhor pode ficar tranquilo (.) o senhor é um cidadão que tem os seus direitos e está aqui apenas colaborando com a justiça (.) tá bom?
 46. **Ernesto:** certo
 47. **Ernesto:** certo

(English translation)

1. **Helena:** have you ever testified?
 2. **Ernesto:** yes
 3. **Helena:** other times?
 4. **Ernesto:** yes
 5. **Helena:** many times?
 6. **Ernesto:** twice
 7. **Helena:** twice (.) recently?
 8. **Ernesto:** last year
- .
- .

26. **Helena:** when I asked you Mr. Ernesto if you had ever testified (.) I asked you for one
 27. reason (.) and now considering how things are going I will ask you and I will
 28. again: and I'll tell you the reason for my question (0.2) you look very
 29. nervous (.) you take too long to answer my questions
 30. **Ernesto:** all: right about this it's because I have nervous problems this is not:
 (0.9)
 31. **Helena:** uh huh (.) it's not because it's the first time?=
 32. **Ernesto:** =no=
 33. **Helena:** =and it's not because it's anything especial regarding this case?
 34. **Ernesto:** no (.) no
 35. **Helena:** it's a characteristic of yours [Mr. Ernesto?
 36. **Ernesto:** [right (.) I even undergo a treatment for that (.)
 37. I take medicine for my nerves
 38. **Helena:** uh hum
 39. **Ernesto:** this has nothing to do
 40. **Helena:** well so you stay calm at this moment (.) this is a:::we are in a hearing where
 41. we all want to know how these facts happened (0.2) we're searching for the truth
 42. **Ernesto:** yes
 43. **Helena:** you can stay calm (.) you're a citizen who has his rights and you're here only
 44. contributing to justice (.) ok?
 45. **Ernesto:** right

Helena expects Ernesto to provide quick answers to her questions. He is not supposed to take long to answer them. However, he takes longer than expected to provide the requested information. Helena displays disapproval of Ernesto's behavior, as it is not in compliance with how the institution, represented by her, expects him to behave. It is not written in any regulation that deponents have a certain amount of time to answer questions. However, the recurrence of deponents providing answers right after questions are formulated makes this procedure a regular practice. Any act that differs from regular practice calls the attention of the professional participant who is already used to the recurrence of events: the judge. As for the deponent, as a lay participant in the event, he has not been told how he is expected to behave. He has only been informed that he has to tell the truth.

Helena does not let this disconformity pass unnoticed and formulates her disapproval to Ernesto. In fact, she started getting annoyed long before she manifested it, when in lines 1-8 she asks if Ernesto has ever given deposition. As he provides an affirmative answer, Helena asks how many times and whether that was recently ago or

not. It is only later on (lines 26-29), due to the fact that Ernesto continues taking long to answer her questions, that Helena shows disapproval.

As judges are supposed to show a neutralistic position throughout the hearing, Helena displays that disconformity with the procedures has taken place by referring to the previous questions she asked concerning Ernesto's previous experience in hearings. By doing that, she conveys the idea that proper procedures are not being followed for quite some time and that she has given Ernesto time to change, not correcting him at that moment. However, as Ernesto's attitude did not change throughout the interaction, Helena decides to intervene. She justifies her intervention by the fact that Ernesto is too nervous and taking too long to answer her questions (lines 28-29). For her, it appears that there has to be a reason for someone to act like this, in disagreement with what is expected from him, and she offers Ernesto two possibilities. Either he is nervous because it is the first time he gives deposition (line 31) or he is nervous because he has a special interest in this case (line 33). Ernesto does not take any of the possibilities offered by Helena and justifies his behavior by saying that he has "nervous problems" (line 30, 36-37). After so many questions concerning his previous experience in testimonies and after all the work performed by Helena in order to formulate her annoyance with the change in procedures, Ernesto shows that he understands Helena's reasons when he profers a change-of-information-status token in line 30, "all right". Ernesto seems to have finally understood what Helena wanted. He stresses the fact that he has health problems by saying that he is undergoing treatment and is taking some medicine for his problem (lines 36-37).

After having established it as common ground that Ernesto seemed nervous and that he took too long to answer her questions because he has nervous problems, Helena tries to calm him down by saying that he does not need to be nervous because they are

in a hearing where all the participants search for the truth (lines 40-41). In lines 43-44 Helena tries to tranquilize Ernesto again. She tries to do that by raising Ernesto's moral awareness that the activity he is performing at the moment is: collaborating with the Judiciary. Helena is bringing up Ernesto's citizenship values. She even reminds him of his "citizen status" when she states that: "you are a citizen who has his rights" (line 43). However, right after she mentions Ernesto's rights as a citizen, she mentions his duties as a citizen (even though she does not put it this way). It is every citizen's duty to collaborate with the Judiciary.

Excerpt 21 shows another example when the deponent does not behave as expected, and as a consequence the judge interferes.

(21)

1. **Helena:** mas estavam no::: esta rua ela comporta mais de um carro trafegando ao mesmo tempo?
- 2.
3. **Ernesto:** é dá uns dois eu acho
4. **Helena:** dá uns dois (0.2) um em cada sentido de direção mais ou menos?
5. **Ernesto:** (responde afirmativamente com a cabeça)
- 6. **Helena:** me responda só::: eu vou lhe pedir o seguinte (.) sempre me
- 7. responda com palavras porque nós estamos gravando (.) então se o
- 8. senhor faz um sinal com a cabeça (.) o sinal com a cabeça não
9. sai no gravador né?
10. **Ernesto:** sim

(English translation)

1. **Helena:** but they were in the::: does this street fit more than one car driving at the same time?
- 2.
3. **Ernesto:** yes it fits two I guess
4. **Helena:** fits two (0.2) one each way more or less ?
5. **Ernesto:** (answers by nodding)
- 6. **Helena:** answer me only::: I will ask you the following (.) always answer me
- 7. with words because we're recording (.) so if you make a gesture with
- 8. the head (.) the head gesture will not come out on the tape recorder right?
9. **Ernesto:** yes

All testimonies in examining hearings are either recorded or shorthand typed, depending on which court it is. In this court, they are recorded. All participants have a microphone in front them. For the representatives of the institution, it is important that

all recordings be clear, as they will be transcribed in order to become part of the written dossier. However, deponents are not aware of all courtroom procedures. They might not know that what participants are saying is being recorded. Microphones sometimes only serve to amplify the volume of the sound, so that people who are present can clearly hear what is being said. Besides that, deponents feel under pressure for the activity they are engaged in. They are too concerned with the task they are performing and cannot pay attention to small details of the activity, such as the need to speak clearly in the microphone, instead of answering the judge's question with a sign with his head. In everyday interactions, people answer questions by nodding or shaking their heads. In this courtroom interaction, such behavior does not suffice as an official answer.

When she asks the deponent to answer questions with words only Helena shows annoyance at the fact that Ernesto answered her question with a head gesture (lines 6-8). First, Helena starts telling Ernesto how to answer the questions by using an imperative tone. She says "answer me" (line 6). Then, she self-repairs and tells the deponent that she is going to *ask* him to answer questions with words. "Asking" is more polite than "telling" somebody what to do. By such repair, Helena seems to be trying to soften the impact of her display of annoyance at his disconformity with the expected procedures.

Excerpt 21 shows another example where deponents are led throughout the interaction so as to behave according to what the representatives of the institution expect from them, and disconformity with procedures is clearly formulated by the guardians of the procedures, that is, the judges.

This chapter showed that judges have to face the dilemma of asking challenging questions, also keeping a neutralistic position. This is not an easy task, since during the interaction judges have to deal with issues that sometimes contradict their own moral

principles. Sometimes judges succeed in keeping themselves neutral, sometimes they do not. Judges also have to face the dilemma of leading lay participants of the interaction (deponents) throughout the different activities of the event, making sure they behave according to what the institution expects from them. However, as lay participants are not familiar with the procedures, they tend not to behave accordingly. It is then, the judge's task to call their attention to this fact. Still, the judge has to perform this task while keeping a neutralistic public position. Again, sometimes judges succeed, and sometimes they do not.

CHAPTER 5

CONCLUDING REMARKS AND IMPLICATIONS

5.1. Summary

This study described institutional interaction that takes place in criminal examining hearings, an activity conducted in Brazilian courts. The main objective of this research was to see how examining hearings were structured, how judges formulated challenging questions without affiliating/disaffiliating with deponents, how judges dealt with questions of morality, and how they treated deponents when deponents did not behave according to courtroom procedures.

I proceeded by providing a description of the situation of data collection and of encounters, informing where the recorded hearings took place and the procedures taken in order to obtain the recordings. Besides showing the steps followed in the analysis of the data, I also informed that the methodology used in the conduct of this study was based on ethnographic and interactional sociolinguistic methods.

I gave an overview of the overall structural organization of examining hearings, which were found to be structured in different activities. The judge showed to be in full control of the interaction. A description of how examining hearings open was provided. In addition, an activity performed by the judge, which I called “fact finding”, was identified. During this activity, the judge aimed at finding out information concerning the crime, itself. During this activity, many questions were asked. However, as many were the questions asked, I decided to limit my research to those questions which were found in almost all the hearings analyzed. My objective was to provide samples of how these questions were brought up during the interaction.

After providing an overview of the structural organization of the event I looked at how judges tried to formulate challenging questions without showing affiliation/disaffiliation with deponents. Judges are supposed to show a neutral position throughout the interaction. Sometimes they succeeded in appearing neutral, but sometimes they did not.

In order to obtain information while showing a neutralistic position, judges acknowledge receipt of deponents' information before moving to a new question. This helps reduce or mitigate the kind of uncertainty that is involved in such a situation where the only acknowledgement an answer may receive is an unpreluded next question. Not knowing what judges made of a just completed utterance until the next question is formulated is one of the factors which may cause deponents to feel nervous or intimidated during testimony. I found three patterns in the judges' acknowledgement of receipt of deponents' information: the use of continuers, the repetition of deponents' words and the formulation of the gist or summary of deponents' prior talk. I realized that the two first patterns were used when deponents offered minimal responses. The last pattern was used with complex answers.

Even though judges are supposed to be neutral in examining hearings, I identified moments when the judges formulated questions of morality. As judges are part of an institution responsible for restoring social order and confirming morality, the Judiciary, I could see that as representatives of this institution, judges let their moral principles show throughout the interaction.

Finally, I described moments when the judges showed disaffiliation with deponents, due to the fact that they were not behaving in accordance with courtroom procedures they were unfamiliar with. Moments when deponents did not behave

accordingly did not pass unnoticed and the judge called deponents' attention to these facts.

5.2. Concluding remarks

In the conduct of this work, I observed that one of the main tasks of the Judiciary is not only to see that justice is done, but that justice is "seen to be done". The publicity of courtroom events transforms the activities of the Judiciary into a ceremony of justice. These activities aim at demonstrating to the public the correctness of the acts of the Judiciary, as well as at justifying its final decision on a person's fate.

However, in order to achieve this objective, participants of courtroom interaction have to face dilemmas directly connected to their different roles in the event. Even though defendants, victims and witnesses have first-hand knowledge of the events, they are treated as unreliable sources of information. Judges have to question deponents without losing sight on the indictment and at the same time without siding with any of the parts involved in the event. Prosecutors have to make sure that their case is justified in court and defense attorneys have to attend to their clients' interest. Participants' asymmetrical positions and the conflict of interests are the main issues that give rise to uncomfortable moments throughout the interaction. All participants' dilemmas are contingent on the tasks and interests in the courtroom.

Unfortunately, these dilemmas cannot be solved, as long as participants have their business at hand to conduct. However, the fact that these dilemmas cannot be resolved does not mean that they cannot be managed. In the management of their affairs, participants must depend on everyday conversational mechanisms that serve as resources to complicate the dilemmas, but that also provide the participants with the means to demonstrate their resourcefulness in confronting the dilemmas.

It has been shown throughout this work that one of the resources judges can count on in order to deal with the dilemma of having to find out the truth from an unreliable source (victim, defendant, witnesses) is the dossier of the case. Most of the information contained in the dossier is based on police reports which result from depositions given at Police Stations.

It has also been said that the information obtained in examining hearings will help sustain the elements of the thesis and antithesis presented by defense attorney and prosecutor in the final trial. Based on these two facts, I believe an enlightening avenue of research would be to describe the interaction which takes place in these two settings: the Police Station and the final trial. Such a description would help describe all the official stages involved in solving a criminal offense, and at the same time, it would also provide grounds to draw comparisons of the interaction which takes place in these three events which, even though isolated, influence one another.

5.3. Implications of this research to language and applied linguistics

By providing a description of interactional conduct in examining hearings in Brazil, this study aimed at contributing to the international literature on institutional discourse. As I found no studies that described naturally-occurring courtroom interaction in Brazil, I hope this study can contribute to fill this gap.

This work should provide some help to English for Specific Purposes teachers who teach English to students or professionals of Law in a Brazilian context, as it offers a description of naturally-occurring language use in Brazilian courtrooms. Teachers can provide students with a comparison on how courtroom interaction is co-constructed in Brazil, as compared to what is found in the vast literature which describes courtroom interaction in English speaking settings.

Nowadays, currently methodologies stimulate the use of authentic material in classrooms. Therefore, I believe the greatest contribution this study provides is the fact that it describes “how” such an interaction takes place. It does not only describe the mechanisms of the event; it also provides transcripts of naturally-occurring conversations. This work helps to reduce the problem English teachers have when they have to resort to common sense or anecdotal evidence as the basis for their studies.

Also, one of the consequences of globalization is the need for professionals of all fields to learn English, so that they can interact internationally. As this study approximates students to the courtroom reality, it provides a better picture of what they can expect to find in such an interaction, should they ever be exposed to one.

Based on the above facts, I hope this work contributes significantly to the fields of English teaching and Applied Linguistics, and I hope to have raised language students' curiosity in describing institutional interaction in other institutional settings.

Appendix

This appendix presents the complete transcripts of the interactional segments which did not appear in full in the body of this work. The only transcript provided in full in the body of the work was excerpt 6. Contextual information is given before each transcript.

Excerpts 2 and 3 have been taken from this transcript. Jerônimo is being accused of trying to kill his ex-wife and her boyfriend because the boyfriend did not want him to visit his ex-wife's child.

1. **Thales:** seu nome completo é?
2. **Jerônimo:** Jerônimo da Silveira
3. **Thales:** o senhor está sendo processado por tentativa de homicídio por ter
4. desferido tiros em Joice Trinquiera e Roberto Sivaldo segundo
5. acusação dia vinte de janeiro de mil novecentos e noventa e sete na
6. rua Leblon (0.2) o senhor não é obrigado a responder as perguntas por
7. mim feitas (.) o senhor esteve neste local neste dia?
8. **Jerônimo:** sim
9. **Thales:** o que aconteceu lá?
10. **Jerônimo:** eu era casado com essa moça né? (.) ela tinha um filho e eu não tinha mas é
11. como se fosse meu (.) eu amava esse guri (.) aí eu fui e visitei ele um dia
12. **Thales:** viveu quanto tempo com ela?
13. **Jerônimo:** uns dois ou três anos
14. **Thales:** e a criança que idade tinha?
15. **Jerônimo:** tinha uns dois meses (.) aí cheguei lá pra visitar ele e o namorado tava lá (.) aí
16. ficou enchendo o saco (0.2) dei um vídeo game pra ele um super nintendo (.)
17. perguntou porquê eu fui lá (.) achou que eu fosse por causa dela (.) disse que
18. não (0.2) tenho dificuldade pra falar e caminhar
19. **Thales:** fez alguma ameaça lhe agrediu?
20. **Jerônimo:** não mas pelo jeito que tava parecia que ia dar
21. **Thales:** o que ele falou?
22. **Jerônimo:** que não queria que fosse mais visitar o guri
23. **Thales:** aí puxou o revólver e mandou bala? quantos tiros deu? apontou pra onde?
24. **Jerônimo:** uns dois
25. **Thales:** mas pra acertar? mirou nele?
26. **Jerônimo:** não nos lados
27. **Thales:** onde pegou?
28. **Jerônimo:** no fogão (.) se quisesse eu matava
29. **Thales:** um tiro foi do lado e o outro?
30. **Jerônimo:** um de cada lado
31. **Thales:** mas era pra acertar na Joice também?
32. **Jerônimo:** não atirei nela atirei nele
33. **Thales:** não disse que ia atirar neles?
34. **Jerônimo:** não falei nada (.) ele disse pra não ver mais o guri
35. **Thales:** aí ficou na casa quanto tempo antes dos tiros?
36. **Jerônimo:** uns vinte ou trinta minutos
37. **Thales:** depois foi pra onde?
38. **Jerônimo:** polícia na Ipiranga
39. **Thales:** disse que se acidentou aonde?

40. **Jerônimo:** na firma (.) que cai de sete metros de altura (0.2) fiquei com dificuldade mental
 41. eu era calmo (.) não brigava com ninguém mas esse acidente mudou
 42. totalmente minha cabeça (.) fiz coisas que não fazia antes
 43. **Thales:** depois do acidente? quando foi esse acidente?
 44. **Jerônimo:** dia cinco de setembro de mil novecentos e noventa e seis
 45. **Thales:** então foi antes desse fato?
 46. **Jerônimo:** bem antes (0.2) fiquei em coma vinte e cinco dias (.) fiquei dois meses no
 47. hospital (.) faz um ano mas não fiquei bom ainda
 48. **Thales:** tá fazendo algum tratamento pra cabeça?
 49. **Jerônimo:** tava fazendo fisioterapia (.) estou até com um psiquiatra estou tomando remédio
 50. **Thales:** que que tá tomando?
 51. **Jerônimo:** neureptil pra ficar mais calmo menos agressivo (.) já ajudou bastante
 52. **Thales:** já tinha sido preso antes?
 53. **Jerônimo:** não
 54. **Thales:** já respondeu a outro processo?
 55. **Jerônimo:** não
 56. **Thales:** tem advogado?
 57. **Jerônimo:** não
 58. **Thales:** defensoria?
 59. **Jerônimo:** sim
 60. **Thales:** isso não foi presenciado por ninguém?
 61. **Jerônimo:** não só o pessoal que chamou a polícia de trás da casa
 62. **Thales:** o senhor vai responder ao processo=
 63. **Jerônimo:** =o INPS me liberou (.) trabalho numa firma de carro
 64. **Thales:** o que faz lá?
 65. **Jerônimo:** agora sou office boy pra caminhar bastante mas antes era comprador
 66. **Thales:** ficou com dificuldade pra caminhar também?
 67. **Jerônimo:** é que eu sou canhoto com a mão e direito com o pé com a mão consigo
 68. escrever
 69. **Thales:** como é que é isso?
 70. **Jerônimo:** tenho um monte de amigo assim também
 71. **Thales:** nada mais

Excerpt 9 has been taken from this transcript. Regina is the mother of a boy who was shot while playing soccer in front of the house. The boy survived.

1. **Helena:** depoimento de Regina Farias (.) aos costumes disse ser mãe de Celmar dos
 2. Santos que é vítima (.) não presta compromisso cientificada da imputação
 3. dona Regina a senhora assistiu esses fatos?
 4. **Regina:** estava dentro de casa ouvi os estampidos dos tiros (.) saí correndo pra ver
 5. o guri que eu sabia que ele tava jogando bola (0.2) quando olhei o Ari tava
 6. caído no chão e eu gritava no portão da minha casa chamando meu filho (.)
 7. aí quando cessou ninguém tinha visto que ele tinha caído debaixo de um carro
 8. metros longe de casa (.) o guri saiu correndo e caiu e os outros levantaram
 9. ele lá e nós saímos para o HPS (.) ele saiu ele e a esposa dele saiu e foi na
 10. delegacia e disse que nós tava agredindo na casa dele se nós tava no HPS (.)
 11. eu e a esposa do Ari
 12. **Helena:** então a senhora estava na sua casa (0.2) isto aconteceu aproximadamente
 13. em que horário?
 14. **Regina:** umas sete e meia oito horas (.) tava fazendo a janta
 15. **Helena:** tava fazendo a janta (.) a senhora tem quantos filhos?
 16. **Regina:** dois
 17. **Helena:** dois (.) o Celmar tem que idade?
 18. **Regina:** agora ele tá com dezesseis
 19. **Helena:** e o outro?
 20. **Regina:** tá com doze
 21. **Helena:** e o outro tava com o irmão ou dentro de casa?

22. **Regina:** dentro de casa eu tinha acabado de chamar ele pra dentro pra fazer os temas e outro tava acabando o jogo
23. **Helena:** o Celmar a senhora sabia que tava jogando futebol?
24. **Regina:** sabia a goleira dele era na frente da minha casa
25. **Helena:** então eles costumavam jogar sempre ali?
26. **Regina:** sim de tardezinha eles iam jogar sempre ali
27. **Helena:** há muito tempo eles jogavam sempre no mesmo lugar?
28. **Regina:** sempre jogaram (.) ele não morava ali morava na rua debaixo
29. **Helena:** ele a senhora quer dizer o seu Joca?
30. **Regina:** isso seu Joca
31. **Helena:** então vamos ver (.) ali a vizinhança estava acostumada com o jogo de futebol?
32. **Regina:** sim era um joguinho rápido
33. **Helena:** sempre fizeram este jogo?
34. **Regina:** sempre fizeram
35. **Helena:** a senhora conhece o seu Ari? esse rapaz também costumava jogar?
36. **Regina:** sim ele que junta as crianças pra jogar (.) até hoje eles jogam
37. **Helena:** é ele quem promove o jogo?
38. **Regina:** sim ficam ali até umas oito e meia (.) até entrar pra dentro
39. **Helena:** então a senhora sabia que tavam jogando e ouviu os disparos (0.2) quantos estampidos a senhora ouviu?
40. **Regina:** quatro eu ouvi
41. **Helena:** a senhora ouviu e foi na porta da sua casa?
42. **Regina:** isso esperei acalmar um pouquinho e saí correndo pra ver
43. **Helena:** quando a senhora chegou na frente da sua casa o quê a senhora viu?
44. **Regina:** eles tavam levantando o Ari do chão
45. **Helena:** a senhora ainda viu o seu Joca?
46. **Regina:** depois disso?
47. **Helena:** não (.) ali no momento
48. **Regina:** não estava mais
49. **Helena:** o seu Ari estava caído?
50. **Regina:** sim tavam levantando o Ari
51. **Helena:** tava caído onde?
52. **Regina:** no portão da casa dele no ladinho
53. **Helena:** ele mora ao lado da sua casa?
54. **Regina:** não na frente
55. **Helena:** tava caído na calçada em frente a sua casa no portão da casa dele (.) e o seu filho tava onde?
56. **Regina:** caído embaixo de um carro uns metros longe=
57. **Helena:** =no mesmo lado da rua da sua casa ou do outro lado?
58. **Regina:** da casa do Ari na frente da minha do outro lado
59. **Helena:** certo (.) e naquele momento ali lhe contaram quem tinha desferido os tiros?
60. **Regina:** sim
61. **Helena:** quem contou?
62. **Regina:** todos gritavam foi o Joca (.) o Joca disparou (.) tudo que tava por ali (0.2) eu não sei quem é que tava por ali
63. **Helena:** e o seu Ari (.) a senhora conhecia há mais tempo? há quanto tempo?
64. **Regina:** faz uns seis anos (0.2) conheci ele gurizinho (.) depois a gente saiu de perto (.) depois ele foi morar perto da minha casa de novo
65. **Helena:** como é o comportamento dele ali na vila?
66. **Regina:** é bom
67. **Helena:** é uma pessoa ajustada? bom vizinho?
68. **Regina:** é bom vizinho
69. **Helena:** a senhora sabe se ele tem envolvimento com tóxicos?
70. **Regina:** i::sso eu não sei
71. **Helena:** houve algum comentário que ele tivesse?
72. **Regina:** que eu saiba não
73. **Helena:** e da parte do seu Joca?
74. **Regina:** ele trabalhava comigo (.) conhecia ele há pouco tempo
75. **Helena:** trabalhava com a senhora onde?

82. **Regina:** no João XXIII
 83. **Helena:** no colégio?
 84. **Regina:** não (.) no cemitério
 85. **Helena:** a senhora trabalhava no cemitério João XXIII e ele também?
 86. **Regina:** arrumei serviço pra ele lá
 87. **Helena:** a senhora arrumou?
 88. **Regina:** sim
 89. **Helena:** ele parecia ser uma pessoa equilibrada? nunca teve problemas?
 90. **Regina:** no serviço sim (.) agora ele tinha lá as broncas dele de fora que de vez em
 91. quando ele saía (.) não sei o que era
 92. **Helena:** depois desses fatos a senhora voltou a falar com ele sobre o que tinha ocorrido?
 93. **Regina:** não
 94. **Helena:** não conversou mais com ele?=
 95. **Regina:** =nunca mais
 96. **Helena:** obrigada (.) com a palavra o Ministério Público
 97. **Carlos:** nada
 98. **Helena:** a defesa?
 99. **Celeste:** a senhora disse que seu filho tava caído ele tava ferido?
 100. **Regina:** ele tem uma bala aqui dentro (depoente aponta para o abdômen)
 101. **Celeste:** em que local?
 102. **Regina:** no abdômen parece (.) não sei explicar bem sei que ela tá alojada nesses
 103. nervos aqui (depoente aponta pra sua coluna) um tantinho assim da espinha
 104. **Celeste:** quem socorreu seu filho?
 105. **Regina:** os vizinhos lá (.) no desespero não vi bem quem foi (0.2) vi que levantaram ele e
 106. trouxeram para o HPS que eu fui=
 107. **Celeste:** =a senhora viu algum pedaço de pau na calçada
 108. **Regina:** não tinha nada
 109. **Celeste:** o seu filho vem vindo?
 110. **Regina:** era pra vir eu marquei com ele no serviço e ele não apareceu (.) dá tempo de
 111. eu buscar ele?
 112. **Helena:** dá tempo sim podemos esperar (.) gostaria de encerrar esta instrução hoje
 113. vamos ouvir o seu Tarso e temos outra audiência
 114. **Regina:** tem um senhor ali no carro eu peço pra ele acho que não leva nem uma hora
 115. **Helena:** a gente vai esperar então (.) vamos ouvir o Celmar no final da tarde (0.2) nada
 116. mais

Excerpt 16 has been taken from this transcript. Ari was shot while playing soccer in front of the house, but survived.

1. **Helena:** depoimento de Ari Fontoura (.) não presta compromisso (0.2) seu Ari como
 2. é que aconteceram os fatos?
 3. **Ari:** eu vinha todo dia do serviço (0.2) chegava lá pelas seis horas (0.2) os guris
 4. vinham e a gente jogava bola na rua (.) a gente sempre jogava desde que eu me
 5. mudei pro barracão (0.2) aquele dia nós jogando normal (.) chuta daqui e de lá
 6. (0.2) aí:: seu Joca tava na frente (0.2) que a gente nunca trocou palavra (.)
 7. conversamos (0.2) a senhora vê que eu nem sabia o nome dele direito (0.2)
 8. nesse dia ele tava olhando e veio pro meu lado e disse que
 9. era o último dia que tu joga bola aqui na frente e veio com a arma
 10. na mão (0.2) aí disse ca:::lma e o irmão dele veio por trás pra me
 11. agarrar
 12. **Helena:** como é o nome do irmão dele?
 13. **Ari:** não sei
 14. **Helena:** nem apelido?
 15. **Ari:** não (.) esqueci (0.2) tentou me agarrar (.) dei com o braço pra tentar me
 16. defender (0.2) aí ele deu o tiro (0.2) o primeiro me acertou no lado
 17. esquerdo (0.2) aí:: me atirei no chão e ele descarregou em cima de mim
 18. **Helena:** vamos ver o que o senhor está nos relatando (0.3) quando o senhor nos
 19. descreve esses fatos diz que ele chegou pro senhor e disse que era a última

20. vez que jogava bola ali na frente da casa dele (.) que o senhor teria levado o
 21. braço na direção dele e ele teria empunhado a arma (0.2) tirado da
 22. cintura
23. **Ari:** é o irmão dele tentou me agarrar por trás e eu dei no irmão dele
24. **Helena:** ah! pra ele não lhe segurar!
25. **Ari:** isso
 (0.9)
26. **Ari:** daí tava na frente e puxou=
27. **Helena:** =tava com a arma em punho quando chegou perto do senhor e disse que
 28. não era pra jogar?
29. **Ari:** vinha normal
30. **Helena:** normal porém armado (.) aí ele disse isso e o senhor disse o quê?
31. **Ari:** não me segura ô meu (0.2) vamos conversar estamos jogando bola só
32. **Helena:** o senhor estava sozinho?
33. **Ari:** não eu e os guris que jogavam bola
34. **Helena:** em quantos estavam?
35. **Ari:** quatro pra cada lado (.) oito
36. **Helena:** ele se dirigiu ao senhor somente ou a todos?
37. **Ari:** não (.) veio direto a mim passou por todos os guris
38. **Helena:** e o seu Celmar tava junto?
39. **Ari:** tava junto
40. **Helena:** ãrrã (.) se dirigiu ao senhor ao seu Celmar não (.) aí o outro tentou lhe segurar (.)
 41. o senhor deu com a mão pra trás (0.2) empunhou o revólver e deu quantos tiros?
42. **Ari:** parece que cinco
43. **Helena:** o primeiro lhe atingiu?
44. **Ari:** entrou aqui (aponta para as costelas)
45. **Helena:** de raspão nas costelas?
46. **Ari:** isso (.) aí me atirei no chão
 (0.8)
47. **Helena:** se atirou e depois? procurou se proteger?
48. **Ari:** isso e escutando o barulho das balas (0.2) parou e quando saiu eu olhei e ele
 49. olhou e deu outro tiro pra trás e pegou nesse rapazinho=
50. **Helena:** =quando atingiu o outro estava tentando atingir o senhor novamente?
51. **Ari:** isso
52. **Helena:** tava a que distância do senhor?
53. **Ari:** há um metro e meio
54. **Helena:** junto é? (.) quando o senhor caiu no chão outras pessoas tentaram segurá-lo?
55. **Ari:** não porque ele saiu apontando pra todos
56. **Helena:** todo mundo se afastou?
57. **Ari:** isso
58. **Helena:** tinha então ampla liberdade para atingir o senhor?
59. **Ari:** sim eu tava sozinho
60. **Helena:** o senhor se escondeu de alguma forma? estava tentando se proteger apenas com
 61. o seu corpo ou tinha algum objeto?
62. **Ari:** não no asfalto puro
63. **Helena:** ãrrã (0.2) lhe pergunto porque pela descrição que o senhor me faz se ele estava
 64. há um metro de distância com o revólver na mão (.) o senhor caído no chão (.)
 65. se ele quisesse atirar para matar o senhor (.) se quisesse ter atingido outras
 66. partes do corpo ele faria isso?
 (0.8)
67. **Helena:** sim ou não?
68. **Ari:** sim
69. **Helena:** ãrrã (.) o senhor acredita que esses outros disparos que ele desferiu não foi na
 70. sua direção?
71. **Ari:** sim porque eu vi o barulho no asfalto (.) fazia zum zum (.) ele tava assustado que
 72. até tava chapado
73. **Helena:** ele não conseguia acertar mas mirava na sua direção? estava drogado?
74. **Ari:** isso
75. **Helena:** percebeu que ele estava totalmente transtornado tanto emocionalmente quanto
 76. pela droga? chapado em que sentido? era bebida?

77. **Ari:** sim tava bebendo cachaça (.) tava na grade=
78. **Helena:** =tava embriagado? visivelmente embriagado? quando veio na sua direção
79. chegava a cambalear ou caminhava normalmente?
80. **Ari:** eu tava jogando bola normal (.) o irmão dele veio e se juntaram na frente (.)
81. conversaram os dois olharam pra mim e vieram direto em mim=
82. **Helena:** =quando veio na sua direção ele estava normal caminhando com segurança
83. equilibrado?
84. **Ari:** normal
85. **Helena:** se comportava? não percebia que ele estava completamente embriagado?
86. **Ari:** não (.) se via que ele tava tomando o trago dele na frente só
87. **Helena:** como foi que ele parou?
88. **Ari:** quando disparou os disparos saiu correndo
89. **Helena:** e aí?
90. **Ari:** a primeira ele acertou as outras todas não acertou (.) disparava ao redor
91. atingindo o asfalto um atrás do outro=
92. **Helena:** = e por que saiu correndo depois?
93. **Ari:** quando saiu deu outro pra trás
94. **Helena:** sabe o motivo? saiu correndo? chegou alguém armado?
95. **Ari:** não (.) saiu assustado correndo o irmão foi para um lado e ele foi pro outro
96. **Helena:** saiu assustado e ainda deu um tiro onde o senhor estava (0.2) o senhor chegou
97. a ver o momento que ele deu o último tiro?
98. **Ari:** não só quando levantei a cabeça e olhei (.) só vi que deu outro tiro e me abaixei
99. **Helena:** mas chegou a ver quantos metros?
100. **Ari:** uns seis metros (.) apontando a arma pra todos=
101. **Helena:** =já tinha tido um desentendimento com ele?
102. **Ari:** nunca a gente conversou
103. **Helena:** tinham um bom relacionamento?
104. **Ari:** era vizinho novo (.) tinha uns cinco meses que ele tava ali nunca discutiu
105. **Helena:** o senhor costuma andar armado?
106. **Ari:** não
107. **Helena:** ãrrã (.) antes desses fatos agrediu ele ou o irmão dele alguma vez? esboçou uma
108. atividade ofensiva? chegaram a discutir brigaram trocaram ameaças palavrões
109. nada?
110. **Ari:** não
111. **Helena:** certo (.) antes desse fato tinha visto ele armado ou ameaçando alguma pessoa?
112. **Ari:** só boato (.) diziam que esse senhor é meio nervoso (0.2) foi expulso de outra
113. cidade parece que Novo Hamburgo (.) por causa de briga com outras pessoas
114. (0.2) meu vizinho se dando comigo tudo bem
115. **Helena:** o senhor foi submetido ao hospital e foi atendido (.) qual hospital?
116. **Ari:** direto no HPS (.) fui no postão depois no HPS
117. **Helena:** ficou internado?
118. **Ari:** não (.) dei alta no mesmo dia
119. **Helena:** ãrrã (.) ficou com alguma deficiência em razão do tiro?
120. **Ari:** só a marca da bala que entrou e saiu
121. **Helena:** dificuldade de trabalho?
122. **Ari:** não
123. **Helena:** não ficou impedido de trabalhar? pôde retomar as atividades imediatamente?
124. **Ari:** sim
125. **Helena:** obrigada (.) com a palavra o Ministério Público
126. **Carlos:** quando depôs na polícia comentou que numa das vezes que ele puxou o gatilho
127. teria olhado e não teria saído o tiro (.) foi antes ou depois de lhe acertar?
128. **Ari:** foi antes
129. **Carlos:** só
130. **Helena:** a defesa?
131. **Iara:** no momento em que o senhor levou o tiro tava deitado no chão ou em pé?
132. **Ari:** quando me deu o primeiro tiro foi que me atirei no chão
133. **Iara:** primeiro o senhor se atirou ou levou o tiro?
134. **Ari:** levei o tiro e me joguei no chão
135. **Iara:** só pra confirmar (.) falou que se ele quisesse poderia ter dado outros tiros
136. tava a um metro e meio teria acertado

137. Ari: foi assim (.) hoje é o último dia (.) se...o senhor quiser atirar atira
 138. não tem conversa hoje é o último dia
 139. Iara: quanto tempo fazia que vocês estavam jogando bola?
 140. Ari: uns vinte minutos
 141. Iara: ãrrã (.) e viram que ele tava por ali?
 142. Ari: tava escorado na cerca (.) até o gurizinho dele tava jogando junto
 (1.2)
 143. Helena: nada mais doutora?
 144. Iara: não
 145. Helena: nada mais

Excerpts 8 and 18 have been taken from this transcript. Cleci is being questioned about the murder of her niece, with whom she did not have much contact. Cleci arrived at the crime scene a few minutes after the crime had taken place.

1. Helena: depoimento de Cleci Costa (.) aos costumes disse ser tia da vítima não presta
 2. compromisso (.) cientificada da imputação (0.2) que que sabe a respeito desses
 3. fatos que resultaram na morte da dona Fátima?
 4. Cleci: o que eu sei? olha dela assim ã...não posso lhe dizer nada porque...do lado dela
 5. ela não sabia o que queria (.) era meio solta (0.2) só via ela de vez em quando
 6. era difícil ir na minha casa
 7. Helena: era tia da Fátima (.) sabe se ela tinha filhos?
 8. Cleci: tem um gurizinho mas não sei onde anda (.) vi última vez quando fomos enterrar
 9. ela (.) depois disso quem ficou com a criança não procurou nós
 10. Helena: não sabe quem ficou com a criança?
 11. Cleci: não só vi a última vez no enterro
 12. Helena: estava com quem?
 13. Cleci: com todo mundo da vila passando de mão em mão
 14. Helena: a moça tinha pais?
 15. Cleci: pai ela tinha mas nem mora (.) mora longe e não dá bola pra ela
 16. Helena: nenhum dos familiares ficou com o filho? o pai era conhecido?
 17. Cleci: e...ela não sabia direito quem era o pai=
 18. Helena: =morava com quem?
 19. Cleci: um pouco na casa dum um pouco na casa doutro
 20. Helena: não tinha moradia certa?
 21. Cleci: não
 22. Helena: ãrrã (.) conhece seu Juraci?
 23. Cleci: de passagem de vender leite
 24. Helena: é conhecido como Zico?
 25. Cleci: é
 26. Helena: conhece porque ele tem um mercado?
 27. Cleci: não (.) trabalha com caminhão (0.2) quando sobrava ele dava pra todo mundo
 28. Helena: soube que ele tivesse um relacionamento amoroso com a dona Fátima?
 29. Cleci: não sei porque perguntava com quem ela andava e ela dizia com ninguém
 30. porque tinha que endireitar a vida e cuidar do filho
 31. Helena: no dia em que faleceu andava onde?
 32. Cleci: eu fui passear na vila Nazaré pro baile (.) sai cedo me dava com todos
 33. cheguei já tinha acontecido
 34. Helena: quando chegou já tinha sido morta?
 35. Cleci: sim
 36. Helena: soube quem tinha sido o autor?
 37. Cleci: cheguei e as pessoas da vila disseram (.) tua sobrinha morreu
 38. perguntei como (.) disseram que ele tinha dado uns tiro nela
 39. Helena: quem?
 40. Cleci: seu Juraci (.) era assim que estavam falando na vila só
 41. Helena: QUEM disse isso?
 42. Cleci: o pessoal da vila

43. **Helena:** quem disse?
44. **Cleci:** todo mundo
45. **Helena:** nome de quem?
(1.4)
46. **Cleci:** ali da volta
47. **Helena:** disseram a circunstância? discutiram?
48. **Cleci:** não
49. **Helena:** não se dava com a sua sobrinha? não gostava dela?
50. **Cleci:** éramos distantes
51. **Helena:** não se importava com a vida ou morte dela?
52. **Cleci:** gostava muito dela mas era cada um pro seu canto (.) meu marido faleceu
53. há pouco (.) faço de tudo pra criar meus filhos sozinha
54. **Helena:** era sua sobrinha (.) não procurou saber?
55. **Cleci:** quando falaram perguntei porquê (.) aí falaram que ela levou um tiro
56. **Helena:** vou lhe explicar uma coisa (0.2) amanhã se a senhora estiver andando com seu
57. nenê na rua (.) levar um tiro e lhe matar (.) todas as pessoas que virem isto vão
58. poder chamar a responsabilidade da pessoa que matou a senhora e vão ficar com
59. a obrigação de vir aqui prestar depoimento para que isso seja solucionado (.) para
60. que seus filhos tenham uma indenização cível (.) para que tenham educação e
61. possam crescer com o mínimo de dignidade (0.3) é::: por isso que nós nos
62. importamos com os resultados dos processos (.) que a senhora está aqui hoje (.)
63. para que possa contribuir com a verdade
(1.6)
64. **Helena:** me disse que quem viu os fatos disse que o acusado matou a vítima (.)
65. precisamos saber os nomes (0.2) muitas pessoas se escondem atrás da
66. ignorância da justiça e isso prejudica a realização da justiça
(1.4)
67. **Helena:** quando foi a última vez que falou com o seu Juraci?
68. **Cleci:** faz tempo (.) deu bolacha
69. **Helena:** arrã antes ou depois?
70. **Cleci:** muito antes
71. **Helena:** distribuía na vila? qual o motivo?
72. **Cleci:** gostava de ajudar
73. **Helena:** tem visto o sobrinho?
74. **Cleci:** não
75. **Helena:** nem vê?
76. **Cleci:** não
77. **Helena:** seu Zico tinha carinho especial pela criança?
78. **Cleci:** gostava da criança (.) não sabia quem era o pai
79. **Helena:** seus pais são parentes da Fátima? qual parentesco? filha de irmã sua?
80. **Cleci:** sim
81. **Helena:** qual o nome da sua irmã?
(1.8)
82. **Helena:** qual o nome da sua irmã dona Cleci?
(2.3)
83. **Helena:** dona Cleci eu estou lhe perguntando qual o nome da sua irmã
84. **Cleci:** o nome da minha irmã?
85. **Helena:** sim
(2.1)
86. **Helena:** vamos lá
(1.3)
87. **Helena:** estamos esperando a sua resposta
(1.7)
88. **Cleci:** o nome da minha irmã é::::::
(1.2)
89. **Helena:** qual o problema? a senhora não sabe o nome da sua irmã?
90. **Cleci:** sei (.) é::: eu só sei o primeiro nome dela
91. **Helena:** tem carteira de identidade?
92. **Cleci:** não eu perdi (.) só tenho o registro
93. **Helena:** deixe eu dar uma olhada no registro

- (depoente levanta-se e tira o registro do bolso e entrega para a juíza)
94. **Helena:** ainda estamos esperando pelo nome da sua irmã
95. **Cleci:** o nome da minha irmã é:::Nara (.) agora eu não sei todo o nome dela porque
96. a gente é filha da mesma mãe mas não do mesmo pai (.) eu não sei o
97. sobrenome dela
98. **Helena:** quantos filhos tem a dona Nara?
99. **Cleci:** onze
100. **Helena:** onze filhos? a dona Fátima e mais dez?
101. **Cleci:** isso
102. **Helena:** muito bem (.) é isso que a senhora tem para contribuir?
103. **Cleci:** é o que eu sei (.) não fui criada pela minha mãe eu=
104. **Helena:** =meu interesse não é sobre a sua família é sobre os fatos
105. **Cleci:** é a família não era chegada
106. **Helena:** mas no dia estava na vila?
107. **Cleci:** é fui no baile
108. **Helena:** nada mais (.) Ministério Público
109. **Norton:** sem perguntas
110. **Helena:** defesa?
111. **Neusa:** (balança a cabeça negativamente)
112. **Helena:** nada?
113. **Neusa:** nada mais
114. **Helena:** nada mais
(2.7)
115. **Helena:** a seguir pela doutora juíza foi dito que declarava encerrada a instrução e
116. determinava fossem intimadas as partes do prazo do artigo quatrocentos
117. e seis após a transcrição deste depoimento (.) nada mais

Excerpt 5 has been taken from this transcript. Arlete's husband tried to kill her because she did not want to live with him anymore.

1. **Helena:** depoimento de Arlete Pereira (.) aos costumes disse ser vítima não presta
2. compromisso (.) cientificada da imputação (0.2) dona Arlete como é que
3. aconteceram os fatos?
4. **Arlete:** foi assim (0.2) eu não tava mais morando em Viamão tava morando na casa
5. duma amiga minha e fui lá em casa buscar um papel porque tinha que receber do
6. meu serviço dia nove de novembro (0.2) daí:: cheguei em casa e tomei um banho
7. com mais duas amigas (.) quando cheguei em casa tô descendo e ele tá no pátio
8. da irmã dele (0.3) enxerguei ele e continuei meu caminho (.) peguei os papéis e
9. fui (.) tô na parada ele veio e me pegou pelo braço e disse pra mim ver os meus
10. filhos (0.2) só que eu não ia lá de medo dele (0.2) ele sempre me ameaçando
11. (0.2) daí:: ele me pegou pela mão às onze e trinta da manhã (.) só que ele não
12. deixou eu ver meus filhos (.) só de passagem (0.2) nem um beijo ele deixou eu
13. dar (0.2) simplesmente me prendeu dentro da casa dele e eu fiquei das onze e
14. trinta até as quatorze e trinta (.) quando a mãe dele chegou (.) quando ela chegou
15. eu fiz um griteiro (0.2) ela me tirou da casa dele e me levou pra casa dela (.) me
16. acalmou e ele disse pra mim levar meus filhos (0.3) não tinha pra onde ir (.) não
17. tinha casa (.) arrumei as crianças e ia levar igual (0.3) eu ia receber e nem que
18. fosse num hotel eu ia ficar com meus filhos (.) não tinha onde ficar (0.2) ele
19. desceu da casa dele (.) preparou a arma e deixou tudo prontinho (0.2) lá pelas
20. qua::tro tô saindo da casa (.) pedi pra dona Teresinha me levar até a parada (0.2)
21. tenho quase certeza que o Jair vai atrás de mim (.) ela disse:: eu te levo (0.3) daí
22. tava descendo a escada ele chamou (.) Arle::te (.) eu olhei pegou e perguntou pra
23. mim (.) volta pra mim? não vou voltar (.) já conversamos (0.2) e ele me deu
24. uma coronhada na cabeça (.) dois tiros na perna (.) um com meu fiho no colo (.)
25. e ele tentou co::m o revólver (.) quando deu a coronhada meu filho caiu do colo
26. (.) correu pra casa (.) ele me deu dois tiros na perna (.) um nas costas (.) dois no
27. braço e um no seio

28. **Helena:** dona Arlete (.) disse que viveu maritalmente com o seu Jair nove anos? a senhora
 29. foi viver com ele com que idade?
 30. **Arlete:** dezoito
 31. **Helena:** e ele?
 32. **Arlete:** não lembro
 33. **Helena:** viveu com ele sem se separar durante nove anos?
 34. **Arlete:** não a gente se separou em novembro do ano passado (.) aí a gente voltou
 35. não deu certo e continua não dando certo (.) na segunda vez eu saí
 36. **Helena:** quando diz novembro é noventa e seis?
 37. **Arlete:** sim
 38. **Helena:** arrã (.) tem filhos com ele?
 39. **Arlete:** sim uma filha de sete e um guri de três (.) os dois são dele
 40. **Helena:** durante o período que viveu com ele os dois trabalhavam?
 41. **Arlete:** sim
 42. **Helena:** arrã (.) antes desse primeiro incidente de separação vocês viviam bem?
 43. **Arlete:** ele era muito nervoso
 44. **Helena:** nervoso mas viviam bem?
 45. **Arlete:** é::quando não tava do jeito dele ele quebrava algumas coisas dentro de casa
 46. **Helena:** já tinha lhe agredido alguma vez?
 47. **Arlete:** na Páscoa ele deu em mim (.) eu tinha o papel na bolsa
 48. **Helena:** quantas vezes antes da primeira separação?
 49. **Arlete:** nunca me agrediu (.) pra não me bater ele quebrava algumas coisas dentro de
 50. casa
 51. **Helena:** alguma dessas vezes registrou alguma ocorrência? alguma providência?
 52. **Arlete:** não (.) só conversava com ele
 53. **Helena:** alguma vez:::a:::senhora disse que lhe bateu e a senhora não registrou
 54. ocorrência? antes da primeira separação?
 55. **Arlete:** não (.) na segunda vez nessa Páscoa
 56. **Helena:** na última separação quando resolveu que não tinha mais jeito?
 57. **Arlete:** na delegacia de mulheres disseram pra deixar que ele fosse chamado
 58. **Helena:** na vez em que bateu na senhora deixou lesões? bateu onde?
 59. **Arlete:** puxou os cabelos me arrastou no chão e bateu nos meus pulmões
 60. **Helena:** se submeteu a exame de lesões corporais?
 61. **Arlete:** fui
 62. **Helena:** em que mês?
 63. **Arlete:** abril
 64. **Helena:** abril de noventa e sete? na Páscoa? na delegacia de mulheres?
 65. **Arlete:** sim
 66. **Helena:** depois retornou a viver maritalmente com ele por quanto tempo?
 66. **Arlete:** não voltei mais
 67. **Helena:** ele continuou procurando a senhora?
 68. **Arlete:** continuou e ameaçando
 69. **Helena:** de que forma?
 70. **Arlete:** que ia me dar uns tiros e me deixar aleijada
 71. **Helena:** e a senhora acreditou nessas ameaças?
 72. **Arlete:** às vezes acreditava às vezes não
 73. **Helena:** arrã (.) alguma vez fez registro dessas ameaças?
 74. **Arlete:** não porque às vezes acreditava e às vezes não (0.2) dizia que era coisa da cabeça
 75. dele que ele falava
 76. **Helena:** sabia já que tinha uma arma?
 77. **Arlete:** não
 78. **Helena:** durante o período que viveu com ele a senhora tinha arma?
 79. **Arlete:** não
 80. **Helena:** quando saiu de casa deixou os filhos com ele em abril na Páscoa?
 81. **Arlete:** não em nove de março (.) em abril me bateu (.) quando saí levei meus
 82. filhos mas tava desempregada (0.2) conversei com ele pra me dar pensão
 83. no início ele me ajudava (.) dava leite e calçado (.) como minha mãe era
 84. alcoólatra não queria as crianças lá dentro (.) tive várias discussões (.) quando
 85. comecei a trabalhar não queria deixar os filhos com a mãe (.) minha ex-sogra
 86. ficou com as crianças prontamente

87. **Helena:** porque a sogra e não o pai?
88. **Arlete:** pedi mas ele não aceitava
89. **Helena:** pediu pra sogra e ela aceitou?
90. **Arlete:** certo (.) encontrei emprego na help-desk (.) teve um assalto e foi à falência
91. perdi o emprego (.) no dia dos tiros eu ia pegar minha rescisão e ia pegar noutro
92. dia noutro emprego
93. **Helena:** quando o encontrou ele disse que era pra visitar as crianças (.) porque não tava
94. visitando?
95. **Arlete:** de medo (.) cada vez me ameaçava ou ia lá em casa me ameaçar
96. **Helena:** quanto tempo fazia que a senhora não visitava seus filhos?
97. **Arlete:** ligava seguido para a minha cunhada (.) agora fazia um mês ou mais
98. **Helena:** se dava bem com a sogra?
99. **Arlete:** sim
100. **Helena:** sim (.) não pedia pra levar as crianças onde a senhora estava?
101. **Arlete:** não ela estava sempre doente
102. **Helena:** quem cuidava das crianças?
103. **Arlete:** ela e as irmãs dele
104. **Helena:** se dava com elas?
105. **Arlete:** tínhamos as nossas discussões
106. **Helena:** não pediu pra ver as crianças por elas?
107. **Arlete:** ligava todas as semanas para a Verônica e ela dizia que elas estavam bem (.)
108. não quero que tu subas lá em cima
109. **Helena:** morava com a sua mãe?
110. **Arlete:** não ela morava no morro (.) eu tava com uma amiga
111. **Helena:** e na casa da amiga não dava pras cunhadas levarem as crianças?
112. **Arlete:** já tava lá de favor dependendo (.) dormia na sala
113. **Helena:** no dia dos fatos foi até a casa dele?
114. **Arlete:** não (.) da minha mãe
115. **Helena:** era próxima a dele?
116. **Arlete:** na mesma rua
117. **Helena:** estava lhe esperando em algum lugar ou foi coincidência?
118. **Arlete:** tava sentado na frente da casa acho que foi coincidência
119. **Helena:** ãrrã (.) tava normal ou parecia embriagado?
120. **Arlete:** pelo que conheço dele tava normal (.) não usava drogas
121. **Helena:** ele fez com que a senhora fosse na casa da mãe dele (.) não pediu socorro?
122. **Arlete:** não acreditava que tinha arma em casa
123. **Helena:** ma ele chegou falando na arma?
124. **Arlete:** não não falou (.) disse que não tinha (0.2) arrebentou um rádio que eu ia dar
125. pra minha filha (.) tirou tudo da minha bolsa (0.3) eu disse Jair estou ficando
126. com medo (.) tu tá me deixando com medo (0.2) aí disse não precisa ter medo
127. não tô armado e levantou a camiseta
128. **Helena:** lhe levou pra casa onde a senhora morava com ele? não tinha ninguém?
129. **Arlete:** não e quando a crianças chegavam na porta mandava subir
130. **Helena:** as crianças chegaram na porta alguma vez?
131. **Arlete:** duas ou três vezes
132. **Helena:** nesse momento já estava com medo ou não?
133. **Arlete:** todo o momento eu estava com medo dele
134. **Helena:** lhe trancou dentro de casa?
135. **Arlete:** eu sentada na cama e ele na porta de pé olhando pra rua e conversando comigo
136. **Helena:** o que dizia?
137. **Arlete:** perguntava se eu tinha outro homem (.) porquê não voltava pra ele (.) com
138. quantos homens tinha andado
139. **Helena:** das onze e trinta até que horário?
140. **Arlete:** quatorze e trinta quando a mãe dele chegou
141. **Helena:** das onze e trinta às quatorze e trinta lhe manteve trancada dentro da casa dele
142. a mãe chegou e senhora começou a gritar e aí?
143. **Arlete:** me tirou lá de dentro
144. **Helena:** contou pra ela?
145. **Arlete:** contei e ela disse que ele tava ficando louco (.) que era pra parar (0.2) os dois
146. discutiram e não era pra ela se meter

147. **Helena:** e aí?
148. **Arlete:** ela disse tu tem que parar com isso (.) não tem fundamento=
149. **Helena:** =foi embora?
150. **Arlete:** ela disse essa mulher não te quer mais (.) tu tem que deixar ela de mão (.) tem outras
- 151.
152. **Helena:** a senhora não tentou ir embora nesse momento?
153. **Arlete:** tava esperando meus filhos se arrumarem pra levar eles junto (0.2) ele disse que se eu não levasse eles junto ele ia me achar onde eu estivesse e ia fazer não sei o que comigo=
- 154.
- 155.
156. **Helena:** =mas porque insistia tanto que a senhora levasse as crianças?
157. **Arlete:** porque a mãe dele tava muito velha e não queria eles lá (.) as crianças tavam incomodando (.) a mãe dele não se importava
- 158.
159. **Helena:** então tava esperando que eles se arrumassem?
160. **Arlete:** disse Igor vai lá buscar teu ursinho=
161. **Helena:** =chegou a sair de casa?
162. **Arlete:** a gente se arrumou e esperamos as crianças (.) pedi pra dona Teresinha me levar até a parada (.) a gente tá descendo as escadas ele me chamou (.) eu com o Igor no colo (.) olhei pra trás e ele disse volta pra mim (.) eu disse não a gente não tem mais chance=
- 163.
- 164.
- 165.
166. **Helena:** =nesse momento ele desferiu os tiros?
167. **Arlete:** não ele tava com a arma pronta em cima da pia (.) foi até a pia e pegou a arma
168. **Helena:** perto de onde a senhora estava?
169. **Arlete:** não (.) ele tava na porta dele (.) tava encostado aí pegou a arma (.) minha filha do lado filho no colo (.) só que ela fugiu (.) a mãe dele pedia não faz nada (.) eu chorando e gritava (.) as crianças chorando era um desespero só (0.2) eu disse guarda a arma que eu volto (.) disse sei que tu não volta (.) me tirou pelos cabelos de trás da mãe dele e:::tentei (.) só dizia larga o Igor (.) disse não tu vai ter que atirar em nós dois (0.2) me deu uma coronhada e caí (.) deu dois tiros nas pernas um no seio um no braço um nas costas
- 170.
- 171.
- 172.
- 173.
- 174.
- 175.
176. **Helena:** ficou hospitalizada?
177. **Arlete:** quatro dias
178. **Helena:** quatro (.) voltou pra casa e ficou impossibilitada de trabalhar por quanto tempo?
- 179.
180. **Arlete:** o médico não disse (.) vou ter que fazer cirurgia e botar ferro no braço
181. **Helena:** está engessada?
182. **Arlete:** sim o médico acha que com o gesso não tem condições de colar e precisa cirurgia pra botar uns ferros e três parafusos
- 183.
184. **Helena:** e os outros disparos resolveu todos?
185. **Arlete:** não amanhã que o médico vai me dar o resultado (0.2) parece que estou com um tumor no seio por causa do tiro
- 186.
187. **Helena:** um dos tiros está ali?
188. **Arlete:** a bala saiu e ficou tipo de um nó
189. **Helena:** e os filhos estão com a senhora?
190. **Arlete:** o Igor tá com a mãe dele (.) mandei buscar mas não quis vir
191. **Helena:** que idade?
192. **Arlete:** três anos (0.2) não quis ficar é muito apegado com a mãe dele e todos gostam dele (.) a minha filha tá comigo
- 193.
194. **Helena:** a senhora percebeu algum trauma emocional por terem presenciado os fatos?
195. **Arlete:** é minha filha de sete anos toda hora quando pode me abraça
196. **Helena:** ficou emocionada com medo de perder a mãe?
197. **Arlete:** é
198. **Helena:** e o menino?
199. **Arlete:** não vi mais desde os tiros (.) não quis vir
200. **Helena:** a que distância estava o seu Jair quando disparou?
201. **Arlete:** aproximadamente uns dois metros quando quebrou meu braço tava um pouco mais longe
- 202.
203. **Helena:** a mãe dele tentou evitar? aconselhava a não atirar?
204. **Arlete:** sim (.) até o sobrinho dele (.) todos gritavam
205. **Helena:** obrigada (.) com a palavra o Ministério Público
206. **Norton:** ao todo quantos tiros?

207. **Arlete:** acho que seis (.) tinha uma bala na mão dele duas na perna com certeza
 208. uma aqui e outra aqui (.) uma nas costas e outra aqui
 209. **Helena:** toda a vez que a senhora falar alguma coisa não diga aqui porque a gravação
 210. não sabe o que é aqui
 211. **Arlete:** na junção dos seios
 212. **Norton:** todos os tiros foram dados do mesmo lugar ali ou a senhora chegou a sair?
 213. **Arlete:** deu os tiros do pátio dele depois saí para o pátio da mãe dele
 214. **Norton:** aqui consta que a senhora foi pedir ajuda no mercado
 215. **Arlete:** esqueci de falar (.) me deu os tiros do pátio (.) corri pra casa da mãe dele pra
 216. me salvar (.) consegui abrir a porta e fugi encostado da cerca (0.2) invadi o
 217. bar do Chico e pedi por favor me ajuda chama os brigadianos (0.2) ele disse
 218. calma a dona Teresinha já chamou (.) mas eu queria eles ali naquela hora queria
 219. água (.) por que não me mata?
 220. **Norton:** ainda no mercado foi atrás da senhora?
 221. **Arlete:** foi ficou lá dentro
 222. **Norton:** o dono do mercado falou com ele? tirou a arma?
 223. **Arlete:** não (.) ele pediu (.) deu já fez o que tinha que fazer (.) e ele dizia às vezes vou te
 224. entregar (.) outras vezes que não (.) eu dizia Chico quero água e dizia pro Jair
 225. então me mata (.) ele dizia não quero te matar só te ver sofrendo (.) em seguida
 226. uns dez ou quinze minutos os brigadianos chegaram (.) não fugiu se
 227. entregou
 228. **Norton:** consta nos autos que teria cometido vários outros crimes e que teria sido preso
 229. **Arlete:** não
 230. **Norton:** disse que não é dele que é outra pessoa (.) nunca respondeu processo?
 231. **Arlete:** nunca (.) o que não foi eu falo (0.2) foi um ótimo pai nunca preso (.) não saía
 232. de noite (.) quando saía era pra uma cervejinha
 233. **Norton:** nunca respondeu processo?
 234. **Arlete:** não
 235. **Norton:** tem medo caso ele seja solto de lhe agredir de novo? fazer algo contra seus
 236. filhos ou alguém?
 237. **Arlete:** não sei esse:pero que não faça (.) ele disse que não gostava mais das crianças
 238. sei eu (.) espero que não chegue mais perto de mim
 239. **Norton:** nada mais
 240. **Helena:** com a palavra a defesa
 241. **Iara:** no tempo em que a vítima manteve relacionamento conjugal com o réu ele se
 242. mostrou trabalhador?
 243. **Arlete:** posso responder?
 244. **Helena:** sim
 245. **Arlete:** sempre foi trabalhador não posso negar (.) fazia de tudo para dar de tudo pra
 246. nós (.) ótimo pai nunca faltou nada
 247. **Iara:** sempre deu suprimento? carinhoso também?
 248. **Arlete:** sim (.) inclusive o filho de três anos tem paixão por ele
 249. **Iara:** sabe confirmar se o réu tem um irmão chamado Pedro Paulo? se teve preso?
 250. **Arlete:** posso falar? não vai ter complicação comigo?
 251. **Helena:** pode
 252. **Arlete:** já (.) inclusive o Jair foi chamado a depor porque colocou o nome do Jair
 253. **Iara:** envolveu o Jair num ato praticado por ele?
 254. **Arlete:** sim estávamos desesperados
 255. **Iara:** costumava frequentar casas noturnas ou bares?
 256. **Arlete:** danço mas não vou a boates (0.2) danço assim: sim
 257. **Iara:** durante o relacionamento com o Jair não?
 258. **Arlete:** só depois que me separei dele comecei a dançar
 259. **Iara:** obrigada
 260. **Helena:** nada mais

Excerpts 4 and 11 have been taken from this transcript. Teresinha is Jair's mother and Arlete's ex-mother-in-law

1. **Helena:** depoimento de Teresinha Ferreira (.) aos costumes disse ser mãe do acusado
2. não presta compromisso (.) cientificada da imputação (0.6)
3. **Helena:** dona Teresinha a senhora presenciou esses fatos? o que aconteceu?
4. **Teresinha:** ele queria conciliação e ela disse que não dava mais certo juntos (.)
5. ela até disse que ia se machucar com uma coisa dessas de unha para dar parte
6. dele que tinha feito
7. **Helena:** e aí?
8. **Teresinha:** ele desceu pra casinha dele e ela pediu pra mim levar ela na parada (.) ela dizia
9. pra mim que ele tava de arma (.) mas eu não tinha visto que ele estava de arma
10. **Helena:** a senhora não tinha visto que ele tava armado?
11. **Teresinha:** não
12. **Helena:** e depois?
13. **Teresinha:** pedi pra ele parar que não fizesse nada (.) quando enxerguei=
14. **Helena:** =quando viu que estava com a arma em punho pediu para que não atirasse em
15. ninguém?
16. **Teresinha:** achei que estivesse transtornado (.) não queria me ouvir (0.2) saí correndo pra
17. chamar os brigadianos e acalmar ele
18. **Helena:** certo (.) chegou a ouvir o barulho dos tiros?
19. **Teresinha:** um só eu tava correndo na rua
20. **Helena:** ouviu um só (.) a dona Arlete estava com os filhos?
21. **Teresinha:** o gurizinho tava do lado dela no quintal e a guriazinha dentro de casa
22. **Helena:** ia levando ela pra parada? as crianças iam junto?
23. **Teresinha:** a guriazinha ainda vinha descendo
24. **Helena:** o menino ia junto com ela até a parada?
25. **Teresinha:** eu ia levando ele
26. **Helena:** ia acompanhar dona Arlete até a parada?
27. **Teresinha:** ela só ia levar:::ela disse que ia receber um trocadinho do serviço e depois ia me
28. mandar eles de volta
29. **Helena:** certo (.) já sabia que seu filho tinha uma arma?
30. **Teresinha:** isso eu ignorava
31. **Helena:** alguma vez o seu Jair já tinha feito uso de arma?
32. **Teresinha:** ele nunca teve arma (.) nunca (.) nunca foi um filho de incomodar (.) de ter
33. vício nada (0.2) quem é amigo da família ficou impressionado do Jair agir
34. assim
35. **Helena:** a resignação do seu Jair é pelo fato da dona Arlete não querer voltar pra ele?
36. **Teresinha:** ele não queria também mais tomar conta dos filhos porque acha que com essa
37. falta de ar que eu ando não dá (.) já faz três anos que me operei mas tô sempre
38. assim
39. **Helena:** tá tomando conta das crianças há quanto tempo?
40. **Teresinha:** não lembro direito mas desde a metade do ano que ela começou come essa
41. encrenca de ir embora (.) vai e volta
42. **Helena:** vamos tentar nos situar (0.2) lá pela metade do ano ela começou a querer ir
43. embora (.) ia e voltava
44. **Teresinha:** é a segunda vez que ela vai
45. **Helena:** a senhora ficou desde a metade do ano encarregada de criar as crianças e o seu
46. Jair achava que não podia continuar assim?
47. **Teresinha:** não ele achava que ela tinha que tomar conta dos filhos e queria conciliação
48. mas ela disse que não dava
49. **Helena:** esses fatos aconteceram dentro da sua casa da dele ou no pátio?
50. **Teresinha:** no quintal
51. **Helena:** no quintal dentre as duas casas ou adiante das casas?
52. **Teresinha:** não a minha casa é assim e a dele assim (depoente faz gestos com a mão)
53. **Helena:** qual das duas fica de frente pra rua?
54. **Teresinha:** a minha

55. **Helena:** a sua de frente e a dele de fundos?
56. **Teresinha:** isso
57. **Helena:** quando chegou em casa onde estava a dona Arlete?
58. **Teresinha:** ela estava correndo pra rua pra venda do Chico
59. **Helena:** quando chegou ela estava correndo de casa?
60. **Teresinha:** já tinha saído
61. **Helena:** antes dos tiros?
62. **Teresinha:** não (.) ela tava conversando com o Jair na casa dele
63. **Helena:** aí pediu alguma coisa pra senhora? ela gritou?
64. **Teresinha:** não (.) a menina disse a Arlete tá chorando
65. **Helena:** que menina?
66. **Teresinha:** a filha mais velha
67. **Helena:** a filha mais velha deles?
68. **Teresinha:** não dele
69. **Helena:** ele tem uma filha só dele? é criada pela senhora também?
70. **Teresinha:** sim
71. **Helena:** a senhora que cria essa moça? que idade ela tem?
72. **Teresinha:** onze
73. **Helena:** e o nome?
74. **Teresinha:** Cíntia
75. **Helena:** então essa menina que disse que ela tava chorando?
76. **Teresinha:** sim
77. **Helena:** arrã (.) aí foi ver o que estava acontecendo?
78. **Teresinha:** ela foi comigo conversar lá em casa
79. **Helena:** ele deixou?
80. **Teresinha:** não se meteu
81. **Helena:** e aí conversaram sobre o quê?
82. **Teresinha:** sentou na mesa e começou a conversar que não dava mais certo (.) que era a
83. segunda vez que ia embora e voltava=
84. **Helena:** =chegou a dizer se ia levar os filhos dela?
85. **Teresinha:** que não podia levar
86. **Helena:** não tinha condições de ficar com os filhos?
87. **Teresinha:** não
88. **Helena:** chegou a pedir que a senhora cuidasse deles?
89. **Teresinha:** isso ela disse
90. **Helena:** a senhora se opôs?
91. **Teresinha:** não
92. **Helena:** queria ficar (.) saiu para ir embora? como é que foi? a senhora disse que pediu
93. pra acompanhar até a parada
94. **Teresinha:** não ela pediu
95. **Helena:** quando vocês saíram é que a senhora viu ele chegando?
96. **Teresinha:** não ele tava na casa dele
97. **Helena:** mas a senhora tava na sua casa ele entrou lá?
98. **Teresinha:** sim
99. **Helena:** neste momento chegou a perceber se tinha arma?
100. **Teresinha:** não tinha
101. **Helena:** saiu da sua casa para ir com ela até a parada?
102. **Teresinha:** quando nós descemos no quintal ele surgiu com a arma
103. **Helena:** ela não tinha condições de fugir? saiu com a senhora ou permaneceu ali?
104. **Teresinha:** ficou ali comigo
105. **Helena:** quando chegou armado?
106. **Teresinha:** saiu
107. **Helena:** a senhora pediu pra ele largar a arma?
108. **Teresinha:** eu disse não faz isso meu filho (.) isso não se faz
109. **Helena:** não lhe atendeu?
110. **Teresinha:** não (.) tava transtornado
111. **Helena:** já tinha visto ele assim alguma vez? _____
112. **Teresinha:** não senhora (0.2) primeira vez
113. **Helena:** ficou com medo e foi chamar a polícia?
114. **Teresinha:** fiquei com medo.

115. **Helena:** e o seu netinho? o menino tava onde?
 116. **Teresinha:** foi atrás de mim
 117. **Helena:** quando retornou viu a dona Arlete correndo em direção ao mercado?
 118. **Teresinha:** já ia correndo
 119. **Helena:** encontrou seu Jair ? seu filho?
 120. **Teresinha:** passou por mim
 121. **Helena:** arrã (.) ia atrás dela?
 122. **Teresinha:** sim
 123. **Helena:** com a arma em punho?
 124. **Teresinha:** não reparei mas de certo tava
 125. **Helena:** a senhora foi até onde estavam?
 126. **Teresinha:** não (.) fui em casa ver a outra guriazinha
 127. **Helena:** ela lhe disse alguma coisa sobre os tiros?
 128. **Teresinha:** não disse nada
 129. **Helena:** soube através de alguém sobre os tiros que a dona Arlete tomou?
 130. **Teresinha:** não (.) quem tava comigo lá em casa era a Fabiana
 131. **Helena:** quem é?
 132. **Teresinha:** bem dizer uma sobrinha de criação minha
 133. **Helena:** é criada pela senhora?
 134. **Teresinha:** foi quando solteira
 135. **Helena:** mora com a senhora?
 136. **Teresinha:** acima da minha casa
 137. **Helena:** estava lá?
 138. **Teresinha:** estava porque eu tinha mandado chamar ela
 139. **Helena:** ela viu?
 140. **Teresinha:** tava na porta da cozinha
 141. **Helena:** disse quantos tiros?
 142. **Teresinha:** perguntei se feriu muito ela (.) ela disse não contei só três tiros
 143. **Helena:** SÓ TRÊS TIROS!
 144. **Helena:** a senhora cuida dos seus netos desde bem pequenos então?
 145. **Teresinha:** a senhora sabe esse negócio com a Arlete (0.3) de::sde nenê quem sempre se envolveu com ele fui eu (.) nem a Arlete tinha paciência (.) eu sou vó e mãe dos meus netos
 146. **Helena:** muito obrigada (.) Ministério Público
 147. **Norton:** nada
 148. **Helena:** defesa?
 149. **Neusa:** nada
 150. **Helena:** nada mais (.) obrigada dona Teresinha (.) assine aqui

Excerpt 1 has been taken from this transcript. Rosaura is the defendant's sister. Carlos is being accused of trying to kill two men in front of a club. One died, the other survived.

1. **Thales:** nome completo?
 2. **Rosaura:** Rosaura da Silva
 3. **Thales:** idade?
 4. **Rosaura:** vinte e três anos
 5. **Thales:** profissão?
 6. **Rosaura:** desempregada
 7. **Thales:** estado civil?
 8. **Rosaura:** solteira
 9. **Thales:** endereço?
 10. **Rosaura:** rua João Mota número dezenove
 11. **Thales:** o que é do Carlos?
 12. **Rosaura:** irmã
 13. **Thales:** irmã dele (.) aos costumes disse ser irmã do acusado (.) não presta compromisso (0.2) pelos critérios da lei não é obrigado a prestar depoimento se não quiser depor

16. **Rosaura:** quero
17. **Thales:** tava junto lá na festa?
18. **Rosaura:** estava
19. **Thales:** me conta o que aconteceu
20. **Rosaura:** nós estávamos em casa e íamos para outra festa (.) não nesta festa (0.2) as duas
21. meninas a Ana e a Laura passaram na nossa rua e disseram que tinha uma festa
22. convidando o meu irmão (.) especificamente o meu irmão (.) aí não sabíamos se
23. íamos ou não (.) aí nós primos (.) éramos bastante primos dissemos que não
24. íamos na festa porque tinha outra festa (.) mas aí o Carlos disse que era pra gente
25. ir nesta festa que era mais perto (0.2) aí chegamos e tinha o bar (.) aí a
26. gente não queria entrar porque tinha menores (.) aí chegando lá dissemos
27. vamos descer aí (.) aí pedimos uma cerveja=
28. **Thales:** =viu quando surgiu a discussão entre o Carlos e a outra pessoa?
29. **Rosaura:** não
30. **Thales:** quando começou a briga alguém derramou cerveja em alguém?
31. **Rosaura:** ainda não cheguei aí (.) isto aí é outra parte
32. **Thales:** mas eu quero que a senhora me conte isso aí (.) essa outra parte não me
33. interessa (.) eu quero que a senhora me conte o início da briga lá dentro do
34. salão
35. **Rosaura:** o Carlos pediu uma cerveja e esse rapazinho pulou o balcão do bar comprou
36. uma cerveja e saiu (.) a gente ficou olhando assim mas não falou nada (0.2)
37. ele voltou pra dentro e disse essa cerveja é minha (.) aí o meu irmão disse
38. não (.) e ele é minha (.) aí ele tava com um copo de cerveja e jogou no rosto
39. dele e começaram a dizer que a gente era um monte de sujo e o que que a gente
40. tava fazendo na festa (.) ali não era lugar da gente (0.2) e começou a discussão e
41. a briga (.) o meu irmão apanhou dele (.) ele começou a bater nele
42. **Thales:** o Zeca chegou a desferir um soco no Carlos?
43. **Rosaura:** vários socos (.) não foi um só
44. **Thales:** aí caíram no chão brigando?
45. **Rosaura:** ele caiu no chão aí vieram mais amigos desse rapaz que morreu e começaram
46. a brigar (.) a gente também apanhou (0.2) eu levei vários tapas na cara empurrão
47. soco e pontapé nesse tumulto todo (.) e eu só vi quando o meu irmão saiu
48. correndo (.) daí a gente sumiu atrás dele (.) daí a gente sumiu atrás também (.) nisso
49. eles gritavam (.) porque a gente tava na frente do clube e eles estavam numa rua
50. assim
(Rosaura faz gestos mostrando as ruas)
51. **Rosaura:** aí eles gritavam a irmã dele está aí nós vamos pegar a irmã dele (0.2) quando a
52. gente viu tava aquele tumulto que desceu atrás (.) a gente pegou e saiu correndo
53. continuamos correndo até o posto de gasolina aí nos encontramos
54. **Thales:** e o Carlos junto?
55. **Rosaura:** ele apavorado (.) a gente apavorado
56. **Thales:** quanto tempo depois de terem saído do clube encontraram o Carlos de novo?
57. **Rosaura:** nessa hora a gente não sabe ma::s acho que uns vinte ou trinta minutos depois
58. **Thales:** vinte ou trinta minutos depois que saíram lá do clube? aí ficaram ali?
59. **Rosaura:** não não ficamos ali (.) ficamos uns cinco minutos meio apavorados aí subimos
60. a rua e cada um foi pra sua casa
61. **Thales:** e não fica::ram não passaram a noite numa garagem?
62. **Rosaura:** não
63. **Thales:** em nenhum momento o Carlos falou que tinha voltado no clube?
64. **Rosaura:** não em nenhum momento (.) a gente tava muito apavorado
65. **Thales:** o Carlos tem ou tinha algum tipo de arma em casa?
66. **Rosaura:** não
67. **Thales:** a casa de vocês fica muito longe lá do Glória Tênis Clube?
68. **Rosaura:** não não fica muito longe mas também não é perto
69. **Thales:** que distância mais ou menos?
70. **Rosaura:** umas seis quadras
71. **Thales:** com apalavra o Ministério Público
72. **Milton:** a senhora disse que foram convidados para essa festa (.) nesta festa vocês
73. pagavam a bebida?
74. **Rosaura:** pagava

75. **Milton:** esse tumulto que houve (.) a senhora disse que correu para um lado e o Carlos
 76. pra outro (.) quem que correu junto com a senhora?
 77. **Rosaura:** junto comigo?
 78. **Milton:** é
 79. **Rosaura:** foi os meus três primos o Daniel o Cesar e o Felipe
 80. **Milton:** depois pararam de correr e cada um foi pra sua casa?
 81. **Rosaura:** é paramos de correr e cada um foi pra sua casa
 82. **Milton:** e o Carlos estava coma senhora?
 83. **Rosaura:** tava
 84. **Milton:** como é que a senhora explica que o Daniel foi ouvido aqui e disse que foram
 85. pra uma garagem ou um prédio de apartamentos que foi do avô de vocês ou
 86. dele ou coisa assim (.) inclusive que lá o Carlos teria contado que teria voltado
 87. e dado os tiros? e a senhora diz que estava junto com ele e que não ouviu nada
 88. disso (.) é pelo fato de ser irmã do Carlos? então a senhora esqueceu?
 89. **Rosaura:** não
 90. **Milton:** não ouviu?
 91. **Rosaura:** não ouvi esse comentário (.) não houve esse comentário
 92. **Milton:** mas o Daniel disse do comentário
 93. **Rosaura:** nós não paramos em nenhum lugar
 94. **Milton:** tá obrigado
 95. **Thales:** a defesa?
 96. **Saete:** nada
 97. **Thales:** nada mais

Excerpts 7 and 10 have been taken from this transcript. Mario is being accused of accomplice murder.

1. **Helena:** interrogatório de Mário Delgado (.) cientificado do direito de silêncio e
 2. imputação (0.2) o que o senhor sabe sobre esses fatos?
 3. **Mário:** estava em casa tomando café (.) aí o meu irmão de curioso foi ver e aí a
 4. irmã desse rapaz aí que morreu pegou e disse que a gente ajudou a matar
 5. mas isso aí não tem nada a ver (.) a gente se dava com os dois isso aí
 6. eu estou de consciência limpa
 7. **Helena:** o senhor de dava com o seu Elias que morreu?
 8. **Mário:** é a gente se dava (.) não era amigo assim mas sempre que passava
 9. cumprimentava ele e tudo
 10. **Helena:** e com o seu Tião se dava?
 11. **Mário:** com o Tião a gente se dava desde guri (.) morava perto e tudo
 12. **Helena:** há quanto tempo o senhor mora lá?
 13. **Mário:** uns nove anos
 14. **Helena:** e o seu Tião?
 15. **Mário:** por isso aí também
 16. **Helena:** e o seu Elias e o seu Tião se davam?
 17. **Mário:** i::sso aí eu não sei
 18. **Helena:** não sabe (.) não sabe o motivo da desavença?
 19. **Mário:** não s::ó soube no dia que aconteceu no caso (.) eu me dava com os dois
 20. **Helena:** o senhor ainda vê o seu Tião?
 21. **Mário:** de vez em quando a gente se cruza lá na vila
 22. **Helena:** como é que ficou sabendo que o seu Elias tinha sido baleado?
 23. **Mário:** a gente levantou (.) eu e minha mulher (.) e foi tomar café
 24. **Helena:** arrã
 25. **Mário:** aí de repente o meu irmão entrou dizendo que o Elias tava caído morto lá na
 26. frente do campo de futebol (.) aí levantei e fui lá ver (.) mas eu não tenho nada
 27. com isso
 28. **Helena:** com quem o senhor mora?
 29. **Mário:** moro eu e minha mulher
 30. **Helena:** mas e o seu irmão?
 31. **Mário:** é assim (.) moro eu e minha mulher numa casa meu irmão e a família dele noutra

32. e minha mãe e meu pai na outra
 33. **Helena:** são três casas no mesmo terreno?
 34. **Mário:** isso
 35. **Helena:** e como é que seu irmão ficou sabendo?
 36. **Mário:** através de um vizinho
 37. **Helena:** que vizinho?
 38. **Mário:** o vizinho ali de baixo
 39. **Helena:** mas como se chama esse vizinho? deve ter um nome
 40. **Mário:** agora não sei o nome dele (0.2) acho que é:::seu Zé parece
 41. **Helena:** mas mora ao lado?
 42. **Mário:** não mais pra baixo
 43. **Helena:** se precisar o senhor nos mostra onde ele mora?
 44. **Mário:** é mas ele não teve nada que ver com isso também (.) só falou
 45. **Helena:** tá bem (.) quando os fatos aconteceram ouviu o tiro?
 46. **Mário:** não (.) tava dormindo
 47. **Helena:** viu o seu Elias caído no chão?
 48. **Mário:** eu não (.) não vi quando vivo vou ver depois de morto
 49. **Helena:** mas não foi até o campo?
 50. **Mário:** fui mas vi de longe (.) nem quis chegar perto (.) isso que tão dizendo é
 51. tudo testemunha comprada
 52. **Helena:** e o seu irmão viu o corpo? falou alguma coisa?
 53. **Mário:** a gente nem conversou sobre isso aí
 54. **Helena:** não disse quantas pessoas tinham em volta?
 55. **Mário:** não
 56. **Helena:** por que o senhor disse testemunha comprada?
 57. **Mário:** isso aí é coisa da mãe dele só porque eu me dou com o Tião (.) aí ela
 58. quer se vingar
 59. **Helena:** tá bom seu Mário
 (1.2)
 60. **Helena:** viu o acusado no local?
 61. **Mário:** não
 62. **Helena:** conversou com alguém que tenha visto os fatos?
 63. **Mário:** só comentários
 64. **Helena:** o senhor não viu nem conversou?
 65. **Mário:** não
 66. **Helena:** o senhor alguma vez já foi preso ou processado por algum outro fato?
 67. **Mário:** eu tô processado (.) tô respondendo a um=
 68. **Helena:** =em Porto Alegre?
 69. **Mário:** em Porto Alegre
 70. **Helena:** na cidade de Porto Alegre (.) responde a um processo mais? dois processos
 71. mais? três processos mais?
 72. **Mário:** não (.) tô respondendo a um processo no artigo cento e vinte e um (.) um
 73. homicídio
 74. **Helena:** um homicídio (0.3) nesta vara aqui?
 75. **Mário:** nesta vara aqui
 76. **Helena:** o senhor já constituiu advogado se:::u=
 77. **Mário:** =sim
 78. **Helena:** quem é que vai exercer sua defesa?
 79. **Mário:** o doutor Roberto
 80. **Helena:** Roberto?
 (3.2)
 (Helena procura o nome do advogado nos autos)
 81. **Mário:** eu tenho o cartão dele ali
 (3.6)
 (Mário levanta-se para procurar o cartão de visita do advogado e Helena
 vira-se na direção do auxiliar judiciário)
 82. **Helena:** só desliga aí um pouquinho e me localiza o processo dele

Excerpts 14, 15, 20 and 21 have been taken from this transcript. Ernesto witnessed a murder while returning from a soccer game.

1. **Helena:** depoimento de Ernesto Fontoura (.) brasileiro solteiro radio técnico (0.2)
2. advertido e compromissado cientificado da imputação (.) seu Ernesto o
3. senhor tem conhecimento desses fatos? (0.2) um pouco mais perto do
4. microfone por favor (.) dez centímetros aproximadamente
(Ernesto aproxima-se do microfone)
5. **Helena:** isso assim está bem (.) sabe alguma coisa?
6. **Ernesto:** sei sim (0.2) nesse dia eu:::mais uns colegas meus (0.2) nós tínhamos ido joga
7. bola
(1.3)
8. **Helena:** ãrrã
9. **Ernesto:** nós tínhamos ido num torneio de futebol
10. **Helena:** certo
11. **Ernesto:** daí na volta (.) quando nós estávamos retornando pra casa (0.2) daí nós
12. vimos no caso a briga
(1.5)
13. **Ernesto:** eu tava uns cinqüenta metros de distância mais ou menos mas não sabia com
14. quem era a briga nem nada
(0.9)
15. **Helena:** ãrrã
16. **Ernesto:** tinha um carro branco parado e::no caso dois homens no caso brigando
(0.8)
17. **Ernesto:** eles estavam de pé agarrados né? e de repente houve um tiro
(0.6)
18. **Helena:** e aí?
19. **Ernesto:** aí já correu mais de gente pra olhar e aí surgiu outro carro que socorreu a
20. vítima
(1.2)
21. **Ernesto:** foi isso no caso que eu fiquei sabendo
(1.2)
22. **Ernesto:** que eu vi
23. **Helena:** viu ou ficou sabendo?
24. **Ernesto:** que eu vi
25. **Helena:** o senhor mora onde?
26. **Ernesto:** moro na rua Rio Velho
27. **Helena:** rua Rio Velho
28. **Ernesto:** trezentos e dez
29. **Helena:** trezentos e dez (.) é perto do local onde aconteceram os fatos?
30. **Ernesto:** olha (0.2) no caso seri::a (0.2) não é perto (.) no caso onde aconteceram os
31. fatos foi na parada quinze (0.2) eu moro na parada dezesseis
32. **Helena:** certo (0.2) o que significa isso em termos de distância? o senhor chega a
33. conhecer as pessoas que moram na parada quinze?
34. **Ernesto:** olha (.) dá uma média de um quilômetro eu acho
35. **Helena:** média de um quilômetro (.) o senhor já conhecia o seu Dagoberto?
(1.4)
36. **Ernesto:** sim por causa da filha dele que mora na mesma rua que eu moro
37. **Helena:** o senhor alguma vez já prestou depoimento?
38. **Ernesto:** sim
39. **Helena:** outras vezes?
40. **Ernesto:** sim
41. **Helena:** muitas vezes?
42. **Ernesto:** duas vezes
43. **Helena:** duas vezes (.) recentemente?
44. **Ernesto:** foi no ano passado
45. **Helena:** no ano passado (.) seu Ernesto então o senhor conhecia o seu Dagoberto
46. porque::conhecia a filha dele?
47. **Ernesto:** porque ela::no caso vem ser praticamente minha vizinha (.) porque ela

48. mora na mesma rua que eu moro
49. **Helena:** e ele visita a filha?
(1.2)
50. **Ernesto:** sim
51. **Helena:** visita freqüentemente lá a casa da sua::da filha dele? o senhor vê ele
52. passando na frente? é por isso?
53. **Ernesto:** sim
54. **Helena:** alguma vez o senhor esteve na casa da filha dele?
55. **Ernesto:** não
56. **Helena:** é vizinho mas não freqüenta a casa?
(1.3)
57. **Ernesto:** não
58. **Helena:** e ela alguma vez esteve na sua casa?
59. **Ernesto:** esteve::no caso foi a primeira vez que foi me procurar
60. **Helena:** arrã
61. **Ernesto:** porque ela ficou sabendo que eu tinha visto o fato
62. **Helena:** quando eu lhe perguntei seu Ernesto se o senhor já tinha prestado declarações em
63. juízo (.) eu lhe perguntei por um motivo (.) e agora em vista da::de como
64. as coisas seguiram eu vou lhe perguntar e vou novamente::e vou lhe dizer o
65. porquê da minha pergunta (0.2) o senhor parece muito nervoso (.) o senh::or
66. demora para responder as minhas perguntas
67. **Ernesto:** a::tá:: sobre isso é porque eu tenho problemas de ner::vos isso aí não::
(0.9)
68. **Helena:** arrã (.) não é porque é a primeira vez?=
=não=
69. **Ernesto:** =não=
70. **Helena:** =e não é porque seja nada em especial com relação a esse processo?
71. **Ernesto:** não (.) não
72. **Helena:** é uma característica sua mesmo [seu Ernesto?
73. **Ernesto:** [certo (.) até eu faço tratamento pra isso (.) tomo
74. remédio pros nervos
75. **Helena:** arrã
76. **Ernesto:** isso não tem nada
77. **Helena:** bom então o senhor fique tranquilo nesse momento (.) isso aqui é:::nós estamos
78. numa audiência onde todos nós estamos querendo saber como esses fatos
79. aconteceram (0.2) estamos procurando encontrar a verdade
80. **Ernesto:** sim
81. **Helena:** o senhor pode ficar tranquilo (.) o senhor é um cidadão que tem os seus direitos e
82. está aqui apenas colaborando com a justiça (.) tá bom?
83. **Ernesto:** certo
84. **Helena:** e no dia dos fatos então o senhor estava voltando dum partida de futebol?
85. **Ernesto:** isso
86. **Helena:** o senhor estava sozinho?
87. **Ernesto:** não (0.2) tava eu e mais o meu irmão
88. **Helena:** como é o nome do seu irmão?
89. **Ernesto:** Luiz Fontoura
90. **Helena:** quem mais?
91. **Ernesto:** vinha mais o Rogério e vinha mais outro colega nosso que também mora na
92. parada e::ste no caso mora na parada dezoito mais adiante
93. **Helena:** na parada dezoito (.) estavam em quantos?
94. **Ernesto:** olha nós vínhamos numa turma du::ns entre uns oito mais ou menos
95. **Helena:** entre uns oito (.) isso foi de dia ou de noite?
96. **Ernesto:** foi à tardinha
97. **Helena:** dia deze::esse dia era sábado era domingo ou era dia da semana (.) recorda?
98. **Ernesto:** foi no domingo
99. **Helena:** domingo (0.2) muito bem então o senhor pode me relatar o seguinte o senhor
100. estava do lado de quem quando vocês vinham descendo e o senhor presenciou
101. esses fatos?
(1.2)
102. **Ernesto:** eu vinha do lado do meu irmão Luiz
103. **Helena:** do seu irmão (.) e o que lhe chamou a atenção? o senhor vinha certamente

104. caminhando ou conversando com o seu irmão (.) vocês estavam alegres tinham
 105. saído duma partida de futebol (.) enfim né? (.) o que fez o senhor olhar pra esse
 106. fato?
 107. **Ernesto:** olha (0.2) o que me chamou a atenção (0.2) porque::no caso dos dois lado da
 108. rua tem mato né? (.)
 109. (0.9)
 110. **Ernesto:** dum lado tem mato e do outro lado tem casa (.) do lado esquerdo (0.2) então
 111. nós vínhamos subindo a rua e aí de repente quando eu olhei pra frente tinha os
 112. dois amigos brigando (0.2) encostados num carro no:: caso aí nós paramos
 113. **Helena:** pararam pra olhar?
 114. **Ernesto:** nós paramos pra olhar
 115. **Helena:** ãrrã (.) vamos ver o seguinte estas duas pessoas que estavam brigando estavam
 116. ao lado ou na frente do automóvel?
 117. **Ernesto:** estavam ao lado
 118. **Helena:** ao lado do automóvel considerando o banco do motorista ou o banco que fica
 119. ao lado do motorista?
 120. **Ernesto:** ao banco do motorista
 121. **Helena:** eles estavam no meio da rua ou sobre a calçada?
 122. **Ernesto:** no::caso referente (0.2) porque não tem calçada né? referente ao lado do
 123. motorista entre a casa praticamente (0.2) porque o carro estava um pouquinho
 124. abaixo (.) não estava bem na frente da casa
 125. **Helena:** ãrrã (.) então não era no meio da rua (.) isto acontecia num local
 126. correspondente ao local onde as pessoas costumam caminhar? que seria
 127. correspondente a calçada?
 128. **Ernesto:** sim
 129. **Helena:** mas estavam no::esta rua ela comporta mais de um carro trafegando ao
 130. mesmo tempo?
 131. **Ernesto:** é dá uns dois eu acho
 132. **Helena:** dá uns dois (0.2) um em cada sentido de direção mais ou menos?
 133. **Ernesto:** (responde afirmativamente com a cabeça)
 134. **Helena:** me responda só:::eu vou lhe pedir o seguinte (.) sempre me
 135. responda com palavras porque nós estamos gravando (.) então se o
 136. senhor faz um sinal com a cabeça (.) o sinal com a cabeça não
 137. sai no gravador né?
 138. **Ernesto:** sim
 139. **Helena:** havia outras pessoas além de vocês que estavam vindo do futebol?
 140. havia outras pessoas outros transeuntes outros moradores da vizinhança que
 141. também estivessem olhando este fato?
 (0.8)
 142. **Ernesto:** sim
 143. **Helena:** estavam lá assistindo a briga propriamente dita?
 144. **Ernesto:** sim
 145. **Helena:** o senhor ouviu alguma discussão entre essas partes que brigavam (.) entre
 146. essas pessoas que brigavam? o senhor chegou a escutar alguma discussão
 147. troca de palavras? eles diziam alguma coisa ou só lutavam?
 148. **Ernesto:** não deu pra escutar nada porque eles estavam lutando né? aí de:: repente eu só vi
 149. quando um caiu no chão (.) e aí já correu mais gente (.) no caso os que estavam
 150. mais próximos
 151. **Helena:** ãrrã
 (0.9)
 152. **Ernesto:** aí foi onde um entrou no carro né? aí surgiu uma mulher (0.2) também não sei de
 153. que lado ela veio
 154. **Helena:** ãrrã
 (1.2)
 155. **Ernesto:** e entrou no carro e o carro foi no ca::so embora
 156. **Helena:** ãrrã
 (1.7)
 157. **Helena:** e o tiro?
 158. **Ernesto:** sim foi no momento no caso que houve o tiro né? essa pessoa entrou no carro
 159. e foi embora

160. **Helena:** bem (.) então me:::de novo me descreva como é que foram esses fatos me
161. dizendo onde e quando é que foi o tiro
162. **Ernesto:** onde foi?
163. **Helena:** quando (.) em que momento?
164. **Ernesto:** foi no momento em que eles estavam lutando porque não sei se a arma tava
165. no meio deles (.) só podia estar porque eles estavam lutando
166. **Helena:** o senhor não tinha visto a arma?
167. **Ernesto:** eu não tinha visto a arma e não vi arma nenhuma (.) e de repente surgiu
168. aquele tiro (0.2) aí eu vi quando um caiu no chão e o outro entrou no carro
169. e foi embora (.) aí logo em seguida encheu de gente (.) aí veio um outro carro
170. branco que foi o que socorreu a vítima
171. **Helena:** ãrrã (.) o senhor conhecia o motorista desse outro carro?
172. **Ernesto:** não
173. **Helena:** o senhor conhecia a vítima essa pessoa que foi agredida e baleada?
174. **Ernesto:** também não
175. **Helena:** também não (.) esse o senhor não conhecia nem de vista?
176. **Ernesto:** nem de vista
177. **Helena:** essa outra pessoa a quem o senhor se referiu era uma mulher? também estava
178. ali? esta pessoa dizia alguma coisa?
179. **Ernesto:** sim (.) teve uma no caso que entrou no carro e seguiu
180. **Helena:** certo
181. **Ernesto:** a outra no caso socorreu e saiu junto
182. **Helena:** essas duas mulheres a quem o senhor se referiu estavam presentes no local?
183. **Ernesto:** uma só
184. **Helena:** uma só (.) a que socorreu ou a que entrou no carro?
185. **Ernesto:** a que socorreu
186. **Helena:** a que socorreu (.) o senhor Dagoberto estava sozinho no carro?
187. **Ernesto:** sim
188. **Helena:** ele entrou dentro do carro e saiu sozinho?
189. **Ernesto:** sim
190. **Helena:** esta mulher a quem o senhor se refere também não conhecia?
191. **Ernesto:** não
192. **Helena:** e depois desses fatos não viu ela nunca mais?
193. **Ernesto:** não nunca mais eu vi (.) costumo descer lá pra jogar bola e nunca mais
194. eu vi
195. **Helena:** seu Ernesto o senhor conhece a dona Claudete Souza?
196. **Ernesto:** não
197. **Helena:** o senhor conhece a rua da Comunidade né?
198. **Ernesto:** sim
199. **Helena:** conhece (.) esses fatos aconteceram nas proximidades do número cento e vinte
200. da rua da Comunidade na parada quinze (0.2) o senhor sabe:::conhece alguma
201. pessoa que more ali nas proximidades do número cento e vinte da rua da
202. Comunidade?
203. **Ernesto:** olha (0.2) mediante esse número não
204. **Helena:** nas proximidades do local onde aconteceram os fatos o senhor conhece alguma
205. pessoa que more ali?
206. **Ernesto:** eu conheço no caso mas mora mais no final (.) até no caso é uma cliente
207. minha
208. **Helena:** ãrrã (.) o senhor diz mais no final que número?
209. **Ernesto:** trezentos e quarenta (.) bem no final da rua
210. **Helena:** o senhor me disse que trabalha como radio técnico (.) trabalha onde?
211. **Ernesto:** no momento eu estou com a oficina em casa
212. **Helena:** o senhor está com uma oficina em casa?
213. **Ernesto:** sim
214. **Helena:** o senhor sabe com o que o seu Dagoberto trabalha?
215. **Ernesto:** olha eu vejo dizer que ele é pedreiro
216. **Helena:** ãrrã (.) o senhor ouviu dizer que ele trabalha como pedreiro?
217. **Ernesto:** sim
218. **Helena:** e essas pessoas:::eu lhe pergunto isso pelo seguinte (0.2) essas pessoas a dona
219. Claudete Souza e a dona Nilda Pereira quando foram procuradas pela polícia

220. para prestarem esclarecimentos da forma de localização da esposa da vítima e
 221. esclarecimento sobre quem pudesse ter visto esses fatos elas não quiseram
 222. prestar informações dizendo que eram ameaçadas pelo réu (.) o senhor tem
 223. conhecimento de que o seu Dagoberto tenha fama ali na localidade de ser uma
 224. pessoa violenta?
 (0.7)
225. **Ernesto:** olha que eu sei que eu saiba não
 226. **Helena:** o conceito dele na localidade qual é? continua morando ali?
 227. **Ernesto:** sobre isso eu não posso lhe responder porque eu não sei
 228. **Helena:** arrã
 229. **Ernesto:** mas sobre:::pelo que eu vejo falar sobre:::eu não vejo ninguém falar mal
 230. dele ali
 231. **Helena:** e de bem?
 232. **Ernesto:** nem de mal nem de bem
 233. **Helena:** tá certo (.) o Ministério Público tem a palavra
 234. **Ricardo:** nada
 235. **Helena:** a defesa?
 236. **Sônia:** nada excelência
 237. **Helena:** nada mais

Excerpt 22 has been taken from this transcript. Rogério witnessed a murder while returning from a soccer game.

1. **Helena:** depoimento de Rogério Santos (.) brasileiro servente (0.2) compromissado e
 2. advertido (.) cientificado da imputação (0.2) muito bem seu Rogério o senhor
 3. tem conhecimento desses fatos?
 4. **Rogério:** assisti ã:::eu vinha subindo do campo e vi que eles estavam em discussão (.) aí
 5. começaram a brigar e um magro tava com a arma na mão (.) aí nós passamos por
 6. eles (.) aí quando vi escutei o tiro e não vi mais nada
 7. **Helena:** arrã
 8. **Rogério:** juntou bastante gente da rua
 9. **Helena:** arrã (.) isso foi no dia dezessete de novembro?
 10. **Rogério:** é foi num domingo
 11. **Helena:** foi num domingo (.) que horas mais ou menos isto aconteceu?
 12. **Rogério:** umas seis horas eu acho que era
 13. **Helena:** seis horas da tarde aproximadamente?
 14. **Rogério:** mais ou menos
 15. **Helena:** e o senhor disse que ouviu uma discussão?
 16. **Rogério:** eles estavam discutindo né?
 17. **Helena:** discutiam sobre o quê?
 18. **Rogério:** ah! passei e não prestei atenção (.) não pude parar
 19. **Helena:** como?
 20. **Rogério:** não ia parar (0.2) continuei caminhando (.) só sei que estavam discutindo
 21. **Helena:** o senhor não parou então?
 22. **Rogério:** não (.) continuei caminhando daí de pois eu ouvi o tiro
 23. **Helena:** então o senhor passou por ali e viu duas pessoas discutindo=
 24. **Rogério:** =certo
 25. **Helena:** e passou por elas e nem parou pra olhar=
 26. **Rogério:** =CLARO
 27. **Helena:** aí mais adiante o senhor ouviu o tiro e se virou? foi isso?
 28. **Rogério:** sim senhora
 29. **Helena:** o senhor passou por eles quando discutiam ouviu o tiro e se virou? quando
 30. essas duas pessoas estavam discutindo então foi que o senhor viu a arma?
 31. **Rogério:** arrã (.) tava na mão
 32. **Helena:** na mão de quem?
 33. **Rogério:** do magro
 34. **Helena:** não é do seu Dagoberto? é do outro?
 35. **Rogério:** não

36. **Helena:** de quem no fim foi baleado?
 37. **Rogério:** é
 38. **Helena:** o senhor depois se virou e foi até o local?
 39. **Rogério:** não eu vi de longe
 40. **Helena:** o senhor não foi até o local?
 41. **Rogério:** não (.) tinha bastante gente
 42. **Helena:** o senhor conhecia as outras pessoas que estavam lá?
 43. **Rogério:** sim (.) tinha o Ernesto que estava com nós
 44. **Helena:** fora esses que estavam com vocês
 45. **Rogério:** de nome não
 46. **Helena:** mas conhece de vista?
 47. **Rogério:** de vista
 48. **Helena:** pode informar quem são?
 (1.2)
 49. **Rogério:** s::im
 50. **Helena:** se o oficial de justiça for lá na sua casa o senhor nos leva até essas pessoas?
 (1.4)
 51. **Rogério:** é::sim
 52. **Helena:** o senhor conhecia a vítima?
 53. **Rogério:** não
 54. **Helena:** não (.) e a esposa da vítima também não?
 55. **Rogério:** também não
 56. **Helena:** quem o senhor conhecia de vista que estava lá? eram vizinhos? pessoas que moravam na localidade?
 57. **Rogério:** pessoas que moram ali
 58. **Helena:** eles estavam no meio da rua?
 60. **Rogério:** é
 61. **Helena:** ali é uma rua de chão batido?
 62. **Rogério:** arrã
 63. **Helena:** tem calçada?
 64. **Rogério:** não (.) tem só a rua
 65. **Helena:** eles estavam perto de alguma casa ou de algum bar? como é que era?
 66. além da rua propriamente dita o senhor enxergava mais alguma coisa?
 67. **Rogério:** tinha uma camioneta branca
 68. **Helena:** eles estava na frente ou ao lado da camioneta?
 69. **Rogério:** estavam na frente do lado dela encostado no meio dela
 70. **Helena:** estavam no meio da rua (.) não era do lado correspondente a calçada?
 71. **Rogério:** é
 72. **Helena:** eles estavam do lado correspondente ao do motorista ou do lado correspondente ao do::do=
 74. **Rogério:** =do motorista
 75. **Helena:** do motorista (.) havia casas ali nas proximidades do local?
 76. **Rogério:** tem
 77. **Helena:** é uma rua onde tem casas?
 78. **Rogério:** claro
 79. **Helena:** o senhor viu uma mulher?
 80. **Rogério:** mulher?
 81. **Helena:** é que eu vou lhe dizer o seguinte (0.2) é que o seu colega que esteve aqui agora o:::seu Ernesto que estava jogando futebol junto com o senhor naquele dia (.) ele nos disse que viu uma mulher que foi a pessoa que justamente que após:s ajudou a socorrer a vítima (.) o senhor viu esta mulher?
 82.
 83.
 84.
 85. **Rogério:** tinha eu vi (.) só não sei=
 86. **Helena:** =ela estava onde?
 87. **Rogério:** numa casa assim na frente
 88. **Helena:** o senhor chegou a ver ela saindo da casa?
 89. **Rogério:** arrã
 90. **Helena:** essa casa fica no mesmo alinhamento do local onde estava o automóvel?
 91. **Rogério:** mais pra baixo
 92. **Helena:** mais pra baixo (.) quantos metros mais ou menos?
 93. **Rogério:** cinco ou seis metros eu acho

94. **Helena:** muito próximo então?
95. **Rogério:** sim=
96. **Helena:** =só pra nós entendermos melhor (0.2) este carro estava estacionado né?
97. **Rogério:** sim
98. **Helena:** estava estacionado no mesmo lado da calçada onde fica esta casa?
99. **Rogério:** do mesmo lado? (0.2) não (.) ao contrário (.) na frente
100. **Helena:** do lado oposto da casa?
101. **Rogério:** é
102. **Helena:** e essa outra pessoa a:::a vítima (.) este que depois caiu (.) o senhor chegou a ver de onde ele veio?
- 103.
104. **Rogério:** não cheguei a ver
105. **Helena:** isso o senhor não viu?
106. **Rogério:** não (.) só vi que eles estavam discutindo
107. **Helena:** quando o senhor passou por eles eles já estavam discutindo?
108. **Rogério:** sim
109. **Helena:** depois o senhor me disse que seguiu reto
110. **Rogério:** continuei caminhando né?
111. **Helena:** continuou caminhando (.) eu lhe faço essa pergunta pelo seguinte (0.2) agora o senhor me disse que viu a arma né? (.) na mão dessas pessoas e depois ouviu o tiro (0.2) o senhor viu duas pessoas empunhando discutindo e uma empunhando a arma?
- 112.
- 113.
- 114.
115. **Rogério:** sim senhora
116. **Helena:** esta pessoa que estava empunhando a arma era em direção de alguém ou apenas estava com a arma em punho?
- 117.
118. **Rogério:** não (.) apontava
119. **Helena:** na direção do outro? =
120. **Rogério:** =do outro
121. **Helena:** esles discutiam alterados?
122. **Rogério:** alterados (.) o outro tava NERVOSO e dizia muito nome (0.2) mas só
123. isso que de::u é::foi pra ver
124. **Helena:** ãrrã (.) o senhor percebia que alguma das pessoas pudesse estar embriagada
125. pela forma como falava?
126. **Rogério:** pelo jeito dele ele estava mesmo
127. **Helena:** pelo jeito ele estava embriagado? visivelmente embriagado?
128. **Rogério:** é ele estava (0.2) falando com a voz arrastando
129. **Helena:** falando com a voz [arrastando
130. **Rogério:** [falando nome do jeito que ele falava
131. **Helena:** falava é?
132. **Rogério:** e nome toda hora
133. **Helena:** o senhor já viu cenas semelhantes a esta com muita frequência? uma
134. pessoa com uma arma empunhada para a outra apontando na
135. direção da outra? o senhor já viu com muita frequência?
136. **Rogério:** não muito
137. **Helena:** o:::utras vezes o senhor já viu? alguma outra vez?
138. **Rogério:** não
139. **Helena:** foi a primeira vez que o senhor viu isso?
140. **Rogério:** sim senhora
141. **Helena:** eu lhe pergunto isso pelo seguinte (.) se::u Rogério (0.2) eu vô lhe dizer com toda a::: vou lhe fazer um questionamento ã::: no seguinte
142. sentido (0.2) dentro da linha normal dos acontecimentos (.) quando uma
143. pessoa vê uma briga e uma pessoa armada (.) ela não pa::ssa
144. normalmente e segue caminhando (0.2) ela ou se esconde com medo
145. de um tiro ou pára pra olhar (0.2) e o senhor me disse que viu uma
146. pessoa empunhando a arma e discutindo com a outra e
147. seguiu caminhando normalmente=
148. =CLARO! (.) mas PARÁ POR QUÊ?
149. **Rogério:** (1.6)
150. **Helena:** PARÁ POR QUÊ? (0.2) tá bem (1.5)
151. **Helena:** o senhor já conhecia o seu Dagoberto?

152. Rogério: não
 153. Helena: não (.) o senhor mora por ali seu Rogério?
 154. Rogério: eu moro na rua Rio Velho lá em baixo
 155. Helena: o senhor é vizinho do seu Ernesto?
 156. Rogério: sou
 157. Helena: seu Ernesto nos referiu que o seu Dagoberto tem uma filha que é::vizinha de
 158. vocês (0.2) o senhor conhece ela?
 159. Rogério: ãrrã
 160. Helena: o senhor conhece ela há muito tempo?
 (0.8)
 161. Rogério: não muito tempo
 162. Helena: há mais ou menos quanto tempo?
 163. Rogério: acho que um ano eu acho (.) nem isso
 164. Helena: um ano=
 165. Rogério: =mas só de vista
 166. Helena: como é o nome dela?
 167. Rogério: é Sandra
 168. Helena: Sandra (.) ela é casada?
 (0.9)
 169. Rogério: não sei
 170. Helena: não sabe (.) ela mora sozinha?
 171. Rogério: não
 172. Helena: tem um companheiro?
 173. Rogério: acho que tem sim
 174. Helena: tem filhos?
 175. Rogério: parece que tem uma guriazinha
 176. Helena: o senhor é casado?
 177. Rogério: não
 178. Helena: não né? o senhor já me disse que é solteiro (0.2) mas o senhor tem uma
 179. companheira?
 180. Rogério: não
 181. Helena: também não (.) o senhor mora com os seus pais?
 182. Rogério: moro sozinho
 183. Helena: sozinho (.) e o seu Ernesto mora sozinho?
 184. Rogério: não (.) ele mora com a família dele com a mãe dele
 185. Helena: ele mora com a mãe e com o pai? não tem companheira?
 186. Rogério: não
 187. Helena: o senhor sabe o nome do companheiro da dona Sandra?
 188. Rogério: não não sei
 189. Helena: não sabe? só sabe o nome dela?
 190. Rogério: o nome dela eu sei=
 191. Helena: =seu Ernesto nos relatou também que conhecia o seu Dagoberto porque ele
 192. freqüentava a casa da filha (.) o senhor não conhecia o seu Dagoberto? nunca
 193. tinha visto ele lá na Rio Velho?
 194. Rogério: não
 195. Helena: só conheceu depois desses fatos?
 196. Rogério: é
 197. Helena: o senhor sabe quem socorreu a vítima?
 198. Rogério: não sei (.) tinha um monte de gente lá
 199. Helena: depois desses fatos o senhor procurou se informar quem fosse a vítima?
 200. onde mora::on::de é que ele morava? e porquê tinha acontecido os fatos?
 201. Rogério: não
 202. Helena: nem procurou saber nada?
 203. Rogério: não (0.2) depois a Sandra que me falou se eu tinha visto (.) tava comentando com
 204. o Ernesto também (.) por isso que eu vim aqui mas nã::o
 205. Helena: como é que a Sandra chegou até o senhor?
 206. Rogério: ela falou com o Ernesto perguntando se alguém tinha visto o que tinha
 207. acontecido (0.2) daí falou que nós estávamos tudo junto (.) foi assim
 208. Helena: foi através do Ernesto então que a Cristina chegou até o senhor?
 209. Rogério: do Ernesto

210. **Helena:** ela esteve na sua casa?
 211. **Rogério:** esteve
 212. **Helena:** quem mais esteve lá presente além do senhor e dos seus companheiros de futebol?
 214.
 215. **Rogério:** os moradores dali
 216. **Helena:** os moradores dali (.) o senhor conhece a dona Claudete Souza?
 217. **Rogério:** não conheço
 218. **Helena:** o senhor conhece a rua da Comunidade?
 219. **Rogério:** sim
 220. **Helena:** o senhor conhece por nome alguma pessoa que more ali na rua da Comunidade?
 221. ou nas proximidades de onde aconteceram esses fatos?
 222. **Rogério:** sim (.) agora de nome as::sim (.) tem o Paulo que eu conheço
 223. **Helena:** ele viu
 224. **Rogério:** não (.) dos que eu conheço assim não (0.2) só os outros que moram ali
 225. **Helena:** alguma pessoa que more nas proximidades da rua da Comunidade que tenha visto esses fatos? o senhor conhece por nome?
 226.
 227. **Rogério:** por nome não
 228. **Helena:** quando a dona Claudete Souza foi procurada pela delegacia para informar o endereço da esposa da vítima que não foi mais localizada naquela região (.)
 229. e também para esclarecer maiores detalhes a respeito desses fatos disse que
 230. estava sendo ameaçada pelo seu Dagoberto (0.2) houve algum comentário
 231. ali na vizinhança de que o seu Dagoberto estivesse ameaçando alguma pessoa?
 232.
 233. **Rogério:** que eu saiba não
 234. **Helena:** muito bem (.) obrigada (.) com a palavra o Ministério público
 235. **Ricardo:** nada
 236. **Helena:** defesa?
 237. **Sônia:** nada
 238. **Helena:** nada mais

Excerpt 12, 13 and 17 have been taken from this transcript. Luiz witnessed a murder while returning from a soccer game.

1. **Helena:** depoimento de Luiz Fontoura (.) compromissado e advertido cientificado da imputação (0.2) seu Luiz o senhor presenciou esses fatos?
 2.
 3. **Luiz:** presenciei
 4. **Helena:** o que que o senhor pode nos dizer? o que o senhor viu?
 5. **Luiz:** olha (.) estava vindo do jogo (.) fui jogar futebol (0.2) estava vindo do jogo e tinha um carro parado (.) eles estavam discutindo os dois (.) estavam discutindo e nós seguimos (.) eles começaram a gritar (0.2) eles começaram a lutar né? (.) com a arma ali (.) daqui a pouco deu o estouro (.) o tiro (.) foi só isso que eu vi
 6.
 7.
 8.
 9. **Helena:** então o senhor vinha vindo do futebol (.) o senhor o seu irmão e mais um colega seu
 10.
 11. **Luiz:** isso
 12. **Helena:** eram em três?
 13. **Luiz:** era
 14. **Helena:** era o senhor o seu irmão e quem era o terceiro?
 15. **Luiz:** era o Rogério
 16. **Helena:** o Rogério (.) o seu irmão disse que estavam em oito (.) eram oito ou eram três?
 17. **Luiz:** nós estávamos entre três
 18. **Helena:** ãrrã (.) e aí vocês vinham descendo a rua e viram o seu Dagoberto (.) o senhor já conhecia o seu Dagoberto? (.) o senhor mora com o seu irmão né? com o
 19. Ernesto?
 20.
 21. **Luiz:** sim
 22. **Helena:** o senhor já conhecia o seu Dagoberto?
 23. **Luiz:** já
 24. **Helena:** conhecia de onde?
 25. **Luiz:** ela::ele ia visitar a filha dele lá na::na minha rua (0.2) ela mora na minha rua a Sandra?
 26. **Helena:**

27. **Luiz:** isso
28. **Helena:** a Sandra o senhor conhecia há quanto tempo? é vizinha lá há bastante tempo de vocês?
- 29.
30. **Luiz:** é vizinha há bastante tempo
31. **Helena:** quanto tempo mais ou menos?
32. **Luiz:** uns dois anos ou três eu acho
33. **Helena:** dois três anos (.) o senhor conhece o:::companheiro dela?
34. **Luiz:** qual companheiro?
35. **Helena:** o da Sandra
36. **Luiz:** conheço
37. **Helena:** como é o nome dele?
38. **Luiz:** é:::Rogério
39. **Helena:** Rogério?
40. **Luiz:** isso
(1.4)
41. **Helena:** e ela tem quantos filhos com o Rogério?
42. **Luiz:** tem um
43. **Helena:** o senhor sabe como é o nome dele?
44. **Luiz:** não
45. **Helena:** não sabe? é pequenininho?
46. **Luiz:** é pequena a criança
47. **Helena:** me diga uma coisa (.) o senhor sabe o nome completo da dona Sandra?
48. **Luiz:** não
49. **Helena:** não sabe (.) mas ela continua sendo sua vizinha?
50. **Luiz:** sim ela mora lá ainda
51. **Helena:** me diga uma coisa (.) o senhor trabalha de servente?
52. **Luiz:** servente
53. **Helena:** o senhor está trabalhando em alguma obra atualmente?
54. **Luiz:** não (.) no momento não no momento estou desempregado
55. **Helena:** tá desempregado (.) me diga uma coisa (.) o Rogério que é casado com a Sandra estava com vocês?
- 56.
57. **Luiz:** estava
58. **Helena:** o Rogério que é casado com a Sandra é o Rogério Santos?
59. **Luiz:** sim
60. **Helena:** esse rapaz que saiu daqui agora?
61. **Luiz:** sim
62. **Helena:** o seu Rogério o senhor já conhecia há mais tempo também? há esse mesmo tempo que o senhor conhece a dona Sandra?
- 63.
64. **Luiz:** sim
65. **Helena:** certo (.) então o senhor vinha vindo do futebol junto com o seu Ernesto e o seu Rogério o companheiro da Sandra que é genro do seu Dagoberto (.) é isso?
- 66.
67. **Luiz:** é
68. **Helena:** e aí o que que vocês viram?
69. **Luiz:** o carro estava estacionado na hora que nós estávamos subindo (0.2) tava estacionado o carro e os dois estavam conversando
- 70.
71. **Helena:** os dois estavam conversando (.) e aí?
72. **Luiz:** é e aí os dois começaram a discutir (0.3) nós continuamos seguindo (.) caminhando
- 73.
74. **Helena:** mas o Rogério viu o SOGRO dele discutindo e não parou?
75. **Luiz:** não
76. **Helena:** ele não se dava com o sogro?
77. **Luiz:** não sei
78. **Helena:** o senhor não sabe (.) mas o senhor sabia que era sogro dele?
79. **Luiz:** sabia
80. **Helena:** ãrrã (0.2) eles estavam conversando?
81. **Luiz:** isso (.) de repente eles começaram a discutir né? aí o:::pegaram a arma (0.2)
82. um deles ta:::va::: tava com a arma e aí começaram a lutar com a arma na mão=
83. **Helena:** =NÃO (0.2) só vamos ver o seguinte (0.3) o senhor estava caminhando que e disse que não parou
- 84.
85. **Luiz:** isso

86. **Helena:** o senhor estava acompanhando o seu Rogério (0.2) seu Rogério não parou o
87. senhor também não parou
88. **Luiz:** certo
89. **Helena:** então eu:::isso tudo me faz pensar seu Luiz que o senhor estava
90. caminhando (.) seguiu caminhando (.) então ficou de COSTAS pra eles?
91. **Luiz:** sim
92. **Helena:** o senhor não VIU então?
93. **Luiz:** só escutei o tiro
94. **Helena:** então o senhor estava caminhando e vocês não pararam seguiram caminhando e
95. escutou o tiro?
(Luiz balança a cabeça afirmativamente)
96. **Helena:** seu Luiz (.) nunca me responda balançando a cabeça porque nós estamos
97. gravando tudo (.) tudo está sendo gravado
98. **Luiz:** certo
99. **Helena:** aí quando se virou viu a vítima caída no chão?
100. **Luiz:** sim
101. **Helena:** o seu Ernesto e o seu Rogério estavam ao lado do senhor?
102. **Luiz:** sim
103. **Helena:** nenhum dos dois parou o senhor também não parou (.) foi assim?
104. **Luiz:** isso
105. **Helena:** eles também estavam de costas quando esses fatos aconteceram?
106. **Luiz:** sim
107. **Helena:** quando o senhor passou por eles o senhor me disse que eles estavam
108. conversando
109. **Luiz:** sim estavam conversando
110. **Helena:** não era discutindo?
111. **Luiz:** poderia ser (.) eles estavam conversando em voz alta
112. **Helena:** poderia ser eles estavam conversando em voz alta (0.2) seu Luiz (.) existe
113. uma diferença entre discussão e conversa né?
114. **Luiz:** sim
115. **Helena:** o senhor conversa e às vezes o senhor discute
116. **Luiz:** sim
117. **Helena:** o senhor pode conversar em voz alta mas conversar em voz alta não é a
118. mesma coisa que discutir né? eles estavam discutindo ou conversando?
119. **Luiz:** estavam discutindo
120. **Helena:** estavam discutindo (.) o senhor chegava a ouvir o que eles falavam?
121. **Luiz:** não
122. **Helena:** não? (.) o senhor não tinha condições de entender o que eles falavam?
123. **Luiz:** não
124. **Helena:** não conseguia ouvir uma palavra do que eles diziam
(Luiz balança a cabeça negativamente)
125. **Helena:** não? responda com palavras
126. **Luiz:** não
127. **Helena:** não dava pra ouvir nada nada nada?
128. **Luiz:** nada
129. **Helena:** nada (.) nenhuma palavra o senhor conseguia ouvir?
130. **Luiz:** nenhuma
131. **Helena:** mas eles não estavam gritando?
132. **Luiz:** ma eu estava longe deles (.) eu estava longe deles
133. **Helena:** o senhor não podia escutar?
134. **Luiz:** não
135. **Helena:** mas o senhor não passou ao lado?
136. **Luiz:** sim
137. **Helena:** qual é a largura dessa rua seu Luiz?
138. **Luiz:** a largura? deve ter uns quatro metros de largura eu acho
139. **Helena:** mais ou menos?
140. **Luiz:** mais ou menos
141. **Helena:** mais o espaço de largura para as pessoas caminharem?
142. **Luiz:** é (.) mais ou menos
143. **Helena:** mais ou menos isso aí então (.) o senhor passou pelo lugar correspondente

144. a calçada?
145. **Luiz:** sim
146. **Helena:** então o senhor passou a uma distância de mais ou menos três ou quatro metros?
147. **Luiz:** por aí
148. **Helena:** por aí (.) o senhor à três metros de distância não podia ouvir o que duas pessoas discutiam em voz alta?
- 149.
150. **Luiz:** não escutei eu vinha conversando com o meu irmão
151. **Helena:** o senhor vinha conversando com o seu irmão (.) os senhores estavam
152. entã::o viram que tinham duas pessoas ali discutindo em voz alta mas a
153. discussão não chegou a chamar a atenção de vocês? tanto que vocês
154. continuaram conversando?
155. **Luiz:** sim
156. **Helena:** e depois o senhor ouviu o tiro?
157. **Luiz:** escutei o tiro
158. **Helena:** o senhor continuou conversando normalmente com o seu irmão (.) a atenção
159. do seu irmão também não foi chamada para essa discussão? ele também não
160. fico::u não lhe disse olha ali tá dando uma briga (.) não houve esse comentário?
161. **Luiz:** não
162. **Helena:** o seu irmão não lhe disse olha ali tem gente armada vamos correr vai dar tiro
163. alguma coisa assim?
164. **Luiz:** não
165. **Helena:** nem o seu Rogério?
166. **Luiz:** não
167. **Helena:** o seu Rogério também estava conversando com vocês?
168. **Luiz:** não (.) ele tava calado mas não falou nada
169. **Helena:** como é que vocês vieram depor?
170. **Luiz:** como?
171. **Helena:** como é que vocês chegaram até aqui? os senhores vieram porque foram
172. arrolados pela defesa do seu Dagoberto certo?
173. **Luiz:** sim
174. **Helena:** alguém procurou vocês pra vocês prestarem depoimento? quem foi que
175. procurou o senhor?
176. **Luiz:** foi a Sandra
177. **Helena:** a Sandra lhe procurou (.) o que ela pediu?
178. **Luiz:** ela ficou sabendo que eu tinha passado por lá e foi lá em casa e perguntou se
179. eu podia vir (.) aí recebi a notificação
180. **Helena:** ela perguntou se o senhor podia vir aqui dizer o quê?
181. **Luiz:** sobre o que ocorreu
182. **Helena:** o seu Rogério conversou com o senhor também?
183. **Luiz:** não
184. **Helena:** não (.) seu Luiz o senhor mora ali na Lomba do Pinheiro né?
185. **Luiz:** isso
186. **Helena:** esses fatos aconteceram na parada quinze e o senhor mora na parada dezesseis?
187. **Luiz:** isso
188. **Helena:** o senhor conhece o pessoal que mora na parada quinze?
189. **Luiz:** não (.) só dois rapazes que estavam no jogo coma gente
190. **Helena:** estavam também no jogo?
191. **Luiz:** é que moram ali na quinze
192. **Helena:** quem são eles?
193. **Luiz:** eu só conheço por apelido
194. **Helena:** como é o apelido deles?
195. **Luiz:** um é Pelado e o outro é:::o outro eu não me lembro
196. **Helena:** a vítima o senhor já disse que não conhecia
197. **Luiz:** não conhecia
198. **Helena:** o senhor viu alguma mulher ali enquanto acontecia essa discussão? o senhor
199. viu se tinha uma mulher ali perto tentando apartar ou se envolvendo na
200. discussão?
201. **Luiz:** não (.) não vi
202. **Helena:** depois que houve o tiro o senhor se virou pra ver o que tinha acontecido?
203. **Luiz:** sim

204. **Helena:** se virou e viu o quê?
205. **Luiz:** ele entrou no carro né? e subiu
206. **Helena:** e a vítima ficou caída?
207. **Luiz:** ficou
208. **Helena:** e o revólver ficou onde?
209. **Luiz:** não vi a arma tinha muita gente na frente que vieram socorrer
210. **Helena:** muita gente veio pra socorrer? o senhor conhece alguma dessas pessoas?
211. **Luiz:** não
212. **Helena:** ninguém?
213. **Luiz:** ninguém
214. **Helena:** nada mais (.) Ministério Público
215. **Norton:** sem perguntas
215. **Helena:** defesa?
216. **Neusa:** (balança a cabeça negativamente)
217. **Helena:** nada?
218. **Neusa:** nada mais
219. **Helena:** nada mais
(2.7)
220. a seguir pela doutora juíza foi dito que declarava encerrada a instrução e
221. determinava fossem intimadas as partes do prazo do artigo quatrocentos
222. e seis após a transcrição deste depoimento (.) nada mais

REFERENCES

- Aston, G. (1995). Say 'Thank you'. Some pragmatic constraints in conversational closings. Applied Linguistics, 16 (1), 57-86.
- Atkinson, J. M. (1992). Displaying neutrality: Formal aspects of informal court proceedings. In P. Drew & Heritage (Eds.), Talk at work: Interaction in institutional settings, (pp. 199-211). Cambridge: Cambridge University Press.
- Carneiro, A. G. (1999). Audiência de instrução e julgamento e audiências preliminares. Rio de Janeiro: Revista Forense.
- Delmanto, C. (1991). Código penal comentado. Rio de Janeiro: Renovar.
- Drew, P. (1992). Contested evidence in courtroom cross-examination: The case of a trial for rape. In P. Drew & J. Heritage (Eds.), Talk at work: Interaction in institutional settings, (pp. 470-520). Cambridge: Cambridge University Press.
- Drew, P., & Heritage, J. (1992). Analyzing talk at work: An introduction. In P. Drew & Heritage (Eds.), Talk at work: Interaction in institutional settings, (pp. 3-65). Cambridge: Cambridge University Press.
- Duranti, A. (1997). Linguistic anthropology. Cambridge: CUP.
- Erickson, F. (1988). Ethnographic description. In Ulrich Ammon, Norbert Dittmar & Klaus Mattheier (Eds.), Sociolinguistics, (Vol. 2, pp. 1081-1095). Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Erickson, F., & Shultz, J. (1981). When is a context? Some issues and methods in the analysis of social competence. In J. L. Green & C. Wallat (Eds.), Ethnography and Language in educational settings, (pp. 147-160). Norwood, NJ: Ablex.

- Garcez, P. M. (1991). Conflicting conversational styles in a cross-cultural business negotiation. Unpublished master's thesis (Graduate Program in English) Florianópolis: Federal University of Santa Catarina.
- Garcez, P. M. (in press). Formas institucionais de fala-em-interação e conversa cotidiana: Elementos para a distinção a partir da atividade de argumentar. PaLavra.
- Gesser, A. (1999). Teaching and learning brazilian sign language as foreign language: A microethnographic description. Unpublished master's thesis (Graduate Program in English) Florianópolis: Federal University of Santa Catarina.
- Gumperz, J. J. (1982). Discourse strategies. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jefferson, G. (1984). On the organization of laughter in talk about troubles. In J. M. Atkinson & J. Heritage (Eds.), Structures of social action, (pp. 346-369). Cambridge: Cambridge University Press.
- Komter, M. (1999). Dilemmas in the courtroom. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Maynard, D. W. (1984). Inside plea bargaining: The language of negotiation. New York: Plenum.
- Oliveira, J. (1994). Código de processo civil. São Paulo: Saraiva.
- Pomerantz, A. (1984). Giving a source or basis: The practice in conversation of telling 'how I know'. Journal of Pragmatics, 8, 607-625.
- Ribeiro, B., & Garcez, P. (Eds.). (1998). Sociolinguística interacional. Porto Alegre: AGE.
- Sachs, H. (1992). Lectures on conversation. In G. Jefferson (Ed.) Lectures on conversation. Cambridge: Blackwell

Shuy, W. R. (1996). Language crimes. Cambridge, MA: Blackwell.

Wagner, J. (1996). Foreign language acquisition through interaction: A critical review of research on conversational adjustments. Journal of Pragmatics, 26 (2), 215-235.

Walker, E. (1995). Making a bid for change: Formulations in union/management negotiations. In A. Firth (Ed.), The Discourse of Negotiation: Studies of Language in the Work Place, (101-140). Oxford: Birmingham.